

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

**PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: OS ARTEFATOS ZOOMORFOS E
ANTROPOMORFOS SAMBAQUIEIROS DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

JEFFERSON BATISTA GARCIA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. DIONE DA ROCHA BANDEIRA

JOINVILLE,

2018

JEFFERSON BATISTA GARCIA

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: OS ARTEFATOS ZOOMORFOS E
ANTROPOMORFOS SAMBAQUIEIROS DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado *Stricto Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) como requisito para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade sob orientação da Professora Dr^a. Dione da Rocha Bandeira.

JOINVILLE

2018

Ficha catalográfica

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

G216p	<p>Garcia, Jefferson Batista Patrimônio arqueológico: os artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaqueiros do estado de Santa Catarina / Jefferson Batista Garcia ; orientadora Dra. Dione da Rocha Bandeira. – Joinville: UNIVILLE, 2018.</p> <p>219 f. : il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Sambaquis. 2. Patrimônio cultural. 3. Arqueologia. I. Bandeira, Dione da Rocha (orient.). II. Título.</p> <p>CDD 930.1</p>
-------	---

Elaborada por Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB-14/1401

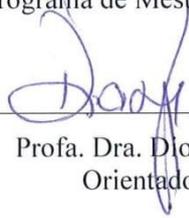
Termo de Aprovação

“ Patrimônio Arqueológico: Os Artefatos Zoomorfos e Antropomorfos Sambaquieiros do Estado de Santa Catarina”

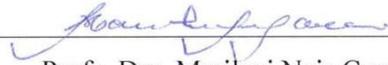
por

Jefferson Batista Garcia

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

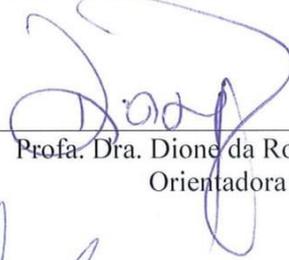


Prof. Dra. Dione da Rocha Bandeira
Orientadora (UNIVILLE)

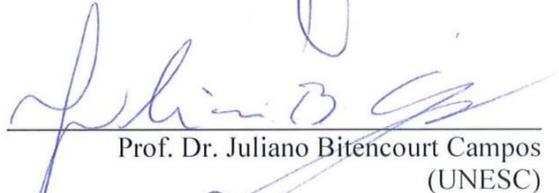


Prof. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

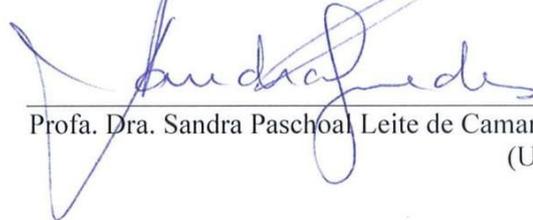
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Dione da Rocha Bandeira
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos
(UNESC)



Prof. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
(UNIVILLE)



Prof. Dra. Nadja de Carvalho Lamas
(UNIVILLE)

Joinville, 30 de agosto de 2018.

A todos os meus amigos e familiares que acompanharam, de perto, a verdadeira *Odisseia* que foi realizar esse mestrado. Contudo, assim como o *Odisseu*, no final, consegui chegar em minha *Ítaca* e a minha Penélope.

AGRADECIMENTOS

Agradeço (*in memoriam*) a duas personalidades que, através do seu legado de pesquisa arqueológica, se fazem fundamentais para a Arqueologia brasileira até os dias de hoje: Pe. João Alfredo Rohr e Guilherme Tiburtius! No entanto, meus mais profundos agradecimentos à pessoa que confiou no meu comprometimento e aceitou o desafio de me orientar, durante dois importantes anos da minha vida: Prof.^a Dr.^a Dione da Rocha Bandeira! Que esse tenha sido o primeiro de muitos trabalhos em conjunto!

Agradeço a todos os docentes do Programa de Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) que tive a oportunidade de ser aluno; a todos os colegas de turma, onde tivemos excelentes e, algumas vezes, acalorados debates sobre as nossas pesquisas. Agradeço a oportunidade da convivência e aprendizados com todos os participantes do ArqueoCult, onde, através das nossas reuniões, foi possível conhecer e debater muitas teorias que foram de vital importância para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado. Agradeço a Jéssica Ferreira por sua enorme contribuição na classificação biológica da fauna representada em rocha (zoólitos) que realizamos após o desenvolvimento das fichas de atributos dos artefatos analisados.

Meus agradecimentos ao Colégio Catarinense, mantenedor do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, que são responsáveis por um dos maiores acervos arqueológicos do Brasil, desde 1909.

À equipe do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), em especial a conservadora Adriana, que nos deram todas as condições para pesquisa no local.

Aos docentes Dr. Juliano Bitencourt Campos (UNESC), Dr.^a Nadja de Carvalho Lamas (UNIVILLE), e Dr.^a Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes (UNIVILLE) por terem aceitado o convite em participar da nossa banca examinadora.

Ao amigo Dr. José Hidalgo, por ter, gentilmente, trazido ao nosso conhecimento a presença de um zoólito sambaquieiro na Espanha.

À historiadora Joyce Leticia, do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, pela apresentação de um novo zoólito na reserva técnica do museu onde trabalha.

À Univille, pela concessão de bolsa parcial, através do Fundo de Amparo à Pesquisa.

Publicar os resultados obtidos nas escavações é um princípio sagrado na Arqueologia. Sem isto a escavação equivale a destruição do livro da Pré-História, sem documentá-la devidamente e transmiti-la à posterioridade.

João Alfredo Rohr - Arqueólogo

28/12/1975

RESUMO

Nossa pesquisa procurou analisar a presença dos artefatos zoomorfos sambaqueiros no estado Santa Catarina, para compreendê-los na perspectiva do Patrimônio Cultural. Para tanto, foram consultadas as coleções arqueológicas de zoólitos do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” (MHS), em Florianópolis. Com isso, foi possível identificarmos, nas reservas técnicas, zoólitos inéditos nunca registrados pela literatura especializada em museus de Santa Catarina e fora do país, como foi o caso do *Museo de América*, em Madri, Espanha. A presente dissertação também identificou documentações históricas, iconográficas e manuscritos igualmente nunca consultados, no Arquivo Histórico do MHS. Desenvolvemos fichas de atributos para as peças zoomorfas, com dez campos específicos, que nos permitiram calibrar as informações sobre os artefatos como medições, pesagem, matéria-prima, procedência e espécie biológica representada. Identificamos os sambaquis catarinenses que apresentaram zoólitos, quantos sepultamentos estavam associados e a dispersão das peças pelo local. Elaboramos tabelas que nos permitiram corrigir as procedências de alguns zoólitos, que a historiografia temática havia atribuído erroneamente e para a dispersão sambaquis/zoólitos/sepultamentos. Os resultados do nosso estudo indicaram o grande potencial de pesquisa que ainda há sobre os artefatos zoomorfos sambaqueiros assim como nos mostraram novas possibilidades de pesquisa na medida em que foi possível encontrar esses artefatos fora do país. O presente estudo nos levou a considerar a presença dos zoólitos como um traço identitário, na perspectiva da identidade cultural que considera a partilha de uma mesma essência por indivíduos de um determinado grupo, neste caso, as sociedades sambaqueiras que confeccionaram esculturas zoomorfas em Santa Catarina.

Palavras-chave: Arqueologia; zoólitos; patrimônio; sambaquis.

ABSTRACT

Our research sought to analyze the presence of the zoomorphic artifacts in the state of Santa Catarina, to understand them in the perspective of Cultural Heritage. For this purpose, the archaeological collections of zooliths of the Sambaqui Archaeological Museum of Joinville (MASJ) and the Man Museum of the Sambaqui were consulted "Fr. João Alfredo Rohr, S.J. "(MHS), in Florianópolis. With this, it was possible to identify, in the technical reserves, unpublished zooliths never registered by the specialized literature in museums of Santa Catarina and outside the country, as was the case of the Museo de América, in Madrid, Spain. The present dissertation also identified historical, iconographic and manuscripts that have never been consulted in the MHS Historical Archives. We developed attribute sheets for the zoomorphic pieces, with ten specific fields, which allowed us to calibrate the information about the artifacts such as measurements, weighing, raw material, provenance and biological species represented. We identified the sambaquis from Santa Catarina that presented zooliths, how many burials were associated and the dispersion of the pieces by the place. We elaborated tables that allowed us to correct the origins of some zooliths, which the thematic historiography had erroneously attributed and to the dispersion of sambaquis / zooliths / burials. The results of our study indicated the great research potential that still exists on the sphinx zoomorphic artifacts as well as showing us new possibilities of research as far as it was possible to find these artifacts outside the country. The present study led us to consider the presence of zooliths as an identity trait in the perspective of the cultural identity that considers the sharing of the same essence by individuals of a certain group, in this case the sambaqueiras societies that made zoomorphic sculptures in Santa Catarina.

Keywords: Archeology; zooliths; heritage; sambaquis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Zoólito Platiforme do Sambaqui de Imaruí, Pescaria Brava, 1973.....	28
Figura 02: Mapa geral da distribuição dos zoólitos por município.....	30
Figura 03: Hipsometria do estado de Santa Catarina.....	31
Figura 04: Zoólito como mobília fúnebre no sepultamento do sambaqui Cubatãozinho, Joinville, SC.....	33
Figura 05: Sambaqui Saí-Guaçu, Garuva, SC. Dimensões: 100 x 60 x 17 m (ROHR, 1984, p. 134).....	35
Figura 06: Planta baixa do Sambaqui Conquista nº 9.....	40
Figura 07: Fragmentos de cerâmicas encontrados no Sambaqui da Taperinha.....	51
Figura 08: Pesquisa arqueológica no Sambaqui Casa de Pedra, 2016/2.....	53
Figura 09: <i>People on top of a shell mound - Saint Petersburg, Florida.</i> ca 1903. Black & white photoprint, 8 x 10 in. State Archives of Florida, Florida Memory.....	54
Figura 10: Reconstrução em 3D de uma tipologia dos <i>shell rings</i> da Geórgia, EUA.....	55
Foto 11: Desenhos técnicos feitos pela comitiva de K. Steinen, sobre a cerâmica zoomorfa Waurá, no século XIX.....	56
Figura 12: Zoomorfo em madeira, representando uma coruja, feita pelos Guarani da aldeia Tiaraju, Araquari, SC. Dimensões: 15 x 4,5 cm.....	57
Figura 13: Zoólito encontrado no Sambaqui da Pescaria Braba, Imaruí, SC, 1973. Adquirido por João Alfredo Rohr.....	58
Figura 14: Vênus de Laussel, descoberta em 1909, tem 46 cm. Sua datação pertence ao período do Paleolítico Superior.....	59
Figura 15: Antropolito encontrado na cidade uruguaia de Mercedes, 1892.....	60

Figura 16: Antropomorfa da cultura <i>Muisca</i> . Representação feminina. 600 d. C. – 1600 d. C. 10,9 x 3,7 cm.....	62
Figura 17: Zoomorfo da cultura <i>Zenú</i> . 200 a. C. – 700 d. C. 3,8 x 3,1 cm.....	63
Figura 18: Zoólito chileno. Acervo do <i>Museo Arqueologico de La Serena</i> , Chile.....	64
Figura 19. Antropolito do Sambaqui Morro Grande, Iguape, SP. 10 x 4 x 8 cm.....	65
Figura 20. Zoólito encontrado em Capão do Leão, RS. 13,5 x 57,2 x 22,3 cm.....	66
Figura 21: Sambaqui da Garopaba do Sul, em Jaguaruna, 1973, parcialmente destruído pelos fabricantes de cal.....	69
Figura 22: Sambaqui da Praia Grande II, Morrete, São Francisco do Sul, SC. 100 x 100 x 15 de altura.....	73
Figura 23: Parte dos zoólitos da <i>Coleção Carlos Behrenhauser</i> sendo catalogada por Pe. Jorge A. Lutterbeck, S.J., Pe. Bertoldo Braun, S.J. e J. A. Rohr, 1950.....	76
Foto 24: Pe. João Alfredo Rohr, arrumando parte da coleção dos zoólitos para exposição do MHS, década de 1970.....	77
Foto 25: Um dos seis zoólitos platiformes apresentados por Oswaldo R. Cabral, em seu trabalho publicado no periódico dos “Americanistas”, 1970.	80
Figura 26: Tabela tipológica dos artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaquieiros proposta por Prous (1977)	82
Foto 27: Uma das fichas originais confeccionadas pelo Pe. Rohr, em 1948.....	84
Figura 28: Peça classifica como zoomorfa.....	86
Figura 29: Zoólito representando um <i>Dasyus novemcinctus</i> , tatu....	89
Figura 30: Possível representação de um <i>Hirundinidea sp</i> , andorinha, segundo Pe. Rohr.....	91
Figura 31: Coleção etnológica e arqueológica adquirida pela MHS, s/d.....	93
Figura 32: Zoólitos que teriam sido fotografados no antigo Posto Duque de Caxias, em Ibirama, SC pertencentes à coleção de Langes	

de Morretes. Segundo Kistner (2016), data de 1920, aproximadamente.....	94
Figura 33: Parte do material adquirido do antigo Museu de Artes e Ofícios de Florianópolis, no antigo <i>Museu do Gymnasio Catharinense</i> , 1926.....	95
Figura 34: Zoólito que foi enviado para Espanha pelo Capitão Genoino Verde, 1778.....	97
Figura 35: Mapa com as indicações do desembarque das tropas espanholas e do Forte de Araçatuba.....	99
Figura 36: Forte de Araçatuba, onde o zoólito teria sido encontrado.....	100
Foto 37: Página da carta que descreve o zoólito que foi remetido para a Espanha, feita pelo Capitão Genoino Verde, 1778.....	101
Foto: 38: Zoólito inédito encontrado no Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Corupá, SC.....	102
Foto 39: Zoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS. Possível representação de cetáceo, Laguna, SC, s/d.....	103
Figura 40: Microzoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS.....	104
Figura 41: Zoólito encontrado em São Francisco do Sul, provavelmente sambaqui Vila da Glória II, SC.....	105
Figura 42: Mapa dos locais escavados por Rohr em 1975 no sambaqui Pântano do Sul.....	111
Figura 43: Zoólitos encontrados em contexto pelo Pe. Rohr, em 1975, no Pântano do Su.....	112
Figura 44: Fragmentos cerâmicos tupiguarani encontrados próximos à Área II, sambaqui Pântano do Sul.....	113
Figura 45: Mapa panorâmico de Florianópolis, com indicação de áreas do sambaqui do Pântano do Sul.....	115
Figura 46: Início das escavações na Área II, dunas do sambaqui Pântano do Sul.....	118
Figura 47: Sepultamento feminino, Nº 4, Área II, dunas do sambaqui Pântano do Sul.....	119

Figura 48: Base de estruturas de combustão na Área II do sambaqui Pântano do Sul associadas a sepultamento.....	120
Figura 49: João Alfredo Rohr e um amigo jornalista visitando o cemitério que foi construído em cima do sambaqui Pântano do Sul, Área III.....	121
Figura 50: Escavações em fase de término, sambaqui Pântano do Sul, na Área III.....	123
Figura 51: Foto parcial do perfil estratigráfico da Área III, sambaqui Pântano do Sul.....	124
Figura 52: Zoólitos encontrados nas escavações da Área III.....	125

Gráficos

Gráfico 1: Distribuição dos zoólitos em sambaquis de Santa Catarina.....	32
Gráfico 2: Estado de conservação dos zoólitos objetos da nossa pesquisa	44
Gráfico 3: Porcentagem dos da fauna representadas por meio dos zoólitos.....	45
Gráfico 04: Dinâmica da relação sambaquis zoomorfos em Santa Catarina..	49
Gráfico 5. Distribuição dos zoólitos entre 24 sambaquis catarinenses.....	109

Tabelas

Tabela 1. Contexto zoólitos/quantidade/sítios.....	37
Tabela 2. Correção número/localidade dos zoólitos da Coleção Carlos Behrenhauser, do MHS.....	90
Tabela 3. Sambaquis organizados por quantidades de zoólitos.....	107
Tabela 4. Datações realizadas no Sítio Arqueológico do Pântano do Sul, através de amostras de carvão vegetal.....	125

Sumário

INTRODUÇÃO.....	18
1. ARQUEOLOGIA E PERSPECTIVA IDENTITÁRIA.....	26
1.1. ZOÓLITOS: MATERIALIZAÇÃO DE TRAÇOS IDENTITÁRIOS DAS SOCIEDADES SAMBAQUIEIRAS DE SANTA CATARINA.....	34
1.2. ZOÓLITOS: SIMBOLISMO.....	41
2. PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: OS SAMBAQUIS, ZOOMORFOS E ANTROPOLITOS.....	51
2.1. SAMBAQUIS BRASILEIROS, NOS EUA E NA EUROPA.....	51
2.2. ARTEFATOS ZOOMORFOS E ANTROPOMORFOS EM ALGUMAS SOCIEDADES DO PASSADO.....	56
2.3. OS SAMBAQUIS BRASILEIROS E ASPECTOS GERAIS DA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.....	67
2.4. OS SAMBAQUIS DO SUL E SUDESTE.....	72
3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTORIOGRAFIA SOBRE OS ZOÓLITOS NO SUL DO BRASIL (séculos XIX-XX).....	76
3.1. BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA ESPECIALIZADA: O CASO DOS ZOÓLITOS DA COLEÇÃO CARLOS BEHRENSHAUSER DO MHS.....	88
3.2. OS PRIMEIROS REGISTROS DE ZOÓLITOS E A IDENTIFICAÇÃO DE NOVAS PEÇAS.....	96
3.2.1. D. Geronimo Verde, Capitan de Primero Regimiento de Ynfantaria Ligera de Cataluña – o registro do primeiro zoólito no contexto da invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina, em 1777.....	97
3.3. ZOOLITOS DO MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER, CORUPÁ, SC.....	102
3.4. ZOOLITOS MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI “PE. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.”, FLORIANÓPOLIS, SC.....	103
3.5. ZOÓLITO SOB GUARDA DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVILLE.....	105

4. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PÂNTANO DO SUL SC-F-10: OS ÚLTIMOS ZOÓLITOS ENCONTRADOS EM CONTEXTO ARQUEOLÓGICO EM SANTA CATARINA.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICE A - FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS ZOÓLITOS DOS ACERVOS DO MHS E MASJ.....	141
APÊNDICE B – TABELA DE SAMBAQUIS DE SANTA CATARINA COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS.....	194
ANEXO A – FICHAS ORIGINAIS DOS ZOÓLITOS. AHMHS/CC.....	201
ANEXO B - Carta de D. Geronimo Verde, Capitan de Primero Regimiento de Ynfantaria Ligera de Catalunã. 1778.....	210
ANEXO C – Autorização de disponibilização de cópias.....	219

INTRODUÇÃO

Os artefatos zoomorfos sambaquieiros são esculturas que foram encontradas, na maioria dos casos, em sambaquis, em alguns momentos associados com sepultamentos humanos e em outros “dispersos” pelo local. Em alguns casos, já foram encontrados em sítios não sambaquieiros, no interior dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e também do Uruguai. Basicamente, podemos subdividir esse gênero de artefato em três categorias: zoólitos, que são representações da fauna em rocha; zoósteo, também representando a fauna, contudo, em osso; e antropolitos, que representam formas humanas em lítico. Este último é mais raro de ser encontrado (apenas cinco foram identificados). Não há o número exato de artefatos já encontrados segundo as pesquisas arqueológicas sobre o tema. No entanto, o que a literatura temática considera é um número entre 240 a 300 peças zoomorfos (PROUS, 1977, 1992, 2018; ROHR, 1977; GOMES, 2012; MILHEIRA, 2014).

A dispersão desses artefatos é compreendida entre o sul de São Paulo até o Uruguai (SERRANO, 1940; PROUS, 1972; ROHR, 1977). Contudo, nossa pesquisa de mestrado trabalhou apenas com o patrimônio arqueológico do estado de Santa Catarina, objetivando maior compreensão da presença deles na região visto que, aproximadamente, 70% dos artefatos zoomorfos registrados na literatura especializada, foram encontrados em terras catarinenses.

Primeiramente, consideramos importante salientar, mesmo que rapidamente, o contexto em que se desenvolveu nossa pesquisa. Em 2014, fomos convidados a preencher uma vaga de trabalho disponível no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” (MHS), em Florianópolis, que é mantido pelo Colégio Catarinense, que por sua vez faz parte da Rede Jesuíta de Educação. Passado o nosso contrato temporário, fomos convidados a fazer parte do corpo de servidores da instituição, visto que a mesma se encontrava sem especialista em Arqueologia. Nesse momento, tivemos a oportunidade de nos depararmos com um dos maiores acervos arqueológicos já reunidos no Brasil, fruto das pesquisas do arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr, além de aquisições que o Museu realizou ao longo da sua história e doações realizadas por pais de alunos da instituição mantenedora e simpatizantes do MHS.

Diante das demandas técnicas do Museu, logo algo ficou bastante nítido para nós, visto que a nossa carga horária de trabalho era de apenas 20 horas semanais: teria que transformar uma das coleções da instituição que trabalhava em objeto de pesquisa do mestrado para dar conta de estudar as coleções arqueológicas no MHS. Diante disso, tivemos que nos voltar totalmente à Arqueologia Pré-Colonial, área de especialidade do Museu e também do Pe. Rohr.

Com isso, resolvemos iniciar nossos estudos no mestrado analisando uma temática que, embora tenha alguns estudos, ainda são relativamente bastante pontuais em relação a outros temas: os artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaquieiros.

Desde a segunda metade do século XIX, até Castro Faria (1959), vamos encontrar estudos que tentam compreender esses artefatos que, possivelmente, podem ser entendidos como o ápice do trabalho especializado envolvendo os artífices sambaquieiros. Contudo, será apenas com o arqueólogo André Prous, (1972; 1974; 1977) que o tema zoólitos seria melhor compreendido a partir das particularidades “regionais” que podem ser atribuídas a determinados grupos de artefatos zoomorfos, conforme veremos ao longo da nossa dissertação.

Outros trabalhos como o de Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella (1960), João Alfredo Rohr (1977), Rafael Milheira (2005; 2014) e Angela Gomes (2012) também foram basilares para o desenvolvimento do nosso estudo.

O objetivo geral da nossa pesquisa foi compreender a presença dos artefatos zoomorfos e antropolitos, produzidos pelas sociedades sambaquieiras, presentes no estado de Santa Catarina. Para tanto, foram consultadas as coleções arqueológicas de zoólitos do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” (MHS), em Florianópolis.

Especificamente, foram três os objetivos que nossa pesquisa procurou ponderar: 1) analisar os zoólitos encontrados em contexto de sepultamentos, identificando a fauna representada, medidas, peso, procedência e bibliografia; 2) entender a dispersão dos zoólitos encontrados em contexto de sepultamento assim como os encontrados fora deste contexto; 3) por fim, refletir acerca da possibilidade dos zoólitos, enquanto materialidade do entendimento cosmológico

dos sambaqueiros, serem a manifestação de traços identitários das sociedades que apresentaram esses artefatos em Santa Catarina.

Os pesquisadores que realizaram suas publicações sobre o tema zoólitos, na grande maioria dos casos, compreenderam que os mesmos tinham que ser analisados em todas as áreas de ocorrências, ou seja, do Uruguai até o litoral sul de São Paulo. Nesse sentido, a historiografia sobre os zoomorfos sambaqueiros realizou trabalhos de maneira pertinente e com sucesso. Contudo, nossa pesquisa, ao optar por trabalhar exclusivamente com zoólitos catarinenses, que é a região onde se concentra o maior número de esculturas do gênero no Brasil (PROUS, 1977; 1992; MILHEIRA, 2014), traçou um caminho diferente.

Outro fator que nos fez selecionar somente os zoólitos do estado de Santa Catarina foi entender a dinâmica da presença dessas peças no estado, ou seja: sítios arqueológicos que apresentaram zoólitos; contexto; número de peças; associação com sepultamentos e a possibilidade do aparecimento de zoomorfos inéditos, que não haviam sido catalogados em pesquisas anteriores. No entanto, ao longo do nosso texto, também realizaremos breves cotejos com os artefatos do gênero encontrados em sambaquis de outras regiões, como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Uruguai.

Embora nossa intenção tenha sido trabalhar apenas com as duas coleções de zoólitos, do MASJ e do MHS, acabamos nos deparando com zoólitos inéditos que ainda não haviam sido registrados pela literatura especializada. Ou seja, além dos 29 zoomorfos selecionados no MASJ, dos 23 zoólitos do MHS, foi possível identificar 5 novas esculturas em outras instituições museológicas, uma, inclusive, fora do país, como foi o caso do *Museo de América*, de Madrid, Espanha. Por tanto, o total de 57 artefatos zoomorfos sambaqueiros fizeram parte do nosso projeto.

Quando estávamos no término da dissertação, chegou a nosso conhecimento, por meio de colegas da Arqueologia, a possibilidade de outras instituições que potencialmente poderiam estar abrigando mais peças zoomorfas. Entre essas instituições estão o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, em Corupá, com 01 zoólito; o Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz – LAPIS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências

Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que tem sob sua guarda 02 zoólitos; o Museu de Lomba Alta, em Alfredo Wagner, com 02 zoomorfos e outras quatro instituições, em municípios distintos, que não conseguimos atestar a presença de zoólitos no acervo pelo fato de não termos conseguido tempo e verbas para o deslocamento até os locais. Em pesquisa futura, realizaremos as visitas nessas instituições que não puderam ser visitadas durante o desenvolvimento do mestrado.

É importante destacar que nossa pesquisa não se limitou apenas a fontes arqueológicas, ou seja, a cultura material. Procuramos trazer para o nosso trabalho todas as fontes que pudessem nos agregar informações para o entendimento dos zoólitos e, também, sobre os próprios sambaqueiros. Assim sendo, analisamos documentos pertencentes ao Padre João Alfredo Rohr, relativos às suas escavações, fotografias das pesquisas de campo, e obras raras, datadas desde 1815 até a primeira metade do século XX. Todas estas fontes encontram-se nos arquivos do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”

O método aplicado para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado envolveu, além de um levantamento e análise que realizamos na historiografia sobre as esculturas sambaqueiras do Brasil Meridional, a definição de critérios para determinar quais os artefatos zoomorfos seriam tratados na dissertação e de que forma seus atributos seriam identificados. Para tanto, desenvolvemos fichas técnicas com 10 campos específicos: 1) Características; 2) Nº de registro da peça; 3) Local; 4) Procedência; 5) Dimensões; 6) Peso; 7) Classificação mineralógica; 8) Tipologia; 9) Estado de conservação; 10) Referências (Apêndice A).

Entendemos que os campos escolhidos são os mais adequados para termos uma dimensão mínima das características dos artefatos zoomorfos para se iniciar a pesquisa. Como os zoólitos selecionados fazem parte de acervos musealizados, cada item da ficha de caracterização procede de documentações para gestão de acervos museológicos.

O item “Estado de conservação” obedeceu ao mesmo critério para documentações de acervos de museus, sendo proposto os quatro campos de classificação comumente utilizado pela Conservação e pela Museologia em

fichas de diagnósticos e catalogação: “Bom, Regular, Ruim, Péssimo” (PADILHA, 2014). Com isso, consideramos como “bom” o zoomorfo que, embora apresentasse desgastes provenientes da ação do tempo, não tenha evidência de acidentes ou sinais de lascamentos; para “regular” peças que tenham passado por lascamentos e desgastes ou quebra, mas que isso não tenha comprometido totalmente sua identificação; “ruim”, quando a peça passou por danos, desgaste, rachadura e quebra que comprometeram a identificação do zoomorfos; “péssimo”, quando os artefatos tiveram partes desprendidas do suporte, rachaduras, danos antrópicos ou naturais que não permitiram a identificação segura da fauna representada.

Ao iniciarmos os trabalhos com o acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, utilizamos as anotações do arqueólogo Guilherme Tiburtius, da década de 1960, que traziam informações relativas ao lugar de cada zoólitos retirado por ele, data, dimensões e sua interpretação da peça. Fora o fato de muitas das suas anotações estarem em alemão, língua que não dominamos, e não estarem traduzidas para o português, as fichas de anotação do arqueólogo Tiburtius, estavam em ótimas condições para análise. Consideramos o ótimo estado de conservação das anotações ao fato do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville possuir um quadro de servidores praticamente completo, composto por conservadora, arqueólogas e demais técnicos. Salientamos que o MASJ foi fundado em 1972, a partir da Coleção Tiburtius que havia sido adquirida pela Prefeitura de Joinville em 1963. Assim, este Museu já nasce com o objetivo inicial de prestar curadoria e conservação das cerca de 12 mil peças que compõe a coleção (GONÇALVES, 2017), embora só em 1996 entre para a equipe uma conservadora. Isso contribuiu diretamente para o bom estado de conservação, tanto da documentação como do patrimônio arqueológico sob sua guarda.

No Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis, procedemos da mesma forma ao consultarmos as fichas de 1948, momento em que se inicia o inventário de todas as peças do MHS, incluindo os zoólitos. Contudo, diferentemente da realidade que encontramos no MASJ, as fichas originais do MHS estavam em péssimos estado de conservação. As cerca de seis mil e quinhentas fichas de catálogo da Coleção Carlos Behrenhauser,

encontravam-se num dos sótãos do Museu, completamente coberta por poeira, traças e outras sujidades. Diante disso, realizamos uma higienização técnica e geral de todas as fichas e, selecionamos apenas os fichamentos que pertenciam aos zoólitos que seriam estudados na nossa pesquisa, pois se optássemos por fazer a curadoria de todas naquele momento, não haveria tempo para a produção de dados e desenvolvimento do texto da dissertação. Lamentavelmente, dos 23 artefatos zoomorfos do MHS, encontramos apenas 10 fichas. Com isso, produzimos a curadoria delas, por meio de higienização mecânica, removendo as traças, poeira e cupim proveniente das caixas de madeiras em que as mesmas se encontravam acondicionadas. Posteriormente, conseguimos obter acesso às informações e transcrevê-las manualmente e, depois, realizar o preenchimento das fichas que desenvolvemos. Em relação às fichas originais dos outros 13 zoólitos que não conseguimos identificar, tivemos que extrair as informações em publicações realizadas por João Alfredo Rohr (1950; 1977).

Foi consultando essas fontes que observamos que algumas das descrições feitas na publicação de Tiburtius e Iris Bigarella (1960) encontravam-se equivocadas em termos de dispersão dos zoólitos na ilha de Santa Catarina. Para reorganizar corretamente, elaboramos uma tabela, que apresentaremos mais adiante, que traz a descrição exata da procedência dos artefatos zoomorfos.

Alguns dos resultados da nossa pesquisa de mestrado foram o levantamento dos sambaquis que apresentaram zoólitos; sambaquis que apresentaram zoólitos como mobília fúnebre; e zoólitos fora de sambaquis; mapa da dispersão dos zoólitos no estado de Santa Catarina; tabelas de sítios/sepultamentos/quantidade de zoólitos/esqueletos/gêneros. Com o objetivo de sintetizar as principais informações sobre o histórico de cada peça arqueológica, desenvolvemos fichas de atributos com as informações técnicas de cada zoomorfo (ver Apêndice A e B).

Com isso, dividimos a estrutura da presente dissertação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, que chamamos de Arqueologia e Perspectiva Identitária, teve por objetivo discutir como entendemos as peças zoomorfas

enquanto traço identitário das sociedades sambaqueiras que as confeccionaram e que se instalaram na região que conhecemos hoje, geopoliticamente, como Santa Catarina.

Joël Candau entende a identidade como um estado psíquico e social (2011) que na sua materialidade pode estar representada por meio de objetos que grupos humanos possuem. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, tais objetos (artefatos) por si só, são produtos e vetores das relações sociais (MENESES, 1983; 1984). Nesse sentido, contamos com as pesquisas de alguns dos principais estudiosos do tema identidades: Katryn Woodward (2014), Stuart Hall (2014; 2016), Tomaz T. da Silva (2014) e Jöel Candau (2011) conforme verificaremos ao longo do capítulo.

A perspectiva de abordagem desses autores citados acima foi fundamental para nossa pesquisa, pois nos possibilitou considerar o quanto das práticas sociais e a materialização das representações simbólicas de sociedades da pós-modernidade podem ser encontradas em sociedades do passado. Nesse sentido, os trabalhos dos pesquisadores Fernanda Tocchetto (1991), Camilla Agostini (1998), Denise Schann (2003), Dione da Rocha Bandeira (2004), Celito Kesting (2007), Viviane de Castro (2009), entre outros, foram importantes para considerarmos que os fenômenos identitários que eles identificaram na cultura material em suas regiões de pesquisa poderiam também ser observados por meio da presença dos artefatos zoomorfos em sambaquis da região central do Brasil Meridional.

No segundo capítulo, entendemos que deveríamos apresentar um panorama da ocorrência dos sambaquis no mundo. Apresentamos alguns especialistas que têm desenvolvido pesquisas sobre a presença de *shell mounds* na Dinamarca, Irlanda, Inglaterra, e também, a presença de sambaquis na Florida, Estados Unidos. Tudo isso com a intenção de demonstrar as especificidades da utilização de moluscos por pescadores, caçadores e coletores de diversas regiões. Após realizarmos a apresentação do fenômeno dos sambaquis no Brasil, na América do Norte e na Europa, consideramos importante demonstrar como estes patrimônios foram percebidos pelo Estado e pela população local em termos de conservação e proteção do patrimônio arqueológico de Santa Catarina com o objetivo de destacar como as dificuldades

de se estudar os zoólitos estão relacionadas com o histórico de destruição dos sambaquis do estado.

No terceiro capítulo, procuramos abordar as principais pesquisas que trataram do tema zoólitos. Comparamos os dados apresentados pela historiografia temática, com as fichas originais dos zoólitos (elaboradas em 1948), que obtivemos acesso, no Arquivo Histórico do MHS. Os resultados dessa análise comparativa, foram a constatação de um equívoco na procedência em parte dos zoólitos da Coleção Carlos Behrenhauser. Diante dessa problemática, elaboramos uma tabela com a procedência correta dos artefatos zoomorfos. Igualmente, foi possível verificar que os primeiros registros da presença de zoólitos em Santa Catarina, antecede em, pelo menos, 100 anos do que a literatura sobre o tema considerava. O exemplo é o zoólito encontrado por um capitão do exército espanhol, que fez parte da invasão da Ilha de Santa Catarina, em 1777, e o enviou para o Gabinete de História Natural, na Espanha, como atestado da presença espanhola na Ilha.

Por fim, no quarto capítulo, procuramos analisar os resultados obtidos nas escavações arqueológicas realizadas pelo arqueólogo João Alfredo Rohr, em 1975, no sítio arqueológico do Pântano do Sul. O motivo de selecionar este sítio para a dissertação é o fato dele ter apresentado, até onde conseguimos levantar, os últimos zoólitos encontrados em contexto arqueológico; os croquis terem sido devidamente realizados; fotografias das escavações em boas condições, ou seja, por ter apresentado os melhores registros em relação aos demais sítios que apresentaram zoólitos em Santa Catarina.

1. ARQUEOLOGIA E PERSPECTIVA IDENTITÁRIA

Até meados do século XX, a identidade foi objeto de pesquisa de várias disciplinas acadêmicas ligadas às áreas das ciências humanas e sociais (CASTRO, 2009), como foi o caso com a Arqueologia. No entanto, é só a partir de meados da segunda metade do mesmo século que ela começa a problematizar esse conceito, mais precisamente com o advento da Arqueologia Pós-processual, todavia, com perspectivas bastante diferenciadas (CASTRO, 2008). No Brasil, os estudos voltados à perspectiva identitária são mais pontuais (BANDEIRA, 2004; CASTRO, 2008).

Contudo, todos os pesquisadores (AGOSTINI, 1998; BANDEIRA, 2004; CASTRO, 2009; MENESES, 1984; SCHAAN; 2003; TOCCHETTO, 1991; KESTERING, 2007) compartilham uma opinião em comum: a possibilidade de encontrarmos na cultura material particularidades que indicariam traços identitários de um determinado grupo humano. Nesse sentido, é importante salientar que a cultura material “é constituído por coisas físicas, restos materiais de atividade cultural e seu contexto” conforme Ulpiano Bezerra de Meneses (MENESES, 1984, p. 34) destaca. E, é dentro dessa lógica de evidências materiais de atividade cultural e o contexto que Camilla Agostini (1998) encontrou padrões decorativos de etnia africanas em cachimbos de escravos que vieram para o Brasil no século XIX ou na produção de objetos cerâmicos e líticos dos Guarani que viveram na missão jesuítica de São Lourenço Mártir, conforme identificou Tocchetto (1991).

Celito Kesting (2007) propõe que a maior parte dos grafismos da Área Arqueológica de Sobradinho, Bahia, foi confeccionada por uma subtradição a partir da identificação da preferência de padrões cenográficos, temáticos e técnica (CASTRO, 2008, p. 183-184). Dione Bandeira, que ampliou o conhecimento das unidades arqueológicas dos sítios Itacoara (nº 42), Bupeva II (nº 29) e Poço Grande (nº 37) (2004), analisando sociedades ceramistas pré-coloniais que se instalaram na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina,

trabalhou não somente com a perspectiva identitária (Identidade étnica) como, principalmente, etnohistórica para a compreensão dessas sociedades.

Denise Schaan procurando compreender a identidade e os atores sociais de um cacicado Marajoara, entendeu que “os atores sociais utilizam objetos como instrumentos na negociação de sua identidade e poder” (SCHAAN, 2003, p. 34). A autora analisou algumas urnas funerárias e encontrou elementos que também indicavam uma identidade de gênero:

Uma hipótese que foi levantada a partir destes dados preliminares seria a de que as mulheres seriam enterradas em urnas profusamente decoradas com motivos geométricos e antropomorfos. Como parte deste ritual funerário, os ossos eram acompanhados ocasionalmente por uma tanga ou um pequeno pote de cerâmica, decorado com motivos incisivos, ou ainda pelos dois objetos (SCHAAN, 2003, p. 35).

Com isso, Schaan considera que “neste caso, esses objetos poderiam ser entendidos no contexto funerário como marcas de identidade social e de gênero” (2003, p. 35-36). Ou seja, por meio da análise da cultura material, foi possível considerara aspectos identitários fortemente presentes na sociedade Marajoara. A autora também conseguiu evidenciar uma participação expressiva das mulheres nessa sociedade (SCHAAN, 2003).

Mais recentemente, Viviane de Castro pesquisou estruturas funerárias da região do Nordeste brasileiro – sítios Furna do Estrago (PE), Pedra de Alexandre (RN), Toca da Baixada dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL) – e a partir da análise de elementos biológicos e da cultura material identificou marcadores de identidades coletivas relacionados à disposição dos sepultamentos e à idade dos indivíduos (CASTRO, 2009).

As identidades também podem ser observadas no campo da Arqueologia Cognitiva¹. Para Almudena Hernando (2002), etnoarqueóloga que

1 Segundo Colin Renfrew: “La arqueología cognitiva – el estudio de las formas de pensamiento del pasado a partir de los restos materiales - es, en muchos aspectos, una de las ramas más nuevas de la arqueología moderna. Es cierto que el arte y la escritura antiguos, ambas fuentes valiosas de información cognitiva, han sido estudiados durante mucho tiempo por los investigadores. Pero se ha considerado al arte demasiadas veces el terreno del historiador del arte, y a los textos, el historiador de la literatura, y ha faltado en cambio una perspectiva

já realizou pesquisas com o povo indígena Awá Guajá, da Amazônia brasileira, as identidades de grupo podem ser verificadas a partir de uma análise estruturalista, por meio de como povos se organizam em grupos para subsistirem em seus lugares estabelecidos, divisão de tarefas e outros aspectos de organização social. Sendo assim, para Almudena, a identidade não se encontra, necessariamente, somente na cultura material, mas, sim, em aspectos cognitivos. No entanto, esclarece a importância da cultura material no estudo de culturas étnicas (HERNANDO, 2002).

Consideramos que as particularidades salientadas acima, podem ser observadas em outras culturas pré-coloniais, neste caso, nos sambaquis da região central do litoral Sul do Brasil, que apresentaram as esculturas zoomorfas. Os zoólitos são objetos que podemos considerar traços identitários dessas sociedades pescadoras, caçadoras e coletoras. Kathryn Woodward destaca que a identidade tem expressão material e se manifesta nos objetos que os indivíduos de uma determinada cultura possuem (WOODWARD, 2014) como também já salientou Castro (2008; 2009). Kathryn, ainda destaca que:

[...] as representações que se encontram nas religiões “primitivas” – tais como os fetiches, as máscaras, os objetos rituais e os totêmicos – eram considerados sagrados porque corporificavam as normas e os valores da sociedade” (WOODWARD, 2014, p. 41).

arqueológica. Podemos estudar qué bienes materiales valoraba más el hombre y quizá consideraba símbolos de poder o autoridad. Y podemos investigar el modo en que el hombre imaginaba lo sobrenatural y como respondía a estos conceptos en sus prácticas de culto, por ejemplo, en el gran centro cerimonial de Chavín de Huantar, en el norte de Perú (RENFREW, 2011, p. 391). Arrizabalaga, em relação aos métodos da arqueologia cognitiva, lembra que: La metodología de la Arqueología cognitiva es muy poco conocida y utilizada en la interpretación prehistórica, a pesar del interés que sus estudios conllevan. Sus fines estarían encaminados a comprender el origen y evolución de la conducta del género Homo, partiendo de los datos que nos ofrece el registro arqueológico. En general, la Arqueología siempre ha obtenido buenos resultados en su análisis del cuándo y el dónde de los datos arqueológicos, pero ha encontrado grandes dificultades en la explicación del cómo y el porqué de su aparición o desarrollo en cada momento y lugar, pues para su realización hay que establecer una relación entre los datos arqueológicos y las capacidades cognitivas de sus creadores. En este intento es preciso utilizar las ciencias relacionadas con el análisis de la conducta humana en el presente (Psicología, Neurología, Biología evolutiva, Antropología social, Lingüística, etc.) y en el pasado (Arqueología), logrando una integración metodológica de carácter interdisciplinario (ARRIZABALAGA, 2013, p. 5).

Os zoólitos, como é o caso do encontrado no Sambaqui de Imaruí, Pescaria Brava, SC, (Figura 01), estão dentro do conceito de “objetos ritualísticos” que Kathryn Woodward entende como representativos das identidades, principalmente pelo fato de serem comumente encontrados em sambaquis, que para muitos arqueólogos, em alguns casos, são grandes estruturas funerárias, ou seja, centros cerimoniais do passado (KLOKLER e GASPAR, 2013).

Figura 01. Zoólito Platiforme do Sambaqui de Imaruí, Pescaria Brava, SC, 1973. Detalhes técnico ver Ficha 10 (Apêndice A).



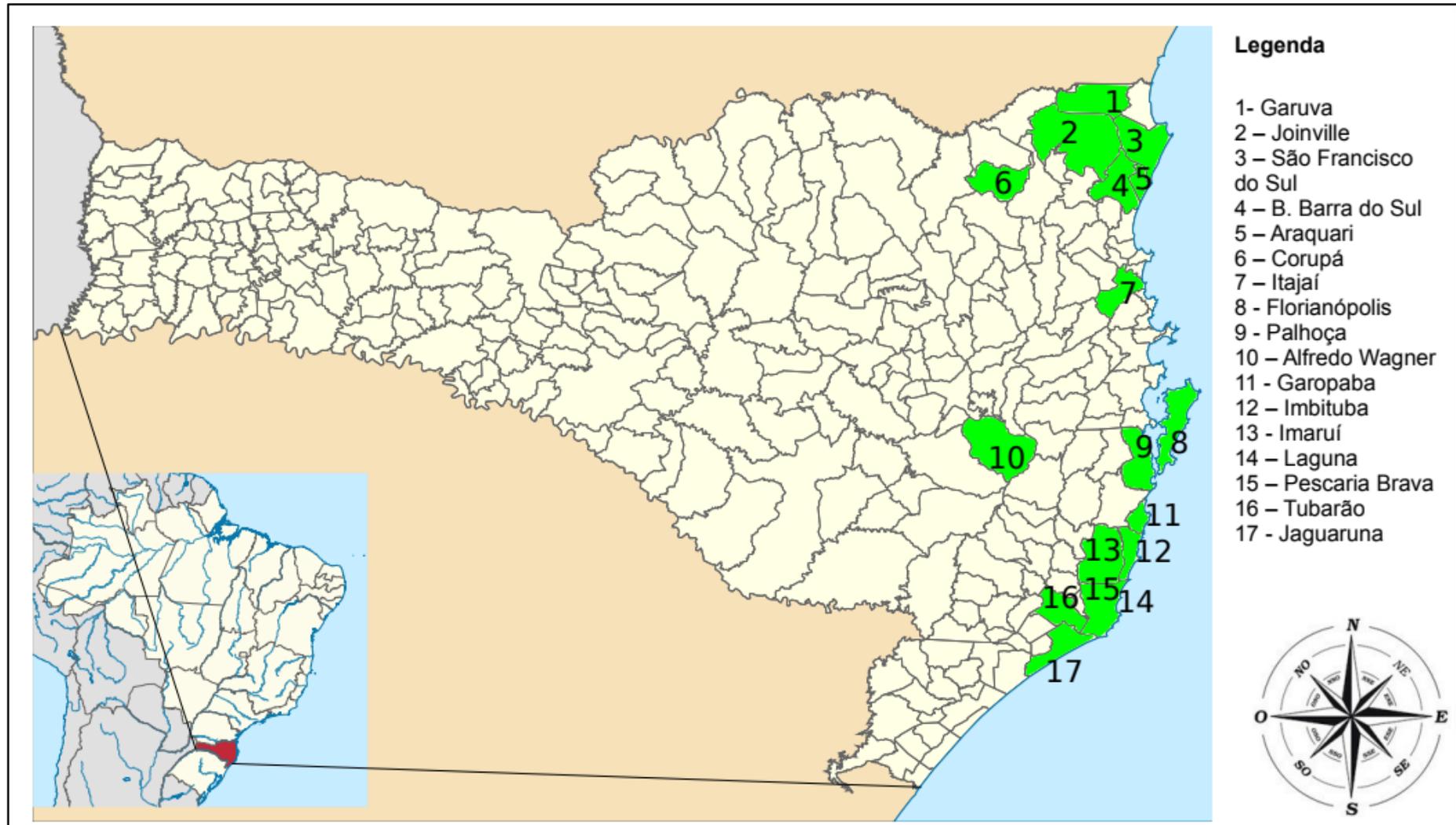
Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

Observamos que na historiografia temática (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1954; 1960; PROUS, 1972; 1974; 1977; 1992; ROHR, 1977; MILHEIRA, 2005; 2014; GOMES, 2012) as peças foram encontradas em pelo menos três contextos diferenciados: 1) dentro de sambaquis, muitas vezes dispersos pelo mesmo; 2) dentro de sambaquis e associados com sepultamentos, como mobília fúnebre; e 3) fora de sambaquis em sítios arqueológicos de culturas não sambaqueiras. Este último é considerado por alguns autores como possível evidência de

contatos interculturais entre os sambaqueiros e outros grupos humanos (PROUS, 1992; LIMA, 2000; MILHEIRA, 2014; JUNIOR, 2014;).

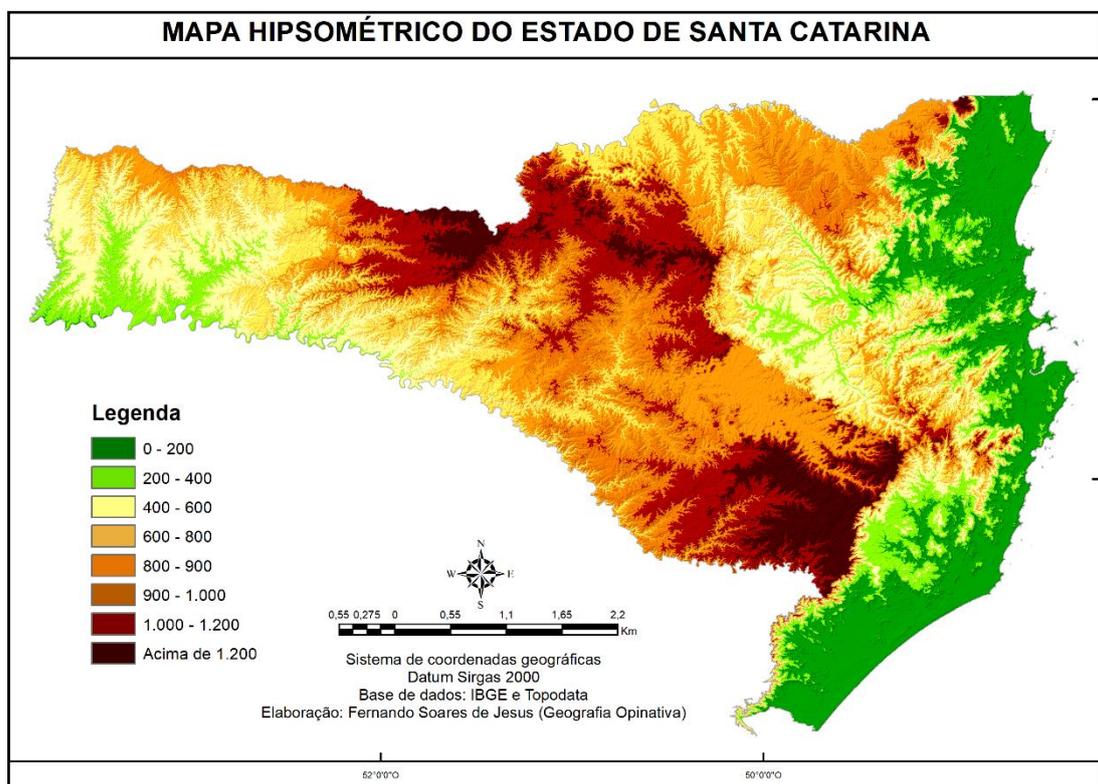
Para maior compreensão da distribuição dos zoólitos em Santa Catarina elaboramos um mapa da dispersão das esculturas zoomorfas, por municípios, conforme podemos verificar na Figura 2.

Figura 2. Mapa dos municípios que apresentaram zoólitos em Santa Catarina.



O mapa da dispersão das peças também nos permitiu saber que, diferentemente do que aconteceu no Rio Grande do Sul, onde foram encontrados zoólitos no interior do estado, no município de São Martinho (entre outros), quase fronteira com a Argentina (MILHEIRA, 2014, p. 204), em Santa Catarina as peças não ultrapassaram as regiões que, do ponto de vista dos dados hipsométricos (Figura 3), são considerados como de baixas altitudes², ou seja, locais não tão diferenciados, em termos de topografia, de onde, possivelmente, as peças procediam: dos sambaquis litorâneos, conforme podemos verificar no mapa abaixo.

Figura 03. Hipsometria do estado de Santa Catarina.



Fonte: <<<http://www.geografiaopinativa.com.br/2013/08/geografia-de-santa-catarina.html>>> acessado em outubro de 2017.

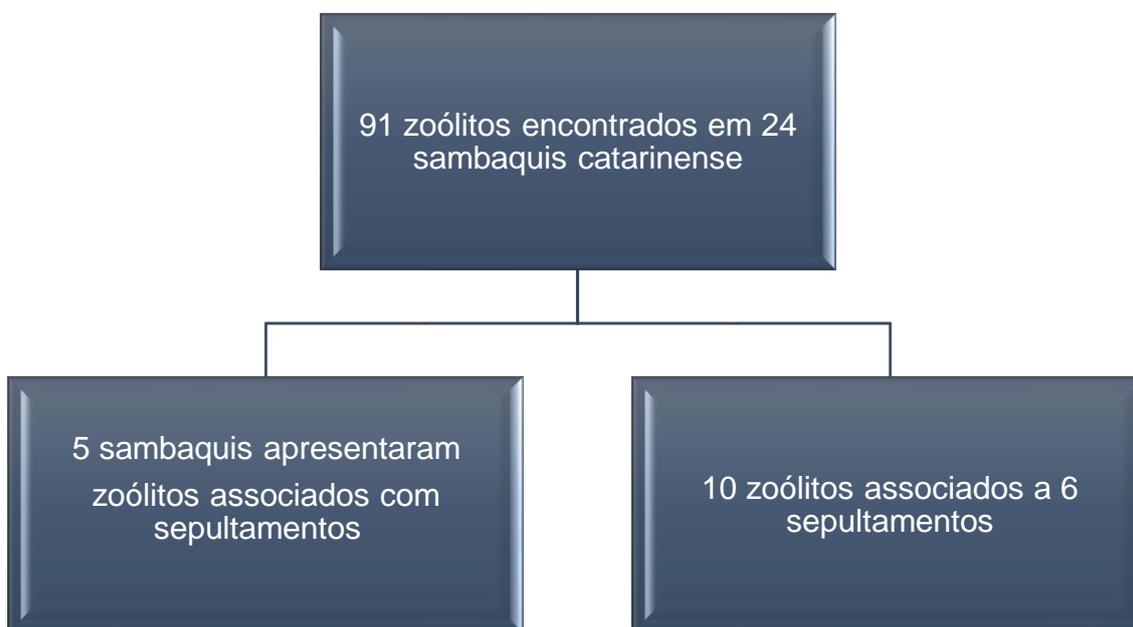
Sendo o estado de Santa Catarina o epicentro da presença dos artefatos zoomorfos, foi possível verificarmos, até o presente momento, que na região existem 24 sambaquis que apresentam 91 zoólitos. Em 5 desses sambaquis foi

² Com a exceção dos municípios de Alfredo Wagner e Corupá.

possível constatar a existência de 6 sepultamentos com 10 peças zoomorfas associadas, conforme o Gráfico 1 apresenta.

Os dados gerados até o momento, nos chamaram a atenção, pois, contrariando nossas expectativas, o número de zoomorfos associados a sepultamentos foi muito menor do que esperávamos, como podemos verificar na Tabela 1. Contudo, podemos aferir uma nova possibilidade: a de uma segunda função dos zoólitos que não era para serem utilizados somente como mobília fúnebre, mas também como objetos ritualísticos e xamânicos fora de um contexto essencialmente fúnebre. Dos 91 contextualizados em sambaquis catarinenses, somente para 10 esculturas há informações seguras de que estavam associados a sepultamentos.

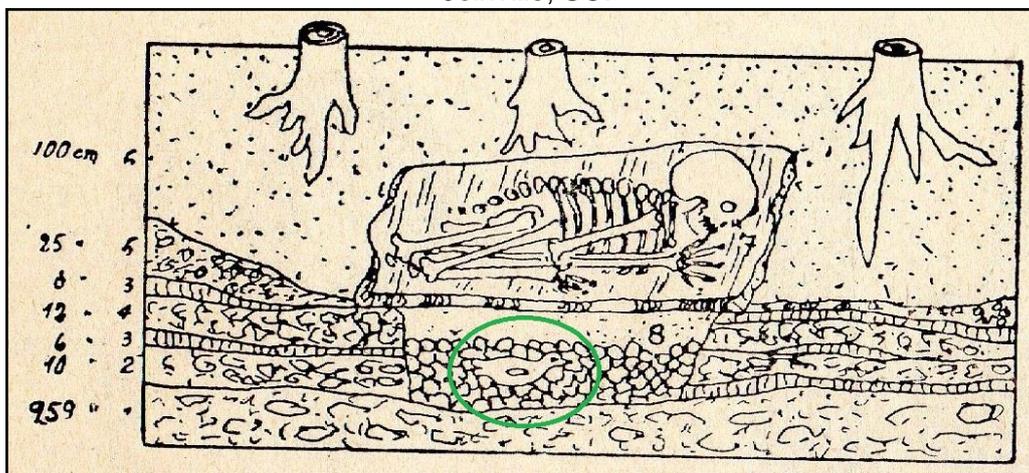
Gráfico 1. Distribuição dos zoólitos em sambaquis de Santa Catarina.



Ressaltamos que os números apresentados no Gráfico 1 são aproximados, pois para muitos zoólitos de Santa Catarina não foi possível identificar a procedência do sítio arqueológico. Ou seja, o número de sambaquis e sepultamentos associados a zoólitos poderia ser maior. A mesma historiografia temática que trata sobre o tema zoólitos e sambaquis demonstra o quanto esses sítios arqueológicos brasileiros foram destruídos desde o século XVI, fazendo com que muitas peças zoomorfas fossem retiradas dos seus contextos

arqueológicos originais, indo parar nas mãos de particulares ou em destinatários fora do país. Com isso, dificultando os estudos arqueológicos dessas sociedades do passado. No entanto, embora poucos tenham sido os zoólitos encontrados associados a sepultamentos, conforme o Gráfico 1, os mesmos foram encontrados, na grande maioria dos casos, em sambaquis, que neste caso podem indicar e fortalecer a teoria das funções ritualísticas dessas edificações de conchas, se partirmos do pressuposto que estas peças estariam associadas a contextos ritualísticos. Portanto, associados a sepultamentos (Figura 4) ou não, os zoólitos indicam uma possibilidade: a materialização de parte do entendimento das sociedades sambaqueiras em relação ao universo “não humano”. Nesse sentido, é importante destacarmos que os zoólitos em Santa Catarina fazem parte de um sistema de práticas culturais e sociais do passado e que por isso podem ser considerados traços identitários numa das ótica das discussões sobre identidade cultural (CUCHE, 2002; SILVA, 2014; CASTRO, 2008) que considera os costumes manifestação e partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos (SILVA; SILVA, 2006). Assim os zoomorfos são identitários dos sambaqueiros fazendo parte do contexto simbólico, social e psíquico (WOODWARD, 2014; CASTRO, 2008; 2009) desses grupos humanos.

Figura 04: Zoólito como mobília fúnebre no sepultamento do sambaqui Cabatãozinho, Joinville, SC.



Fonte: BIGARELLA; TIBURTIUS, 1960, p. 23.

1.1. ZOÓLITOS: MATERIALIZAÇÃO DE TRAÇOS IDENTITÁRIOS DAS SOCIEDADES SAMBAQUEIRAS DE SANTA CATARINA

Para Joël Candau, numa perspectiva antropológica, a soma do compartilhamento de “práticas, representações, crenças, lembranças” é o que conhecemos por cultura (CANDAU, 2011, p. 11). Maria Dulce Gaspar (1995) considera as dimensões dos sambaquis catarinenses como algo que representa a identidade social dos pescadores, caçadores e coletores que se estabeleceram na região catarinense. Nesse sentido, poderíamos considerá-los como a materialização de uma memória coletiva (CANDAU, 2011) que estaria ligada diretamente com a identidade cultural desses grupos sambaquieiros. Ou seja, tanto a construção de um sambaqui como a confecção de uma escultura zoomorfa são frutos de um determinado hábito cultural, originando-se na subjetividade da memória e resultando na materialidade de uma identidade, no caso, a fabricação dos artefatos zoomorfos. Isso significa que tanto a monumentalidade dos sambaquis como as esculturas zoomorfas podem ser considerados artefatos identitários de algumas sociedades sambaquieiras de Santa Catarina. Em sua análise Meneses lembra que:

Estes vestígios, mais tecnicamente, teriam que ser considerados como componentes da cultura material, isto é aquele segmento do universo físico que é socialmente apropriado pelo homem e que engloba tanto abjetos, utensílios, estruturas, como a natureza transformada em paisagem e todos os elementos bióticos e abióticos que integram um assentamento humano. Os artefatos, segundo tal partido, teriam que ser compreendidos, em última instância, como produtos de relações sociais, de um lado, e, de outro, como vetores dessas mesmas relações sociais. [...] convém afirmar que a unidade empírica básica da Arqueologia é o sítio arqueológico, compreendido como um espaço de concentração de vestígios arqueológicos, mas constituindo ele próprio um “artefato” e não somente o depósito de “achados” arqueológicos (MENESES, 1984, p. 34).

Segundo Gaspar, “Do Norte ao Sul de Santa Catarina os sambaquieiros teriam exacerbado essa característica” (1995, p. 391-392) das dimensões, como foi o caso do Sambaqui da Carniça I, (400 x 70 x 30m); o Sambaqui da Garopaba, (200 x 100 x 30m); o Sambaqui da Praia Grande III, (200 x 200 x 30m); o Figueirinha I, (100 x 100 x 15m), (REIS; FOSSARI, 1984); e, um dos mais pesquisados do estado, o Jabuticabeira II³, com uma área ocupada de

3 Segundo João Alfredo Rohr “O sambaqui, em 1972, pertencia a Edison Stradioto, cidadão de Criciúma, que instalou moinho de conchas sobre o sambaqui; mas teve sua fábrica interditada pela polícia. Em virtude disso, cometeu suicídio. Mais tarde, os Teixeira [família] de Jaguaruna

aproximadamente 8,4 ha, 400 m do eixo maior e 250 na diagonal e 10 m de altura, (BIANCHINI, *et al.*, 2011, p. 52), que para Gaspar, seria uma prática estruturadora da identidade social desses grupos litorâneos da região (GASPAR, 1995, p. 392). O Sambaqui de Saí-Guaçu (Figura 05), entre vários outros exemplos de sambaquis, devido a suas dimensões, ilustraria este aspecto que a autora destaca.

Figura 05: Sambaqui de Saí-Guaçu, Garuva, SC. Dimensões: 100 x 60 x 17 m (ROHR, 1984, p. 134).



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe, João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1972.

Gaspar (1995) também salienta que a própria característica de construção de sambaquis seria uma manifestação identitária, em relação a outros grupos não construtores. Nesse sentido, poderíamos pensar os aspectos das “identidades e das diferenças”, onde as identidades são construídas na diferença em relação ao outro, também para as sociedades sambaqueiras do

adquiriram o sambaqui, e apesar de diversos processos instaurados contra os mesmos, continuam até hoje [1983] na destruição do sambaqui. Tiveram inclusive aprendida uma retroescavadeira, surpreendida na desmontagem do sambaqui. A máquina foi liberada pelo juiz federal e continua sendo utilizada na destruição do sambaqui” (REIS; FOSSARI, 1984, p. 93).

litoral central do Sul do Brasil em relação à produção de zoólitos. Poderiam ser as peças zoomorfas encontradas nos sambaquis elementos de diferenciação entre outros grupos sambaquieiros que não confeccionavam essas esculturas?

Consideramos, então, que, em termos de traços identitários, uma outra característica poderia ser atribuída, mais peculiar ainda a esses grupos do litoral de Santa Catarina: os zoólitos. A literatura sobre o tema já apresentou essa possibilidade, no entanto, de maneira bastante geral, e sem conceituarem o que de fato seria o seu entendimento sobre “identidade” aplicada a grupos pré-coloniais litorâneos, o que buscamos fazer nesta dissertação. Nesse sentido, entendemos a presença das esculturas zoomorfas na ótica dos culturalistas Kathryn Woodward (2014), Tomaz Tadeu da Silva (2014), Stuart Hall (2014; 2016) e da arqueóloga Viviane Cavalcanti de Castro (2008; 2009). Portanto, se a fabricação de sambaquis é uma característica identitária das sociedades pré-coloniais litorâneas brasileiras, e os de maiores dimensões no Brasil são os do estado catarinense, consideramos que mais uma característica pode ser agregada à singularidade das sociedades sambaquieiros de Santa Catarina: as esculturas zoomorfas (esculpidas em rocha e ossos).

André Prous apresentou o número de 170 (166 estudos e mais 4 por bibliografia) zoólitos em sua publicação de 1972 nos Anais de Antropologia da UFSC. Dois anos mais tarde, para a Revista Dédalo, o mesmo autor publica um catálogo com o número de 241 peças (PROUS, 1974). Rafael Milheira ressalta o número aproximado de 300 esculturas conhecidas, mas que destas apenas 215 foram publicadas (MILHEIRA, 2014, p. 188). Destas 215 esculturas, segundo Milheira, 131 foram encontradas em Santa Catarina, 59 no Rio Grande do Sul, 7 em São Paulo, 13 no Paraná e 5 zoólitos no Uruguai.

No caso de Santa Catarina, o número de zoomorfos corresponde a 61% dos zoólitos conhecidos (MILHEIRA, 2014, p. 206-207), o que nos leva a considerar este estado como o epicentro da origem destes artefatos zoomorfos sambaquieiros. Contudo, a partir da nossa dissertação de mestrado, entendemos que este número é aproximado, pois, foi possível documentar zoólitos inéditos em museus de Santa Catarina, como os das reservas técnicas do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, Florianópolis e do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, em Corupá, assim como fora do país,

como foi o caso da peça encontrada no *Museo da América*, Madri, Espanha, que abordaremos mais adiante. Ou seja, o número de peças é maior ainda do que havia sido sugerido pela literatura temática, havendo a grande possibilidade de encontrarmos mais peças em lugares que deveremos visitar em pesquisa futura.

Dos 131 zoólitos de Santa Catarina, destacados por Milheira (2014), conseguimos contextualizar 91, distribuídos em 24 sambaquis, como podemos verificar na Tabela 1. Destes, 52 são do litoral norte, 11 do central e 26 do sul.

Dentre as 42 peças que não obtivemos acesso estão as que foram levadas por Karl von Steinen (PROUS, 2018), para a Alemanha e depositadas no Museum für Völkerkunde Hamburg; outras encontram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro e em coleções particulares, como é o caso das que estão em posse da família Lange de Morretes, em São Paulo.

TABELA 1. CONTEXTO ZOÓLITOS/QUANTIDADE/SÍTIOS

Nº	SÍTIO	MUNICÍPIO	QTD. DE ZOÓLITOS	QTD. DE SEPULTAMENTOS ASSOCIADOS	QTD. DE ZOÓLITOS ASSOCIADOS A SEPULTAMENTOS
01	Sambaqui do Linguado (Nº 26)	São Francisco do Sul, SC.	02	-	-
02	Sambaqui do Linguado (27)	São Francisco do Sul, SC.	02	-	-
03	Sambaqui da Gamboa	São Francisco do Sul, SC.	01	-	-
04	Sambaqui da Barra do Sul	São Francisco do Sul, SC.	04	-	-
05	Sambaqui do Porto do Rei	São Francisco do Sul, SC.	01	-	-
06	Sambaqui de Areias Grandes	Araquari, SC.	01	01	01
07	Sambaqui do Rio Perequê	Araquari, SC.	01	-	-
08	Sambaqui do Rio Pinheiros	Araquari, SC.	01	01	01
09	Sambaqui da Conquista	Barra do Sul, SC.	14	01	02

10	Sambaqui Morro do Ouro	Joinville, SC.	03	01	03
11	Sambaqui do Cubatãozinho	Joinville, SC.	12	01	01
12	Sambaqui da Costeira	Barra do Sul, SC.	01	-	-
13	Sambaqui do Rio Comprido	Joinville	01 (fragmento)	-	-
14	Sambaqui do Rio Velho	Joinville, SC.	09	-	-
15	Sambaqui da Armação de Itapocoroi	Itajaí, SC.	01	-	-
16	Sambaqui da Garopaba	Jaguaruna, SC.	01	-	-
17	Sambaqui de Congonhas I	Tubarão, SC.	03	-	-
18	Ilha de Santana (concheiro)	Imbituba, SC.	15	-	-
19	Itapiruba (concheiro)	Entre as praias de Laguna e Imbituba, SC.	02	-	-
20	Sambaqui da Mina Velha	Garuva, SC.	01 (antropolito).	-	-
21	Sambaqui do Perrixil	Laguna, SC.	02	-	-
22	Sambaqui da Roseta	Laguna, SC.	01	-	-
23	Sambaqui de Santa Marta	Laguna, SC.	02	-	-
24	Sambaqui do Pântano do Sul (sítio misto)	Florianópolis, SC	10	01	02
Total de zoólitos			91	06	10

A Arqueologia, enquanto ciência social, tem que compreender as práticas sociais do passado, para que dessa forma possa contribuir para a

elaboração de políticas que tenham por objetivo o bem-estar social, diminuição da desigualdade de gênero e classe e quebra de paradigmas construídos ao longo da história humana. O arqueólogo Ulpiano Bezerra de Meneses reflete que:

Ter consciência histórica não é informar-se das coisas outrora acontecidas, mas perceber o universo social como algo submetido a um processo ininterrupto e direcionado de formação e reorganização (MENESES, 1984, p. 34-35).

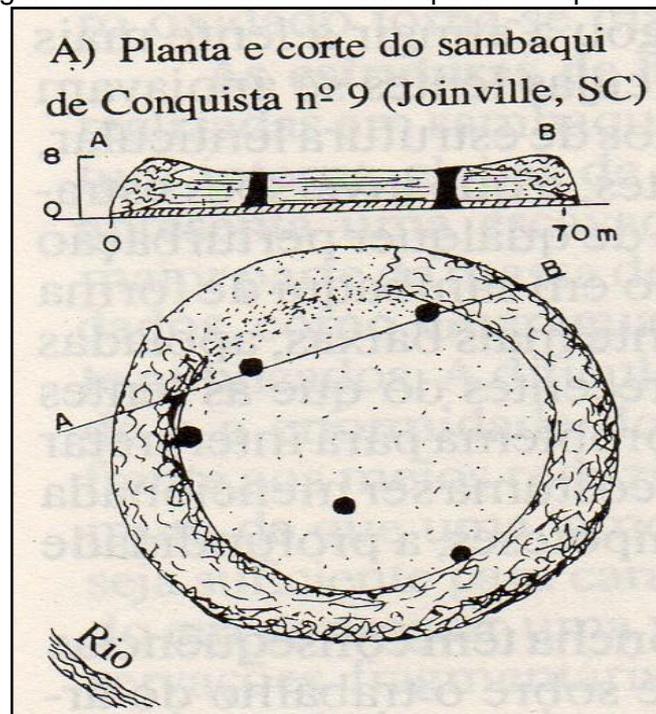
Nesse sentido, entender como se desenvolveu as relações sociais das sociedades humanas durante o tempo (MENESES, 1984), neste caso as sambaquieiras, com o seu universo cosmológico, xamânico ou sobrenatural se faz de relevante importância.

Uma questão que a maioria dos arqueólogos concordam é o forte apelo ritualístico existente em alguns sambaquis de Santa Catarina (KLOKLER, et al., 2010; GASPAR; HEILBORN; ESCORCIO, 2011; VILLAGRAN, 2013; DEBLASIS; FARIAS; KNEIP, 2014), principalmente quando observarmos a mobília fúnebre: lâminas de machados; colares com dentes de cação, conchas, fauna; ocre; e esculturas zoomorfas e antropolitos. Alguns sambaquis mostram características mais complexas ainda quanto ao seu conteúdo ou forma, como é o caso da estrutura anelar do Sambaqui da Conquista (nº 9), em Joinville, conforme podemos verificar na figura 6 e, que apresentou 14 artefatos zoomorfos (TIBURTIUS, 1966) e um sepultamento “onde se encontravam cinco esqueletos de adultos, dispostos radialmente e com os crânios no centro em forma de estrela” (TIBURTIUS, 1966, p. 124) ou o Sambaqui da Jabuticabeira II/JAB-II, que apresentou um número de sepultamento considerável, fragmentos de estacas (BIANCHINI, et al. 2007; 2011), ou seja, um verdadeiro “sambaqui-cemitério” como classifica Daniela Klokler *et al* (2010), embora nenhum zoólito tenha sido identificado.

Há, ainda, a característica alongada do Sambaqui do Rio Perequê (nº 13), na Barra do Sul, conforme evidenciaram G. Tiburtius e A. Sobanski (1954) e o Pântano do Sul, em Florianópolis, considerado um sítio misto (ROHR, 1977; SCHMITZ, 1996; GOMES, 2012). Este último sambaqui apresentou dois zoólitos como mobília fúnebre, encontrado em escavações sistemáticas realizadas pelo Pe. João Alfredo Rohr, em 1975. Por este motivo trataremos deste sítio especificamente mais adiante no texto. Mesmo com toda essa diversidade, tanto

na organização como nas peculiaridades de sepultamentos presentes, é importante destacar que, dos quatro sambaquis citados acima, com exceção do Jab-II⁴, todos apresentaram artefatos zoomorfos, ou seja, as esculturas que estamos considerando materialidade de um de traço identitário dos grupos sambaquieiros da região central do litoral Sul do Brasil, que apresentaram essas esculturas.

Figura 06: Planta baixa do Sambaqui da Conquista nº 9.



Fonte: PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora UnB, 1992. p. 209.

1.2. ZOÓLITOS: SIMBOLISMO

Para Ian Hodder toda cultura material tem sua dimensão simbólica. E a mesma pode ser lida pelo arqueólogo como um texto (HODDER, 1994). Quando tratamos de sociedades do passado, ágrafas ou não, é, relativamente complexo compreender o significado, ou seja, ler os objetos, fruto de suas práticas sociais,

4 Segundo Fabiane Belem, um zoólito teria sido encontrado no Jabuticabeira II, e teria sido integrado a coleção do Colégio Catarinense (BELEM, 2012, p. 98). Contudo, até o presente momento, não foi identificado tal zoólito na coleção do Museu do Homem do Sambaqui.

quando não são encontrados em seu contexto original, ou seja, arqueológico. É exatamente o que aconteceu com uma parcela considerável dos artefatos zoomorfos como já ressaltado pela historiografia da temática (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; PROUS, 1972; 1974; 1977; 1992; 2011; ROHR, 1977; MILHEIRA, 2005; 2014; GOMES, 2012; GARCIA, 2016). André Prous destaca essa problemática e realiza um importante questionamento sobre o por que apenas alguns indivíduos sambaquieiros eram enterrados com as peças:

É difícil estudar este ponto de vista, pois poucas foram encontradas por pesquisadores em contexto arqueológico. No entanto, sabemos que uma ou várias dessas peças acompanhavam mortos adultos em seu sepultamento, parecendo ser, portanto, posses reservadas a determinados indivíduos, provavelmente importantes (xamãs? Chefes tribais?), e não bens de posse coletiva (PROUS, 2011, p. 50).

No entanto, a complexidade das esculturas e seu contexto podem indicar a relevância simbólica que esses artefatos poderiam significar, independentemente de serem encontrados como mobília fúnebre ou “dispersos” pelos sambaquis, que, segundo muitos especialistas (DeBlasis et al., 2014; VILLAGRAN, 2013; LESSA; MEDEIROS, 2001) como DeBlasis *et al.*, “são, em grande parte, construções longevas de forte significado simbólico” (2014, p. 114). Ou seja, podemos refletir a percepção de Ulpiano Bezerra de Meneses (1984) quando este autor considera que os sítios arqueológicos devem ser compreendidos como um artefato, estando diretamente relacionados com os demais vestígios das relações sociais vivenciadas, e não apenas como um “depósito”. O entendimento de Meneses e DeBlasis entra em consonância com as considerações de Ximena Villagran:

A exploração dos ambientes litorâneos comportaria uma visão específica do mundo, desenvolvida a partir do vínculo e da “apropriação” não exclusivamente econômica, mas também política, social e simbólica do meio físico e suas particularidades (VILLAGRAN, 2013, p.144).

A. Lessa e J. de Medeiros, têm percepções semelhantes a dos autores acima sobre os sambaquis e seu contexto simbólico:

Teorias mais recentes propõem que os sambaquis constituem verdadeiros marcos espaciais e/ou territoriais – certamente imbuídos de uma carga simbólica significativa - com grande visibilidade e destaque na paisagem (LESSA; MEDEIROS, 2001, p.3).

Uma possibilidade que poderia nos ajudar a conjecturar acerca do simbolismo dos artefatos zoomorfos sambaquieiros, quiçá, seria relacioná-los com os remanescentes arqueofaunístico encontrados nos sambaquis que apresentaram zoólitos. Tentamos realizar essa análise comparativa para, inicialmente, quantificar e saber se a espécie faunística que era representada nas esculturas zoomorfas fazia parte da dieta dos construtores de sambaquis. Contudo, lamentavelmente, devido a falta de tempo, a pouca quantidade de zoólitos recolhidos em escavações sistemáticas, não foi possível realizar essa perspectiva de análise de maneira ampla e satisfatória.

Até onde conseguimos constatar em nossa pesquisa, foi que, dos vinte e quatro sambaquis que apresentaram zoólitos, apenas o sítio arqueológico do Pântano do Sul, foi o que apresentou condições mínimas para pensarmos algo a respeito, devido a intervenção de salvamento arqueológico realizado pelo Padre João Alfredo Rohr em 1975 (ROHR, 1977).

Analiticamente, observamos que o Sambaqui de Congonhas I e o Sambaqui Morro do Ouro, passaram por problemáticas de descontextualização e destruição semelhantes ao do Pântano do Sul, comprometendo as informações arqueofaunísticas e estratigráficas. Ao realizar sua pesquisa de campo, para sua tese de doutorado, com os dois primeiros sítios, Anamaria Beck observa que:

O Sambaqui de Congonhas I – SC LS 30 - está localizado ao Sul da Cidade de Tubarão. Sofreu intenso processo de desmonte [devido a instalação de uma caieira ao lado do sambaqui], estando na atualidade praticamente destruído. Tinha, originalmente, cerca de 400 metros de comprimento, 50 de largura média e 8 a 10 metros de altura. (BECK, 1972, p. 67).

No Sambaqui do Morro do Ouro, mesmo tendo sido bastante destruído (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 17), entre os três sambaquis citados atualmente é o que apresenta melhores condições de conservação. Anamaria Beck ao realizar sua pesquisa de campo destaca que:

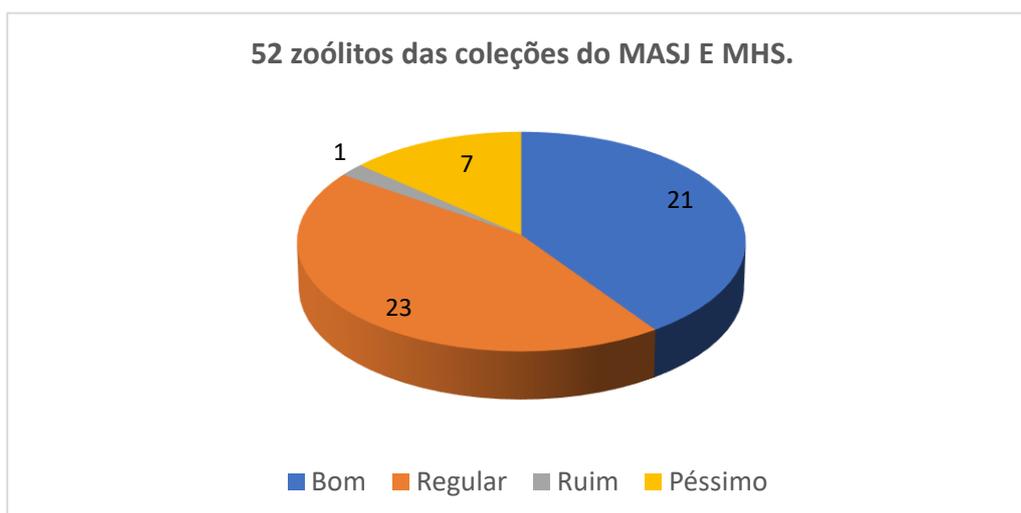
[...] pelos achados efetuados, os peixes não parecem ter tido uma importância maior na alimentação dessa população. Por outro lado, a fauna terrestre representou um importante papel, quer na alimentação quer no fornecimento de matéria prima para a confecção de artefatos. Ossos de aves e de mamíferos ocorreram com uma relativa frequência entre o material coletado durante a escavação. Durante o desmonte do Sambaqui, numerosas peças feitas com dentes e ossos de mamíferos foram coletadas por Tiburtius (1960; 1961). Resumindo, podemos dizer que a alimentação dos grupos construtores do Sambaqui do Morro do Ouro -SC LN 41 estava apoiada no consumo de moluscos, cujas conchas constituem o principal substrato do sítio. Esta dieta estava complementada por aves, peixes e mamíferos, cujos restos, no muito abundantes, evidenciam sua utilização (p. 120).

André Prous, embora salientando que são “especulações”, levanta a possibilidade de algumas espécies de peixes, cetáceos e algumas aves noturnas evocarem outros mundos e, talvez, o dos mortos:

[...] animais como o albatroz (que chega no litoral somente morto), o tatu (animal subterrâneo), o urubu carniceiro, o morcego noturno, assim como peixes e cetáceos, que povoam os fundos escuros do mundo aquático, talvez esses animais evocassem outros mundos, eventualmente, aquele dos mortos (2011, p. 50).

Nesse sentido, não seria nenhuma novidade animais estarem “evocando outros mundos”, ou seja, essa interface entre dois mundos, na história de longa duração da humanidade, conforme veremos ao longo da nossa pesquisa. No entanto, ao tentarmos evidenciar quais as faunas foram mais representadas nos zoólitos pelos sambaquieiros, esbarramos, basicamente, em duas problemáticas: a falta de estudos faunísticos nos sambaquis que apresentaram zoólitos e o fato de nem todas as esculturas serem possíveis de identificar a espécie representada, devido péssimo estado de conservação. Nesse sentido, se havia alguma fauna presente no sítio representada nos zoólitos, até o presente momento, lamentavelmente, não podemos responder com maior precisão. No universo de 52 zoólitos, que compõem as coleções arqueológicas do MASJ e do MHS, pelo menos 07 delas estavam em péssimo estado de conservação, conforme podemos observar no Gráfico 2.

Gráfico 2. Estado de conservação dos zoólitos objetos da nossa pesquisa



De acordo com a amostra de 52 zoólitos que selecionamos para nossa pesquisa, foi possível verificar que as aves são os animais que mais foram representados entre as sociedades sambaqueiras, conforme alguns autores já haviam observado até a segunda metade da década de 1970 (SERRANO, 1940; TIBURTUIS, BIGARELLA, 1960; PROUS, 1972; ROHR, 1977). Segundo João Alfredo Rohr:

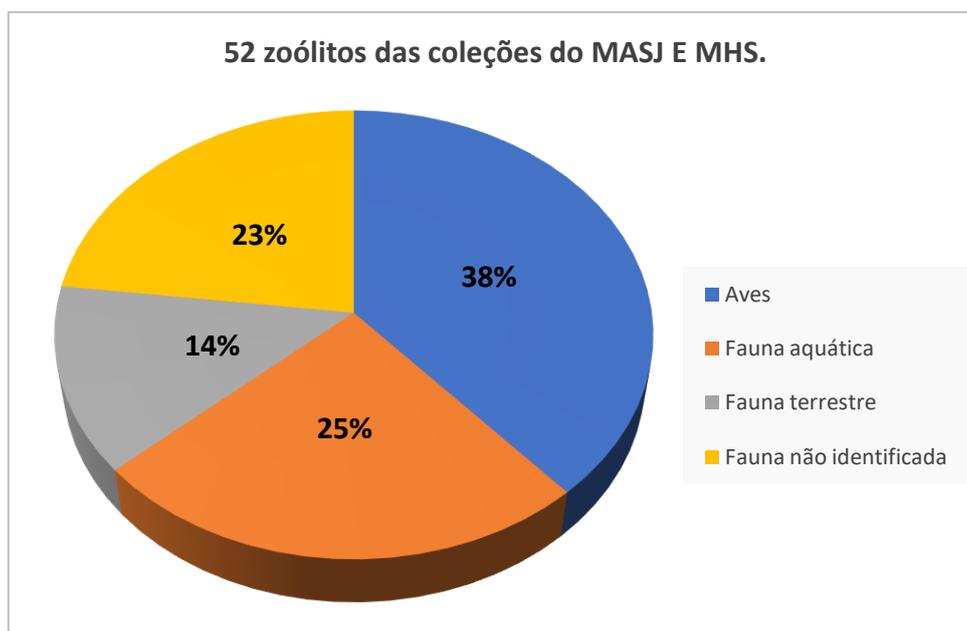
Na ordem de frequência, ocupam o primeiro lugar as representações de aves, vindo em segundo lugar os peixes. Mais raramente, ocorrem representações de quadrúpedes, quelônios e cetáceos (ROHR, 1977, p. 26).

Prous encontra a mesma preferência de representações de aves na primeira análise que realiza sobre os zoólitos, destacando que:

Aparece finalmente uma grande predominância dos animais voadores, mas que não podem ser identificados (com exceção de um), por falta de detalhes específicos; depois vêm os animais aquáticos, remarcáveis pela qualidade da maioria deles (PROUS, 1972, p. 78).

O parecer de Prous e Rohr sobre os artefatos zoomorfos, corrobora com os 38 % dos zoólitos que compõe nossa amostra de pesquisa, conforme podemos verificar no Gráfico 3.

Gráfico 3. Porcentagem dos da fauna representadas por meio dos zoólitos.



Estritamente, as porcentagens no Gráfico 3, correspondem, com base nas fichas que desenvolvemos para a nossa pesquisa, a 20 zoomorfos que representação aves, 13 faunas aquática e 7 faunas terrestre.

Em 2018, André Prous, ao publicar uma síntese sobre seus trabalhos realizados na década de 1970 (1972; 1974; 1977), e considerando o achado de novos artefatos zoomorfos (GOMES, 2012) constata que a lógica mudou: “predominância de peixes e mamíferos marinhos entre as famílias ou gêneros reconhecíveis; raridade dos quadrúpedes terrestres e excepcionalidade da figura humana” (PROUS, 2018, p. 200). Entretanto, independentemente da lógica quantitativa da representação faunística pelos sambaquieiros, são espécies que foram observadas e, muito provavelmente, por uma motivação simbólica, foram representadas. Para Ian Hodder (2005) é difícil o arqueólogo identificar ato ou objeto que não tenha significado simbólico (apud GOMES, 2012). Ou seja, mesmo que os arqueólogos ainda tenham algumas dificuldades para compreender o simbolismo dos zoólitos diante do seu histórico de descontextualização e destruição dos sambaquis, o caráter simbólico é óbvio.

Concordamos com Prous quando salienta que: “Mesmo assim, fica claro que eram objetos de alto valor simbólico e que alguns indivíduos tinham o direito de possuí-los – ou pelo menos, de levá-los consigo no túmulo” (PROUS, 2018, p. 215).

Segundo Kathryn Woodward “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade” (2014, p. 56). Essas identidades podem se materializar simbolicamente em artefatos: “As identidades têm expressão material e se expressam nos objetos, pois os grupos de alguma forma materializam marcas e símbolos de suas identidades em seus objetos” (CASTRO, 2008, p. 185). Ou seja, as relações sociais, ao longo da história humana, se utilizam de símbolos materializados em objetos, marcas, espaços privados para a manutenção ou mudança dos seus hábitos tradicionais. O espaço destinado para a edificação de um sambaqui e mobílias fúnebres como os zoólitos podem estar dentro dessa lógica histórica das sociedades humanas de tentar traduzir fenômenos que ocorriam no seu cotidiano ou manifestar mudança. Kathryn destaca que:

[...] as relações sociais são produzidas por meio de rituais e símbolos, os quais classificam as coisas em dois grupos: as sagradas e as profanas. Não existe nada inteiramente ou essencialmente “sagrado” nas coisas. Os artefatos e ideias são sagrados apenas porque são simbolizados e representados como tais (WOODWARD, 2014, p. 41).

Pierre Bourdieu ao analisar o poder simbólico nas sociedades modernas destaca que estes só podem exercer uma influência nos indivíduos porque são estruturados pelo coletivo, desta forma,

Os sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (em particular, do mundo social) (BOURDIEU, 2002, p. 9).

Ou seja, os zoólitos podem estar exercendo a função estrutural com a materialização do universo subjetivo, simbólico, cosmológico e das práticas xamânicas das sociedades sambaqueiras do Brasil Meridional. Suas representações, seu contexto de destino, suas cavidades (para que,

possivelmente, pudesse ser colocada alguma substância específica) podem ser indicativos da relevância simbólica que esses artefatos exerciam sobre essas sociedades, e da importância que o grupo dava a confecção dessas peças e ao indivíduo que seria sepultado ao ponto de se tornarem um aspecto que poderíamos classificar como identitário das mesmas.

Joël Candau destaca que “as estratégias identitárias de membros de uma sociedade consistem em jogos muito mais sutis que o simples fato de expor passivamente hábitos incorporados” (CANDAUI, 2011, p. 27). Podemos entender esses “jogos mais sutis” que o autor se refere como as relações entre indivíduos e grupos por meio das quais as identidades são manejadas. Nas sociedades de caçadores-coletores as práticas culturais, identitárias a cada grupo, são fruto da construção de hábitos para a compreensão do universo, dos fenômenos da natureza, nas relações sociais e na manutenção da memória aos antepassados. Para Candau,

[...] é provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando da sua socialização primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los e que memorizaram sem ter consciência [...] (CANDAUI, 2011, p. 26).

O contexto da materialização de objetos ritualísticos, como é o caso dos zoólitos como mobília fúnebre, muito provavelmente estaria ligado também “às maneiras de estar no mundo” salientado por Joël Candau (2011). Neste caso, entendemos que o cerimonial envolvendo o sepultamento, juntamente com toda a sua mobília fúnebre, é a expressão da maneira de estar no mundo dos sambaqueiros, num contexto que pode ser entendido por xamanismo, devido à representação de animais, sepulturas, ornamentações, fogueiras (entre outros itens, depende do sambaqui) presentes em muitos sambaquis do Brasil meridional. Angela Gomes ao trabalhar com as esculturas zoomorfas, considerando a perspectiva de Jean Langdon (1996), sintetiza que:

Conhecido no Brasil como pajelança, o fenômeno do xamanismo teve os primeiros relatos etnográficos registrados na Sibéria, no século XX. Fenômenos parecidos foram descritos em outras culturas, e o termo xamã, independentemente da localização geográfica, tornou-se universal para designar a pessoa responsável pela atividade de

mediador entre o mundo natural e o mundo do sobrenatural, que ocorre durante a prática xamânica (GOMES, 2012, p. 56).

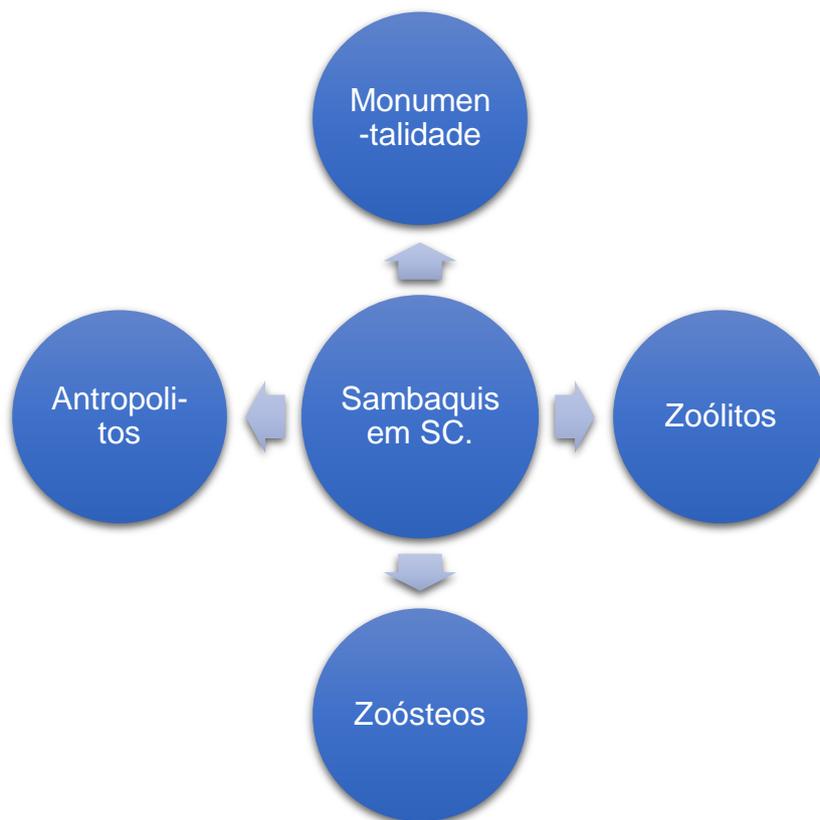
Em uma linha de análise semelhante a de Gomes, tanto Tom Dillehay (2007), que realiza uma análise antropológica e arqueológica da sociedade *Mapuche*⁵, como Viveiros de Castro, identificaram práticas xamânicas em comunidades indígenas que estudaram. Destacando o perspectivismo do ameríndio da Amazônia, a caça e o xamanismo, este último autor coloca que:

No que respeita à caça, sublinhe-se que se trata de uma ressonância simbólica, não de uma dependência ecológica: horticultores aplicados como os Tukano do Vaupés ou os Juruna do Xingu — que além disso são principalmente pescadores — não diferem muito dos grandes caçadores do Canadá e Alasca, quanto ao peso cosmológico conferido à predação animal (venatória ou haliêutica), à subjetivação espiritual dos animais, e à teoria de que o universo é povoado de intencionalidades extra-humanas dotadas de perspectivas próprias (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 230).

O gráfico 4, destaca a dinâmica da relação sambaqueiros/sambaquis/zoólitos em Santa Catarina. Essa relação, pode ser observada não somente entre as sociedades sambaqueiras, mas, além dos povos ameríndios da Amazônia, conforme ressaltado por Viveiros de Castro (2004), também com o povo *Mapuche*, conforme podemos verificar nas pesquisas do arqueólogo e antropólogo Tom Dillehay (2007).

⁵ Atualmente, a sociedade Mapuche encontra-se estabelecida em um território que engloba terras argentinas e chilenas.

Gráfico 04: Dinâmica da relação sambaquis zoomorfos em Santa Catarina.



É importante destacar que o povo *Mapuche* guarda uma série de semelhanças com as sociedades sambaqueiras: fabricação de zoomorfos com cavidades ventrais e laterais; enterram alguns membros da sua sociedade nos *Kuel*⁶ (santuário) e apresentam uma relação com o ambiente muito presente, semelhanças que, inclusive, podem ser verificadas na sua cosmovisão e nos “indicadores arqueológicos” (DILLEHAY, 2007), ou seja, na iconografia da sua cerâmica e na tecelagem que, por sua vez, compõem seus traços identitários na América do Sul.

6 *Mound* sagrado e artificialmente construído com pedra e barro que se destaca na paisagem. Assim, como os sambaquis, apresentam estruturas funerárias, no entanto, com mais frequência. Suas dimensões ficam entorno de 8 a 50 metros de diâmetro e vão de 1 a 15 metros de altura (DILLEHAY, 2007; DILLEHAY & CAPEDA, 2010).

2. PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: OS SAMBAQUIS, OS ZOOMORFOS E ANTROPOLITOS

Os padres jesuítas José de Anchieta e Fernão Cardim são os primeiros a registrar o fenômeno dos sambaquis em meados do século XVI (WAGNER; HILBERT; BANDEIRA, et al., 2011), como já lembrado por Anamaria Beck (1972) e Rossano Bastos (2007). No entanto, não é apenas o número de sambaquis que fazem deles um “sinônimo” de patrimônio arqueológico catarinense, mas também fatores como a presença de artefatos zoomorfos (na maioria das ocorrências em suporte de rocha e, em menor quantidade, em ósseo) e antropolitos, assim como as dimensões monumentais desses sítios arqueológicos.

2.1. SAMBAQUIS NO BRASIL, NOS EUA E NA EUROPA

No Brasil, da região Norte ao Sul foi possível identificar sambaquis com as mais variadas dimensões e datações e até mesmo a cultura material encontrada (BECK, 1972; SCHAAN & SILVEIRA, 2005; BASTOS, 2007). Enquanto identificamos cerâmicas nas camadas superiores e na superfície dos sambaquis do Sul associadas aos grupos Jê, no norte e nordeste do país será algo presente nos “montes de conchas” desde a base, próprio dos construtores destes monumentos, de culturas diferentes dos sambaquis do Sul. Em relação à cerâmica encontrada no sambaqui da Taperinha, no baixo Amazonas, Denise Schaan e Maura Silveira destacam que:

Diversas amostras de carvão e conchas, assim como de cerâmica, foram datadas pelos métodos radiométrico, AMS e termoluminescência, proporcionando datas bastante antigas para a ocupação sedentária do sítio, assim como para o uso da tecnologia cerâmica. Dezoito fragmentos de cerâmica recolhidos do nível 12 indicaram datas entre 7600 e 7335 AP, comprovando que aquela seria a cerâmica mais antiga das Américas (SCHAAN; SILVEIRA, 2005, p. 71).

Figura 07: Fragmentos de cerâmicas encontrados no Sambaqui da Taperinha.



Fonte: Junior; Neto; Neves, 2017, p. 29.

Sambaquis, *shell midden* e *shell mound* todos têm um aspecto em comum: são evidências da utilização de conchas de moluscos para a construção de montes por sociedades sambaqueiras. Para Castilho,

A interpretação dos recursos alimentares contribui para a compreensão da ocupação humana da zona costeira brasileira durante os últimos 12000 anos. Vários autores têm sustentado que a utilização da zona costeira, em várias partes do mundo, foi uma importante estratégia de sobrevivência (Colten & Arnold 1998; Glassow, 1999; Porcasi et al., 1999), principalmente sob o ponto de vista alimentar, permitindo novas áreas para dispersão ou exploração de novos recursos. Dezenas de casos são relatados no Hemisfério Norte, onde distintos grupos culturais se fixaram ao longo da costa com o propósito de obter recursos em abundância (Porcasi & Fujita, 2000) (CASTILHO, 2005, p. 4).

Nos Estados Unidos, os *shell mounds* vão guardar muitas semelhanças aos do Brasil em termos de dimensões e morfologias: verticais, sítios rasos e, também, *rings* (como o Sambaqui Conquista nº 9, Araquari, SC). As estruturas anelares (*rings*), também podem ser observadas na Europa (GUTIÉRRES-ZUGASTI; et al., 2011).

Os conchíferos europeus, assim como no Brasil, têm uma “variação regional” bastante clara, no sentido de que enquanto os da Dinamarca podem ser identificados visualmente, na França é necessária uma intervenção na subsuperfície do sítio arqueológico para evidenciá-los. Alguns exemplares na Espanha ficam em cavernas, como é o caso em Altamira onde houve consumo e depósito de restos de moluscos no local ou os shell-middens em rock-shelters, no monte Jaizkibel (Gipuzkoa, Espanha), onde segundo Dione Bandeira *et. al.*,

pesquisadores encontraram um grande depósito funerário sob numeroso material conchífero, com vários restos de crustáceos e de peixes (Arrizabalaga et al., 2015); e outros 35 abrigos sob rocha com presença de conchas localizados na porção norte deste país (2018, p.211).

No litoral catarinense, em São Francisco do Sul, existe uma ocorrência semelhante, ou seja, um sambaqui encontrado numa gruta (Sambaqui Casa de Pedra), datado em cerca de 6 mil anos AP (BANDEIRA *et. al.* 2018). Entretanto, seu ineditismo também se estende ao fato de encontrarmos na gruta a presença de pinturas rupestres, que até o presente momento, é o primeiro exemplar do litoral catarinense. Entretanto, no contexto nacional, foram encontrados outros dois sambaquis sob rocha, mas com outras características específicas que segundo Bandeira *et. al.*,

Com base em um levantamento de sítios arqueológicos do tipo sambaqui em abrigos no litoral brasileiro que pudessem ser similares ao sambaqui sob rocha Casa de Pedra, constatou-se que há apenas dois sítios registrados até o momento: um deles foi identificado por Souza (1977), no Rio de Janeiro, e o outro por Bendazzoli et al. (2009), em Ilhabela, São Paulo. Este último, que apresentou maiores semelhanças em relação ao sítio Casa de Pedra justamente por estar localizado em uma ilha, revelou a presença de um pequeno sambaqui, com ampla camada conchífera e fragmentos de ossos faunísticos na parte interna do abrigo, sobreposta por uma camada arqueológica contendo vários fragmentos cerâmicos e artefatos líticos polidos, que se estendia até a área externa do abrigo (2018, p. 210).

Em 2016/02, tivemos a oportunidade de fazer parte da equipe que realizou a pesquisa de campo no local. Os estudos envolvendo este sítio arqueológico ocorrem sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Dione da Rocha Bandeira.

Figura 08. Pesquisa arqueológica no Sambaqui Casa de Pedra, 2016/2.



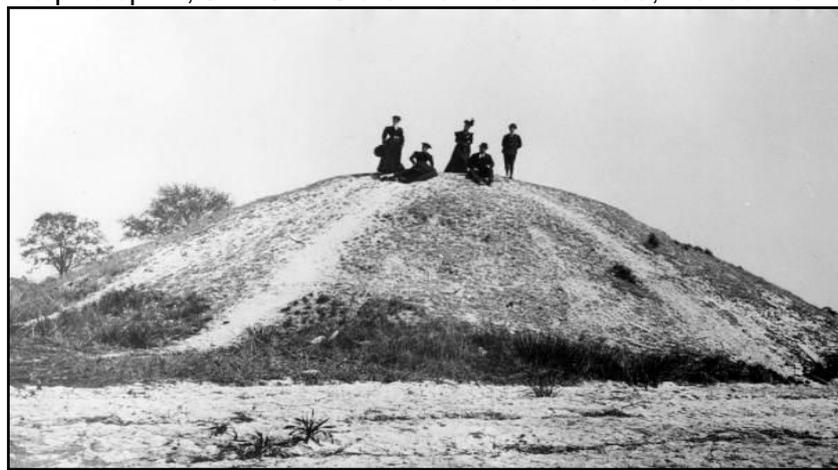
Fonte: Blog Learq Disponível em < <http://learqjlle.blogspot.com.br/>>. Acesso em 23 fev 2019.

Já nos “montes de conchas” em Muge e Sado, Portugal, a dinâmica dos conchíferos é mais complexa, pois na sua grande maioria estão associados a atividades de sepultamentos assim como os brasileiros,

The dorsal decubitus position predominates at Muge, while in Sado is the foetal. Personal adornments made on shell accompanied the dead at Muge; in Sado, information lacks about other funerary practices and offerings (some perforated shells were found but their association with the dead is uncertain). In Vale de Romeiras, however, 25 individuals were placed in a semicircle, facing the Sado River, suggesting a contemporaneous deposition (GUTIÉRRES-ZUGASTI; ANDERSEN; ARAÚJO *et al.*, 2011, p. 79).⁷

É importante destacarmos que, tanto no Brasil como na Europa, as estruturas construídas artificialmente com conchas não obedecem a qualquer estilo hegemônico de construção. Possivelmente, poderíamos dizer que a preferência pela utilização de conchas de moluscos para a edificação desses monumentos é um dos poucos pontos que os ligam. No Sudoeste dos Estados Unidos, por exemplo, alguns “sambaquis” foram construídos e ainda receberam construções de madeira no seu topo, destoando dos demais. No caso do *shell mound* de Saint Petersburg, na Florida (Figura 09), é um dos exemplares que guarda semelhanças com os sambaquis encontrados no estado de Santa Catarina.

Figura 09: *People on top of a shell mound - Saint Petersburg, Florida. ca 1903.* Black & white photoprint, 8 x 10 in. State Archives of Florida, Florida Memory.



Fonte: <<https://www.floridamemory.com/items/show/29009>>, accessed 14 March 2018.

⁷ [Tradução]. A posição de decúbito dorsal predomina em Muge, enquanto em Sado é o fetal. Adornos pessoais feitos em concha acompanhavam os mortos em Muge; em Sado, faltam informações sobre outras práticas e oferendas funerárias (algumas conchas perfuradas foram encontradas, mas sua associação com os mortos é incerta). No Vale de Romeiras, no entanto, 25 indivíduos foram colocados em semicírculo, de frente para o rio Sado, sugerindo uma deposição contemporânea (GUTIÉRRES-ZUGASTI; ANDERSEN; ARAÚJO *et al.*, 2011, p. 79).

Uma segunda modalidade de *mounds*, são os *shell rings* que segundo pesquisas realizadas apresentam remanescentes de construções tanto no topo dos anéis como no centro (RUSSO; SANDERS, 2011). Contudo, sempre estruturas de conchas relativamente baixas se comparadas com os sambaquis do Sul do estado de Santa Catarina, conforme podemos ver na reconstrução da Figura 10. Diferentemente do Sambaqui da Conquista nº 9, em Santa Catarina, que também é anelar (Figura 06), no centro, os anéis de conchas da Geórgia guardavam construções que ainda se discutem seu fim: xamânico ou domiciliar; no catarinense, guardavam-se sepultamentos com apelo ritualístico bastante complexo e presença de zoólitos e zoósteo.

Figura 10. Reconstrução em 3D de uma tipologia dos *shell rings* da Geórgia, EUA.



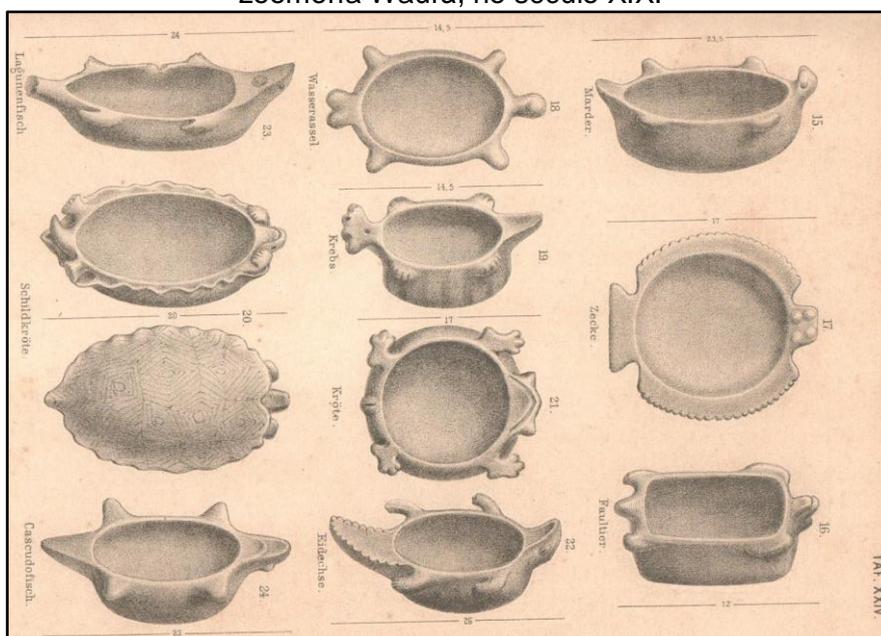
Fonte: <<http://lostworlds.org/sapelo_shell_rings/>>. Acessado em 12/12/2017.

2.2. ARTEFATOS ZOOMORFOS E ANTROPOMORFOS EM ALGUMAS SOCIEDADES DO PASSADO

África, Oriente, Ocidente, literalmente todos os continentes tiveram durante o desenvolvimento da sua história sociedades com o hábito cultural da representação da fauna, por meio da confecção de pinturas, gravuras e de esculturas em forma de animais denominados zoomorfos ou zoólitos. Estas esculturas foram realizadas para os mais variados fins: a) culto, b) acompanhamentos funerários, c) ornamentação e outros (RENFREW, 2008; MELLA, 1981a; 1981b; MILLARD, 199).

Na maioria dos casos podemos considerar esse fenômeno de representação da arqueofauna como fazendo parte do universo ritualístico e xamânico que um grupo pratica, ou seja, “uma inclinação humana em dar uma importância simbólica aos bens materiais” conforme já enfatizou Colin Renfrew (2008, p. 184). No caso brasileiro, uma das representações faunísticas mais conhecidas, tanto na comunidade arqueológica como fora dela, são os *zoólitos* associados aos grupos sambaquieiros. No entanto, destacamos que em território nacional a prática da confecção de artefatos zoomorfos por outras culturas foi igualmente desenvolvida, como foi o caso, por exemplo, na cerâmica dos grupos Waurá, do Xingu, conforme Darcy Ribeiro destacou em suas pesquisas (1987, p. 38-39), e documentou o explorador e etnólogo Karl von den Steinen em 1888, como podemos verificar na Figura 11.

Figura 11: Desenhos técnicos feitos pela comitiva de K. Steinen, sobre a cerâmica zoomorfa Waurá, no século XIX.



Fonte: Steinen, (1894, p. 130). Biblioteca do MHS.

A cerâmica zoomorfa dos Waurá é uma arte que, em termos de representação, é semelhante aos zoólitos dos grupos sambaquieiros, inclusive contendo cavidades ventrais. Muitos outros exemplos de zoomorfos poderiam ser citados, como os muiiraquitãs, do Baixo Amazonas; a cerâmica zoomórfica Santarém; e, mais recentemente, as representações zoomorfas, esculpidas em madeira, produzidas pelos Guarani no Sul do Brasil, como é o caso da Figura 12.

Figura 12: Zoomorfo em madeira, representando uma coruja, feita pelos Guarani da aldeia Tiaraju, Araquari, SC. Dimensões: 15 x 4,5 cm.



Fonte: Acervo particular do autor. Foi adquirida dos escultores Guarani, em 2016.
Foto: Jefferson Garcia, 2017.

Em várias regiões do Globo ocorrem esculturas em forma de animais, conforme o zoólito da Figura 13, e como é o caso da escultura em marfim, conhecida como o leão da *Caverna Vogelherd*, considerada uma das representações mais antigas da arqueofauna europeia, com cerca de 40 mil anos, encontrada nas escavações arqueológicas realizadas em 1931, pelo arqueólogo Gustav Riek, professor da Universidade de Tübingen (OLIVER, 2005, p. 184).

Figura 13: Zoólito encontrado no Sambaqui da Pescaria Braba, Imaruí, SC, 1973. Adquirido por João Alfredo Rohr. Detalhes técnicos ver Ficha 08, Apêndice A.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J" / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

A própria realização de representações de formas humanas, sejam estilizadas ou realistas, foi desenvolvida concomitantemente à representação da fauna pretérita em muitas sociedades do passado. É o acontecimento, por exemplo, nas inúmeras representações antropomorfas consideradas divindades da fertilidade, do paleolítico europeu, como é o caso da escultura em relevo da *Vênus de Lausse*, França, como podemos examinar na Figura 14.

Figura 14: Vênus de Laussel, descoberta em 1909, tem 46 cm. Sua datação pertence ao período do Paleolítico Superior.



Fonte: BOVO, 2006. p.81.

Consideramos relevante destacar que, na historiografia temática, tanto nacional quanto internacional (SIERRA Y SIERRA, 1931; SERRANO, 1940; MUÑOA, 1965; HUGARTE, 1969), os autores consideram indissociável os estudos sobre as esculturas zoomorfas e antropomorfas. Possivelmente, isto ocorre pelo fato de encontrarmos estas representações nos mesmos sítios arqueológicos indicando funcionalidades semelhantes, ou seja, mobiliário fúnebres ou artefatos ritualísticos, como classificou Colin Renfrew para Varna I e II (RENFREW, 2008).

Nacionalmente, podemos encontrar na classificação realizada pelos Padres Lutterbeck, e Braun, em 1948, e publicado pelo Pe. João Alfredo Rohr em 1950, nos “Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense”, com o título de *Contribuições para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina*, a referência a um antropomorfo listado juntamente com os zoólitos e outros

materiais arqueológicos que fazem parte da *Coleção Carlos Behrenhauser*, que pertence ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis. Posteriormente, veremos Prous (1972; 1977; 1991; 2011), Milheira (2005; 2014) e Angela Gomes (2012) trazendo em seus trabalhos acadêmicos sobre zoólitos, os antropomorfos em suas respectivas pesquisas. Com isso, entendemos pertinente abordarmos as formas antropomorfas na presente pesquisa, contrariando nossa compreensão inicial que entendia que o trabalho deveria ser focado somente nas representações da arqueofauna.

Na América do Sul, até onde conseguimos levantar, realizam-se publicações sobre formas zoomorfas/antropomorfos desde de 1931, como podemos verificar na publicação, deste mesmo ano, do especialista B. Sierra y Sierra, intitulado *Antropolitos y zoólitos indígenas*, da *Revista de la Sociedad “Amigos de la Arqueologia”*, Tomo V, Montevideo, Uruguai. Nesta obra o autor analisa os artefatos zoomorfos e o antropolito da cidade de Mercedes, Uruguai, encontrado em 1892, como podemos ver na figura 15, abaixo.

Figura 15: Antropolito encontrado na cidade uruguaia de Mercedes, 1892.



Fonte: PROUS, A. 2015, p. 61.

Posteriormente, teremos o artigo da revista uruguaia, do “*Centro de Estudios Arqueologicos y Antropologicos*”, *Amerindia*, de 1965, Montevideo, publicado pelo arqueólogo Juan Ignacio Muñoa, intitulado *Los Pueblos prehistoricos del territorio uruguayo*, onde faz uma apresentação dos sambaquis, entre outros povos pretéritos, e salienta a coleção de zoólitos e antropomorfos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, indicando que os estilos de esculturas estão diretamente relacionados, pois pertenceriam a mesma cultura.

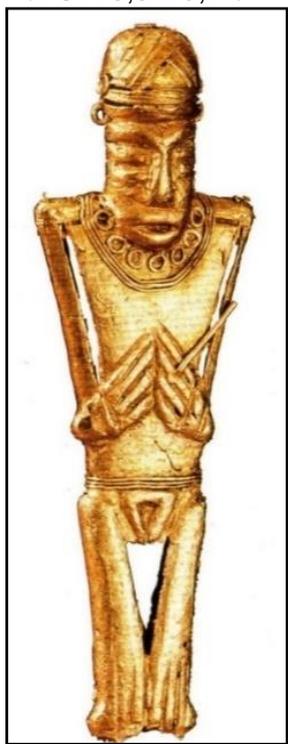
Na mesma década, outro pesquisador uruguaio, Renzo Pi Hugarte, escreve uma obra sobre o Uruguai Pré-Colonial, *El Uruguay Indigena* (1969). Esta, embora sintética, talvez seja a obra mais completa publicada na época, sobre os povos pretéritos que viviam no Uruguai antes do contato com o europeu. Neste contexto de análise, o autor acaba destacando os povos que havia em comum entre o Sul do Brasil e Uruguai. Novamente podemos verificar um estudo com zoólitos e antropomorfos.

As representações realizadas pelos povos *Tairona*, *Muisca* e *Zenú* que habitaram a região que hoje conhecemos como Colômbia, assim como as sociedades sambaquieiras, se mostraram verdadeiros artífices na arte da representação da fauna pretérita. No entanto, essas sociedades pré-colombiana faziam a sua produção zoomorfa e antropomorfa em ouro, metal muito presente entre culturas. Como é possível examinar nas figuras 16 e 17, as sociedades Muisca e Zenú, além de pertencerem à mesma família linguística, a *Chibcha*⁸, apresentaram em comum uma complexa técnica ao representarem formas humanas e a fauna pretérita em ouro.

Evidentemente, existe uma diferença cultural e temporal enorme no processo de desenvolvimento técnico de confecção artística destes povos; enquanto as primeiras representações da paleofauna dos Tairona e Muisca remontam entre os séculos VI ao X d. C. as esculturas dos povos sambaquieiros podem ser associadas a datações que são superiores a 6 mil A.P., em Santa Catarina, por exemplo.

8 Segundo as historiadoras Marcela Triana e Bibiana Quintana: “La familia lingüística más extensa del territorio Colombiano Prehispánico fue la Chibcha, esto significa que el grupo de los Chibchas aunque eran de culturas diferentes poseían similitudes lingüísticas. Los Chibchas se extendían desde el extremo noroccidental hasta la parte media del territorio colombiano” (TRIANA, M.; QUINTANA, B., 2011, p. 1-2).

Figura: 16. Antropomorfa da cultura *Muisca*. Representação feminina. 600 d. C. – 1600 d. C. 10,9 x 3,7 cm.



Fonte: Arcuri, (2010, p. 45).

A sociedade *Zenú* ficou muito conhecida por desenvolver complexas construções hidráulicas nos domínios do seu povoado até o século XVI. Contudo, as habilidades desse povo se assemelham aos dos seus vizinhos *Tairona* e *Muisca*, tornando-se uma complexa sociedade ourives, representando sua arqueofauna em ouro, como podemos verificar na Figura 17. Embora seja uma sociedade que existe até os dias de hoje, na época do “descobrimento”, não deixou de ser perseguida pelos espanhóis na sua sedenta busca por ouro do “Novo Mundo” e quase foram extintos.

Figura: 17. Zoomorfo da cultura Zenú. 200 a. C. – 700 d. C. 3,8 x 3,1 cm.



Fonte: Arcuri, (2010, p. 103).

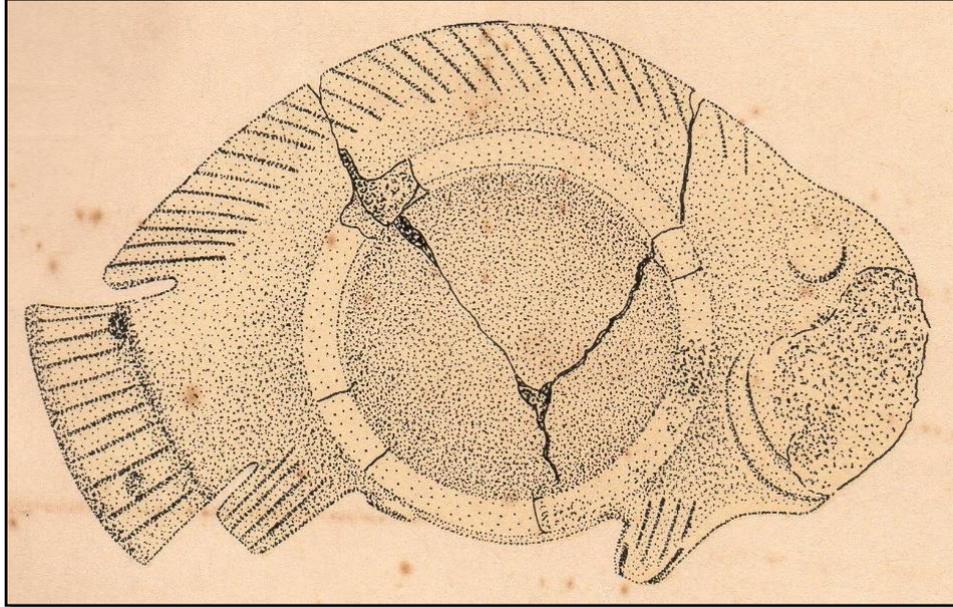
Das sociedades do passado que povoaram a América do Sul, com exceção dos caçadores, coletores e pescadores do Uruguai, possivelmente o Chile foi o local que apresentou peças zoomorfas mais semelhantes aos das sociedades sambaqueiras. Quando o arqueólogo Antonio Serrano chama atenção sobre aspectos gerais dos zoomorfos e antropolitos dos sambaquis da região sul do Brasil (SERRANO, 1940), ele também deixa claro que tais aspectos não são exclusividade dos sambaquis brasileiros. André Prous lembra que, de Laguna, SC, até Torres, RS, além dos zoólitos, ainda existem outras peças encontradas nos sambaquis do sul de Santa Catarina bastante semelhantes aos *cogged stones* dos sambaquis chilenos:

A região mais meridional, que vai de Laguna a Torres, forneceu outros objetos geométricos de esmerado acabamento, lembrando as famosas *cogged stones* dos sambaquis chilenos e californianos. Além de 'rodas dentadas' e outras 'engrenagens', nota-se também algumas peças fálicas (PROUS, 1992, p. 235).

Ao pesquisarmos nos *Anais de Museo Arqueologico de La Serena*, Chile, foi possível verificar melhor o que Serrano colocava sobre os aspectos gerais das formas zoomorfas e antropomorfas não ser exclusivo dos sambaquis do Sul do Brasil. No desenho (Figura 18) realizado pelo arqueólogo Jorge I. Charlín, é possível observar os aspectos gerais muito semelhantes aos das sociedades

sambaqueiras da costa sul do Brasil. Lamentavelmente, não foi possível encontrarmos fotografias da Figura 18, no entanto, percebe-se que a semelhança é tão grande que a mesma tem uma cavidade lateral e lembra as peças do tipo *Platiforme A* (PROUS, 1977).

Figura 18: Zoólito chileno. Acervo do *Museo Arqueologico de La Serena*, Chile.



Fonte: CHARLÍN, J. I, 1973. p. 76.

A arqueologia chilena designa peças zoomorfas como *biomorfas*, e por se tratar de uma peça em forma de peixe em que o suporte é rocha é classificada como *lito ictiomorfo* (CHARLÍN, 1973, p. 75-76).

Figura 19: Antropolito do Sambaqui Morro Grande, Iguape, SP. 10 x 4 x 8 cm.



Fonte: PROUS, 2015, p. 60.

Nosso objetivo foi realizar uma breve introdução sobre os artefatos zoomorfos e antropomorfos (Figura 19) em algumas sociedades do passado para mostrar, de forma geral, as especificidades em relação as formas produzidas pelas sociedades sambaqueiras. Algumas dessas esculturas foram tão bem produzidas que até a década de 1930 muitos pesquisadores consideravam a possibilidade dessas peças serem de origem andina (PROUS, 1992, p. 233-234), num claro preconceito com os povos indígenas brasileiros.

O zoólito de tubarão, possivelmente *Carcharodon carcharias* (Figura 20), segundo Milheira (2005), é das muitas esculturas que nos mostram a perfeição que as sociedades sambaqueiras do Sul do Brasil atingiram. Curiosamente, a peça foi encontrada em Capão do Leão⁹, RS, portanto, longe do litoral. Não havia

9 Segundo Manuel Gonzales e Rafael Milheira: “O zoólito de tubarão do presente estudo faz parte da coleção lítica “Carla Rosane Duarte Costa” que recebeu número de catálogo 008. A coleção se encontra sob a salvaguarda do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ – UFPel), sendo constituída por dois zoólitos (um tubarão e uma ave), uma mó, dois bastonetes polidos, uma lâmina de machado polida e duas bolas de boleadeira mamilar (Ribeiro, 2002. Milheira, 2005). Esses artefatos foram encontrados pelo pai da Sra. Carla Rosane Duarte Costa há aproximadamente 25 anos, no município do Capão do Leão - RS, quando da retirada de areia, por sua empresa de extração, com uma retro-escavadeira. Na ocasião, as peças da coleção foram retiradas de uma única vez, estando provavelmente depositadas em contexto. Após a retirada desse material do solo,

sido a primeira vez que um zoólito, representando a fauna marinha, seria encontrado distante do litoral. Em Alfredo Wagner, SC, distante cerca de 114 km do litoral catarinense, também houve a ocorrência de dois artefatos zoomorfos (um é cetáceo), segundo Altair Wagner (2002, p. 189, 191). As peças se encontram sob guarda do Museu da Lomba Alta. Devido ao fato dessas esculturas ainda não terem sido analisadas, seus atributos e o contexto em que foram achadas são desconhecidos. Também ocorreram zoólitos em outras localidades, representando outras espécies da fauna, no interior e na serra do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (MILHEIRA, 2014). Essas ocorrências de esculturas zoomorfas fora dos sambaquis, mesmo que em menor escala, poderiam estar indicando um contato entre outros grupos do interior? Se sim, possivelmente as sociedades sambaquieiras estariam presenteando ou permutando um significativo elemento de sua identidade na região sul: os zoólitos. Trataremos deste aspecto no transcorrer da dissertação.

Figura 20: Zoólito encontrado em Capão do Leão, RS. 13,5 x 57,2 x 22,3 cm.



Fonte: PROUS, A. 2015, p. 87.

2.3. OS SAMBAQUIS BRASILEIROS E ASPECTOS GERAIS DA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

A participação de intelectuais e modernistas nacionalmente conhecidos, nas discussões acerca do patrimônio histórico, como Mário de Andrade e Lúcio Costa, nas primeiras décadas do século passado, foi de vital importância para

as peças serviram até o ano de 2000 como enfeites de decoração doméstica na casa da doadora, o que possibilitou que a coleção não sofresse danos físicos significativos” (2005, p. 85-86).

que a noção de patrimônio fosse abrangida (SILVA; SILVA, 2005, p. 326), dessa forma, trazendo o tema à discussão naquele contexto histórico. No entanto, foi somente na Era Vargas, no Estado Novo, mais precisamente, com o Decreto-Lei Nº 25, de 30 de Novembro de 1937, que veremos a primeira norma jurídica que dispõe acerca do patrimônio histórico da União de maneira concreta onde podemos observar o seguinte entendimento:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Contudo, é somente no Pós-guerra, e nas décadas que seguiriam, que a noção de patrimônio será novamente ampliada, segundo André Desvallées e François Mairesse (2014), para dar conta de um entendimento emergente e amplo sobre o tema que se encontrava em voga internacionalmente:

A partir de meados dos anos 1950, a noção de patrimônio foi consideravelmente ampliada, de modo a integrar, progressivamente, o conjunto de testemunhos materiais do homem e do seu meio. Assim, o patrimônio folclórico, o patrimônio científico e, mais recentemente, o patrimônio industrial, foram progressivamente integrados à noção de patrimônio (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014. p. 74).

Os reflexos do Decreto-Lei Nº 25, aliados com as discussões internacionais, muitas com a participação direta do *International Council of Museums – ICOM*, *Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS*, da UNESCO vão embasar a construção da lei de 1961 e da Constituição de 1988. Com isso, a Presidência da República, através da Casa Civil, e por meio da Subchefia para Assuntos Jurídicos, publica a *Lei Nº 3.924, de 26 de Julho de 1961* que “Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos”:

Art. 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal.

Parágrafo único. A propriedade da superfície, regida pelo direito comum, não inclui a das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, nem a dos objetos nelas incorporados na forma do art. 152 da mesma Constituição.

Art. 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;

d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

A presente Lei trata ainda “Das escavações arqueológicas realizadas por particulares”, “Das escavações arqueológicas realizadas por instituições, científicas especializadas da União dos Estados e dos Municípios”, “Das descobertas fortuitas”, e, uma das mais importantes, que permitiu controle mais rígido sobre a saída do patrimônio arqueológico brasileiro para fora do país, o *Capítulo V*, que trata “Da remessa, para o exterior, de objetos de interesse arqueológico ou pré-histórico, histórico, numismático ou artístico”.

Maria Dulce Gaspar lembra que a aprovação de Lei de 1961 também foi resultado do empenho de muitos arqueólogos da época. Segundo a pesquisadora:

O empenho de Castro Faria, J. Loureiro Fernandes e Paulo do Duarte resultou na promulgação, em 1961, da lei que protege os sítios arqueológicos brasileiros. A partir de então, o padre João Alfredo Rohr inicia uma severa campanha de preservação dos sambaquis de Santa Catarina [...] (GASPAR, 2000, p. 18).

Embora todos os profissionais tiveram um papel importante na Lei de 1961, foi por iniciativa de Paulo Duarte que a mesma foi aprovada no Congresso Nacional (FUNARI, 2010, p. 26). Duarte, ainda por seu ativismo político e por denunciar o Golpe Militar de 1964 publicamente, foi perseguido pelos militares e o Instituto de Pré-História da USP quase foi extinto, segundo Funari (2010, p. 27).

Situações como essa foram bastante comuns durante a Ditadura Civil-Militar implementada em 1964, pois enquanto Duarte era perseguido por advogar uma Arqueologia humanista na USP, em Santa Catarina João Alfredo Rohr, devido à sua fiscalização contra a destruição dos sambaquis do estado realizada pelos municípios e por empresários da indústria do cal (Figura 21), era

processado por um juiz federal (JUMANDÁ, 1985, p. 39), conhecido por arquivar processos contra os demolidores de sambaquis. Situação que levou J. A. Rohr a chamava-lo de “advogado dos demolidores” (ROHR, 1977, p. 52).

Ao Regime Militar interessava apenas a Arqueologia que era realizada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, e não uma que pudesse realizar cotejos e reflexões entre cultura material com os povos indígenas contemporâneos (FUNARI, 2010, p. 27).

Figura 21. Sambaqui da Garopaba do Sul, em Jaguaruna, 1973, parcialmente destruído pelos fabricantes de cal.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr. 1973.

Já com o país redemocratizado, a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 216, defini o entendimento de patrimônio cultural da seguinte forma:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de

valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (CF, 1988).

Mesmo com oito décadas de discussões acerca do patrimônio arqueológico brasileiro, é de se questionar se a Arqueologia cumpriu o seu papel quanto ciência social, provocar reflexões entre as gerações atuais sobre a importância de algo que pertence a toda a nação brasileira. Alguns especialistas consideram que há um distanciamento entre a produção arqueológica, que serve de embasamento para as discussões acerca de preservação do patrimônio arqueológico e a sociedade civil, como é o caso da procuradora federal Dr.^a Inês Soares:

A existência de uma tutela jurídica do patrimônio arqueológico no Brasil desde a primeira metade do século XX não foi suficiente para superar o distanciamento da sociedade brasileira em relação à matéria arqueológica. A edição da lei federal específica, no início dos anos sessenta, para tratar dos bens arqueológicos (reflexo das normas internacionais produzidas), e a criação de estrutura administrativa e normativa apta para proteção desses bens também não cumpriram a finalidade de tutela efetiva. Até hoje, com raras exceções, o conhecimento, a produção acadêmica e científica de material arqueológico, bem como a sua divulgação ficam restritos a grupos de pesquisadores e estudiosos, sem repercussão social relevante, inclusive no plano jurídico, apesar de enorme importância do patrimônio arqueológico para compreensão dos elementos que integram a memória e a identidade dos brasileiros e dos possíveis reflexos socioeconômicos (positivos ou negativos) que podem advir da tutela desse patrimônio (SOARES, 2007, p. 7).

A procuradora federal Dr.^a Ana Lucia Hartmann compartilha opinião semelhante da sua colega em relação ao patrimônio arqueológico. E, ainda destaca, frisando a importância dos “sambaquis” e que a dificuldade que se encontra na preservação dos mesmos é devido à falta de informação:

Fazendo o patrimônio arqueológico parte integrante do patrimônio cultural, certamente sua especificidade e o pouco conhecimento do público sobre o mesmo torna ainda mais difícil sua proteção (HARTMANN, 2002, p. 10).

Ou seja, mesmo o patrimônio arqueológico, nesse caso, principalmente os sambaquis brasileiros, sendo a pauta no meio científico desde as primeiras décadas da República, ainda não foi possível observar medidas para a extroversão do conhecimento arqueológico de maneira contínua e a longo prazo

para além do público especializado, mesmo o patrimônio tendo condições de múltiplas apropriações (BASTOS, 2007, p. 66), e múltiplos futuros sociais (OOSTERBEEK, 2009, p. 20).

Toda essa problemática apresentada relacionada à questão do patrimônio cultural e arqueológico brasileiro, no que tange à conservação dos sambaquis, nos permitirá compreender como, por exemplo, muitos dos zoólitos e antropolitos sambaqueiros foram descontextualizados dos seus sítios, indo parar nas mãos de particulares, dificultando as análises para o entendimento dos hábitos sociais dos grupos litorâneos fabricantes de sambaquis.

2.4. OS SAMBAQUIS NO SUL E SUDESTE

Já é bastante claro para a Arqueologia brasileira (BECK, 1972; PROUS, 1992; BIANCHINI, Gina Faraco et al., 2011; DEBLASIS et al., 2014) os aspectos regionais das sociedades sambaqueiras que colonizaram a costa brasileira, do baixo Amazonas à região sul. A pesquisadora Madu Gaspar (2000), por exemplo, considera que os grupos que ocuparam o litoral sul e sudeste do Brasil tinham algo bastante em comum: eram a mesma tradição cultural com suas particularidades regionais.

As particularidades que a historiografia sobre o tema trata, referem-se, basicamente, às dimensões dos sambaquis e mobília fúnebre das duas regiões. Na indústria lítica e óssea dos sambaquis do estado catarinense, além dos materiais como lâmina de machado, quebra-cocos, recipientes, colares e projeteis podemos encontrar zoólitos, zoósteos e antropolitos, conforme viemos demonstrando ao longo da dissertação. A representação da arqueofauna se deu, no máximo, até o sul de São Paulo (07 peças). No estado do Rio de Janeiro e nas demais regiões não foram registrados a presença de artefatos zoomorfos.

Um segundo fator, mais restrito ainda que a presença de zoomorfos, são as dimensões dos sambaquis catarinenses (Figura 22). Ou seja, exemplares com mais de 30 m de altura, como é o caso do sambaqui Garopaba do Sul, em Jaguaruna; enquanto no estado carioca, o mais comum, é passarem um pouco mais de 5 m de altura. Contudo, o que vai ligar os construtores de sambaquis

das duas regiões, sul e sudeste, é o que Gaspar chama de “organização cognitiva do universo” dos sambaqueiros: moradia, remanescentes faunísticos e sepultados, compartilhando o mesmo espaço (GASPAR, 2000, p. 36-37). Podemos considerar também a amostragem, por meio da zooarqueologia, de prática da pesca amplamente utilizada pelos sambaqueiros, sendo a principal atividade econômica, conforme destaca Dione Bandeira (1992).

Ximena Villagran, ao realizar uma análise sobre as produções científicas, relativas aos primeiros grupos sambaqueiros que se instalaram na região sudeste do litoral destaca que,

Atualmente, propõe-se que teriam existido dois blocos maiores, embora não exclusivos, de desenvolvimento da cultura sambaqueira: 1) Rio de Janeiro, onde os sítios são de médio porte (até 5 m de altura), com associação entre áreas de habitação e locais de sepultamento [...]; 2) Santa Catarina, onde os sítios são frequentemente monumentais (mais de 5 m de altura), com maior quantidade de sepultamentos humanos e a presença de zoólitos (VILLAGRAN, 2013, p. 141).

Prous (2007) também acentua estes aspectos frisados por Ximena, em relação aos sambaquis do Sul, lembrando que,

Os sítios mais visíveis na paisagem litorânea são os conhecidos sambaquis, que ocupam o litoral do Rio de Janeiro até Torres (RS) [...]. Essas populações guardavam as valvas dos mariscos mais abundantes (ostra, mexilhão, berbigão), acumulando-as em plataformas sobre as quais instalavam suas residências e sepultavam seus mortos. Enquanto muitas apresentavam tamanho modesto (algumas dezenas de metros de diâmetro e poucos metros de altura), outras alcançam centenas de metros de comprimento e até mais de 30 m de altura (2007, p. 34-36).

Dione Bandeira, ao analisar o sambaqui da Enseada I, salienta os aspectos das fácies propostos por Prous em 1976, frisando as singularidades pontua que,

[...] também preocupada em estabelecer fases para sítios litorâneos, formulou, a partir da variação das indústrias líticas e ósseas, duas fácies culturais. Uma, a fácies Setentrional, que engloba sítios da região de Matinhos, no Paraná até Joinville (norte de Santa Catarina) e se caracteriza por uma indústria óssea requintada, incluindo zoólitos de osso, e outra, a fácies Meridional, que inclui sítios de Laguna, Imaruí e Torres (sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul) (BANDEIRA, 1992, p. 14-15).

Figura 22. Sambaqui da Praia Grande II, Morrete, São Francisco do Sul, SC. 100 x 100 x 15 de altura. Coberto por vegetação proveniente de restos orgânicos que cresceram ao longo de centena de anos.



Fonte: Arquivo Histórico do MHS. Foto: Pe. João Alfredo Rohr, 1972.

Todas essas observações realizadas pelos pesquisadores citados acima convergem para a singularidade das sociedades sambaqueiras que se desenvolveram em Santa Catarina.

Tanto na parte norte como no sul do estado, podemos verificar sítios sambaqueiros que mostram uma complexidade social que ainda está para ser melhor compreendida por pesquisas e análises em desenvolvimento.

Madu Gaspar (2000), lembra que, nos sambaquis do sul de Santa Catarina, podemos verificar que algumas construções foram realizadas com a exclusiva função de servir como local de sepultamentos, enquanto outros menores eram construídos de maneira satélite e com outras funções, como é o caso do Sambaqui da Jabuticabeira II e outros ao seu redor.

André Prous realiza considerações semelhantes a de Gaspar, observando, desta vez, os sambaquis do norte do estado:

O estudo da repartição dos sítios do norte de Santa Catarina ao longo de cada manguezal (cada um dos quais poderia ter a base territorial de um determinado grupo) sugere que teria havido um grande sambaqui acompanhado por vários satélites menores. Muitas vezes o sambaqui mais alto apresenta maior densidade de sepultamentos e objetos rituais, o que nos levou a considerar a possibilidade de que teria funções pelo menos parcialmente diferenciadas (PROUS, 2007, p. 35).

Pelas datações disponíveis até o momento o fenômeno dos sambaquis em Santa Catarina teria iniciado com o sambaqui da Caipora, no sul do estado. A datação deste sítio fica entre 7400 a 7500 AP (VILLAGRAN, 2013; OLIVEIRA, 2010), fazendo dele o mais antigo do gênero no estado até o presente momento.

Do sítio da Caipora aos sambaquis do Baía da Babitonga, no norte do estado, podemos verificar, na sua grande maioria, a relação restrita dos três elementos estruturadores da interpretação de uma única tradição cultural que a pesquisadora Madu Gaspar (2000) compreende para os sambaquieiros: “Refiro-me à estreita relação entre os moradores, os mortos e os restos faunísticos, configurando uma lógica particular de construção do espaço” (GASPAR, 2000, p. 36).

3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTORIOGRAFIA SOBRE OS ZOÓLITOS NO SUL DO BRASIL (séculos XX-XXI)

Depois dos estudos do arqueólogo argentino Antonio Serrano¹⁰ é com João Alfredo Rohr, em meados do século XX¹¹, que veremos a primeira tentativa de retomada de estudo dos zoólitos desde o século anterior, em Santa Catarina. Num sintético catálogo, com o objetivo de contribuir para os estudos da etnologia indígena deste estado, apresenta uma relação de seiscentas peças arqueológicas pertencentes à coleção¹² adquiridas dois anos antes, pelo então Museu do Colégio Catarinense¹³, e faz conjecturas acerca das peças zoomorfas da coleção:

Entre os utensílios encontrados nos sambaquis, salienta-se as peças zoomorfas [...]: pequenos pilões [nome bastante comum dado aos zoólitos pelos primeiros pesquisadores do tema] feitos de pedra que imitam com perfeição figuras de animais: pássaros, peixes, tartarugas e mamíferos. Estas peças revelam o gosto artístico, tamanho e acabamento tão perfeito em pedra duríssima, que os cientistas chegam a duvidar que tenham sido confeccionadas pelo homem do sambaqui (ROHR, 1950, p.5).

10 Dr. Antonio Serrano concentrou parte de suas pesquisas arqueológicas na compreensão dos povos pré-históricos brasileiros do litoral e do interior. A maior parte da sua produção acadêmica se concentra entre as décadas de 1930 até 1970.

11 No início do século XX, também há, em São Paulo, as pesquisas do arqueólogo e evolucionista teuto-brasileiro, Ricardo Krone, que entre seus vários trabalhos, ficou muito conhecido pelo seu achado de maior repercussão: o “Ídolo de Iguape”, um antropolito estilizado encontrado no sambaqui do Morro Grande, em 1906 (MORALES, 1998).

12 “Em 1948, na condição de reitor do Ginásio Catarinense, o Pe. João Alfredo Rohr adquiriu, por meio de compra, uma coleção expressiva de materiais arqueológicos (mais de oitenta mil fragmentos de cerâmicas, urnas funerárias, sepultamentos, materiais ósseos, projéteis líticos, ornamentos e outros), de um morador do Sul da Ilha de Santa Catarina, o comerciante Carlos Behrenhauser” (GARCIA, 2016, p. 162.). Behrenhauser permutava artefatos arqueológicos pelos tecidos que comercializava em Santa Catarina.

13 “O Museu do Homem do Sambaqui recebeu este nome em 1964 pelo seu fundador e um dos nomes mais importantes da arqueologia brasileira: João Alfredo Rohr. No entanto, pelo menos quase seis décadas antes, o “embrião” dessa instituição já havia nascido, mais precisamente em 1909 – quando seu mantenedor não havia nem recebido o *status* de colégio, mas sim de *Gymnasio Catharinense*, alguns anos depois, Colégio Catarinense –, sendo fundado pelos padres jesuítas Boock (reitor) e H. Lanz. Na ocasião, o local era chamado de *Museu do Gymnasio Catharinense* e mantinha as características de um museu de ciências naturais” (GARCIA, 2016, p. 161).

Este trabalho do arqueólogo João Alfredo Rohr foi tão importante, em termos de apresentação de fontes primárias, que, praticamente todos os especialistas que trabalharam com o tema zoólitos (Figura 23) e antropomorfos, testemunhos arqueológicos¹⁴ das sociedades sambaqueiras, citaram esta pesquisa, publicada em 1950, que teve também a contribuição técnica de outros dois jesuítas: “Descrição dos objetos feita pelo Pe. Jorge A. Lutterbeck, S.J., classificação mineralógica do material feita pelo Pe. Bertoldo Braun, S.J.” (ROHR, 1950, p. 13).

Figura 23. Parte dos zoólitos, da *Coleção Carlos Behrenhauser*, sendo catalogados por Pe. Jorge A. Lutterbeck, S.J., Pe. Bertoldo Braun, S.J. e J. A. Rohr, 1950



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe, João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Pe. João Alfredo Rohr, S.J., 1950.

14 Sobre a definição de testemunho arqueológico, em conformidade com o arqueólogo Vere Gordon Childe: “os dados arqueológicos são constituídos por todas as alterações no mundo material resultantes da ação humana, ou melhor, são os restos materiais da conduta humana. Seu conjunto constitui os chamados *testemunhos arqueológicos*. Estes apresentam particularidades e alterações” [...] (CHILDE, 1961, p. 9).

A produção historiográfica sobre o tema zoomorfos (FARIA, 1959; TIBURTIUS; BIGARELA, 1960; CABRAL, 1968; PROUS, 1972; MILHEIRA, 2005, entre outros) é unânime ao considerar os primeiros estudos sobre zoólitos à segunda metade do século XIX; mais precisamente, aos registros realizados nas saídas de campo de Charles Wiener, e aos escritos sobre arqueologia brasileira de Ladislau Netto, como lembra Castro Faria, em 1959:

Num dos primeiros trabalhos sobre os sambaquis da costa meridional do Brasil, baseados em pesquisa de campo, o de Charles Wiener, já se encontram algumas referências acerca de figuras zoomorfas talhadas em pedra e na mesma publicação se acha reproduzida uma das peças mais interessantes da coleção do Museu Nacional, que possui hoje perto de meia centena de exemplares dessa escultura animalista (CASTRO FARIA, 1959, p.3).

Sobre a produção de Netto, Castro Faria (1959, p.3) lembra que,

Na copiosa documentação apresentada em 1885, por Ladislau Netto, como base da sua tentativa de síntese dos conhecimentos de arqueologia brasileira reunidos até aquela data, já são representadas dozes dessas peças zoomorfas [...].

Figura 24: Pe. João Alfredo Rohr arrumando parte da coleção dos zoólitos para exposição do MHS, década de 1970.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: autor desconhecido.

No ano seguinte, no Sul do Brasil, os pesquisadores Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella publicavam um “trabalho descritivo”, como os próprios autores classificaram, intitulado *Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná* (1960). Esta produção encontrava-se em consonância ao início das referências e estudos sobre os zoólitos no Brasil:

Entre eles estão Carlos Rath (1871), Carlos Wiener (1876), Alberto Loefgren (1893) e Ricardo Krone (1908). Em 1885 Ladislau Netto, do Museu Nacional [do Rio de Janeiro], apresenta uma primeira interpretação dos zoólitos, que seria mais tarde retomada e desenvolvida por Antonio Serrano (1940) (BIGARELLA; TIBURTIUS, 1960, p. 6).

Com esta produção, Iris e Guilherme listam os principais sambaquis dos estados de Santa Catarina e Paraná, que haviam apresentado zoólitos, tanto em contexto arqueológico como fora dele¹⁵ como foi o caso do “Sambaqui do Linguado, Sambaqui Rio Pinheiros, Sambaqui Morro do Ouro” (1960, p. 7-15) e outros sítios igualmente importantes. Um trabalho bastante adequado para a arqueologia que se fazia na época. Contudo, esta mesma obra apresenta alguns problemas, em termos de classificação da localidade de peças zoomorfas da *Coleção Carlos Behrenhauser*, pertencentes ao *Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”*; questão que trataremos mais adiante no presente capítulo.

Quase uma década depois, o historiador Oswaldo Cabral reforça a tese da gênese da historiografia sobre o tema, em sua publicação para os *Anais do Instituto de Antropologia da UFSC*, intitulado *Da raridade dos zoólitos platiformes e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna* (1968)¹⁶, ao citar Wiener:

15 Tiburtius e Iris listam mais sítios ainda, como, por exemplo o Sambaqui de Areia Grande; Sambaqui da Conquista; Sambaqui de Cubatãozinho; Sambaqui da Barra do Sul, entre outros de Santa Catarina e Paraná (BIGARELLA; TIBURTIUS, op. Cit., p. 7-27.)

16 Dois anos depois sua publicação foi traduzida para o francês e publicada na *Bulltin*. Genève, Suisse, 1970, nº 34. Société suisse des Américanistes: “La première référence que l’on trouve sur ce type de zoolithe, sans toutefois qu’il fasse l’objet d’une classe à parti, est due à Wiener, dans ses <<Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil>>. L’auteur se réfère à trois *mortiers*, sans cependant mentionner le ou les sambaquis où ils auraient été découverts, dont l’un <<présente les caractères de ce que l’on nome aujourd’hui l’art appliqué à l’industrie, caracteres très fréquents dans les objets archéologiques de l’Amérique méridionale. Ces mortiers ont la forme de raies (*Squatina*?) et la cavité se trouve sur le ventre de l’animal habilement imité par

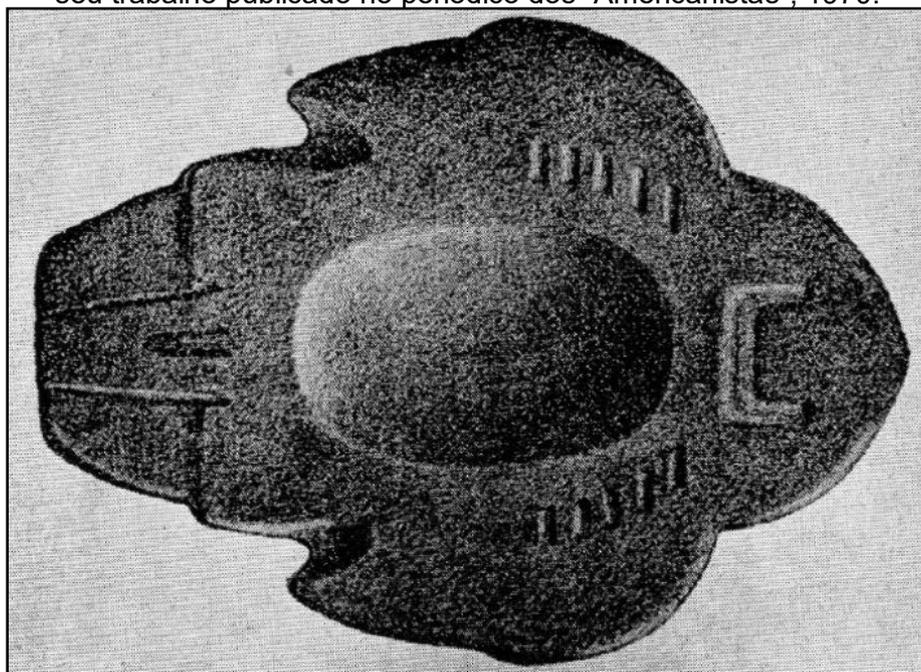
A primeira referência encontrada a respeito deste tipo de zoólitos, sem, todavia, incluí-los numa chave à parte, pertence a Wiener, nos seus 'Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil'. Refere-se o autor a três almofarizes encontrados, sem, todavia, mencionar o sambaqui ou os sambaquis visitados, um dos quais "oferece caracteres do que se chama hoje a arte aplicada à indústria, caracteres muito frequentes nos objetos arqueológicos da América meridional. Estes almofarizes têm forma de Raias (*Squatia*?) e a cavidade acha-se sobre o ventre do animal habilmente imitado pelo artista índio'. A segunda referência vem em Ladislau Neto, que foi diretor do Museu Nacional, no seu trabalho 'Investigações sobre a Arqueologia Brasileira', quando se refere também a almofarizes [...] (CABRAL, 1968, p. 4).

André Prous, na ocasião bolsista do Governo francês, agregado na USP, destaca a importância da publicação de Cabral da seguinte forma: "Oswaldo R, Cabral, em 1968, publicou o primeiro verdadeiro ensaio tipológico, isolando nos zoólitos um tipo "Platiforme" (Fig. 25) (PROUS, 1972, p.60), assim como o estilo "Paquiforme" também é destacado pelo arqueólogo:

[...] denominação novamente adotado do Dr. Cabral, aplicando-a exclusivamente às peças de bom acabamento, mas de forma muito maciça, que representam quadrupedes e animais aquáticos, com ou sem cavidade (PROUS, 1972, p. 74).

l'artiste indien>>. La seconde référence est due à Ladislau Neto, qui fut directeur du Musée National de Rio de Janeiro, dans son travail <<Investigações sobre a Arqueologia Brasileira>> où il se réfère également aux *mortiers* [...] (CABRAL, 1970, p. 13).

Figura 25. Um dos seis zoólitos platiformes apresentados por Oswaldo R. Cabral, em seu trabalho publicado no periódico dos “Americanistas”, 1970.



Fonte: Cabral (1970, p.14).

Nesta mesma publicação, em 1972, o arqueólogo francês vai apresentar sua elaboração tipológica considerando, basicamente, critérios morfológicos diferenciados para a compreensão dos zoomorfos: Platiformes A (bastante achatadas, com cavidade lateral muito rasas, com poucos milímetros de profundidade); Platiformes B (forma achatada menos acentuada e cavidade um pouco mais profunda); Aparentadas-platiformes (apresentada a principal característica das anteriores: bastante achatada e cavidades de profundidade variada; Nucleiformes A (peças encontradas principalmente em Torres, nenhuma delas apresenta cavidade ou depressão); Nucleiformes B (peças maciças, mas que algumas apresentam cavidades); Cruciformes (apresentam duas asas laterais, separados por um tronco, lembra uma cruz); Cruciformes B (com as características do anteriores, porém com mais detalhes ainda, como nadadeiras); Sobrelevadas (são zoólitos em pedestal não zoomorfa, também contém cavidade); Semi-zoomorfos (são pratos e tigelas que apresentam partes animalista); Paquiformes (peças com excelente acabamento, porém de forma muito maciça, com ou sem cavidade (PROUS, 1977, p. 71-74) (ver Anexo C). Trata-se de trabalho acadêmico de enorme qualidade sobre a temática, onde ele destaca aspectos de variações regionais destes mobiliários fúnebres.

De igual relevância acadêmica, dois anos depois, Prous, apresenta esta análise, de maneira sintetizada, em seu *Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay* (1974). Em seu catálogo o arqueólogo apresenta 241 artefatos zoomorfos sambaquieiros, do sul de São Paulo ao norte do Uruguai. Nessa publicação o autor priorizou uma apresentação geral sobre o zoólitos e possibilidades de interpretação através das análises zoológicas, dimensões, cavidades, técnica de fabricação e tipologia. Contudo, diferente da tipologia apresentada na sua publicação anterior (1972), Prous apresenta treze categorias para a classificação dos artefatos. Ou seja, três categorias a mais. O autor entendeu que poderia ser inserido a tipologia “Nucleiforme C”, para o estudo das peças dessa categoria e inseriu outras duas: Anthropomorphes (para representações de formas humanas) e Zoomorphes d'os (zoólitos em osso) (1974, p. 12-13).

Em 1977, André Prous publica parte da sua tese de doutorado: *Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay*. A partir de uma análise qualiquantitativa, o autor realiza uma apresentação de todas as regiões que apresentaram zoomorfos e antropólitos, do sul de São Paulo ao norte do Uruguai. Por meio de tabelas e gráficos Prous apresenta a classificação geométrica de grupos de artefatos zoomorfos; forma não geométrica; com cavidades e sem cavidades, conforme podemos verificar na Figura 26. Entretanto, o principal fator que consideramos importante na tese do autor é a consideração de que o grande número da presença de zoólitos em Santa Catarina poderia ser indicação de que o surgimento da confecção desses artefatos seria no estado catarinense. Essa afirmativa do autor vem a corroborar com o nosso entendimento de que Santa Catarina é o epicentro dos artefatos zoomorfos do Brasil meridional.

Devido a seus anos de dedicação e propostas analíticas sobre as formas zoomorfas, Prous é considerado o pesquisador de maior importância sobre o tema. Não há como realizar pesquisas sobre zoólitos sem conhecer a proposta tipológica e a produção científica deste autor. Nenhuma outra produção acadêmica sobre o tema superou esta última pesquisa, como já lembrou o arqueólogo Rafael Milheira (2005), outro importante estudioso no tema.

Figura 26: Tabela tipológica dos artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaqueiros proposta por Prous (1977).

réalisme forme cavité	faible réalisme forme géométrique				réalisme poussé forme non géométrique			
	triangu- laires	ovoïde	quadri- lobée	cruci- forme	animaux			humaine
					2 volumes hétéro- gènes	plate	épaisse	
sans	triangu- laires	nucléi- formes A	—	—	—	—	—	—
avec	—	—	nucléi- formes B & C	cruci- formes A, B, C	perchés	plati- formes A & B	—	—
avec ou sans	—	—	—	—	—	—	pachy- formes zoomor- phes d'os	anthro- pomor- phes

Fonte: PROUS, 1977, p. 36.

Considerando a análise que realizamos sobre o tema zoomorfos, depois de André Prous, possivelmente o arqueólogo Rafael Milheira, professor da UFPel, RS, é o especialista que melhor se dedicou aos estudos sobre as peças zoomorfas e antropomorfas sambaqueiras. Exemplificativo da sua dedicação nas pesquisas sobre a temática foi seu trabalho monográfico, onde se dedicou a estudar a “coleção Lítica Carla Rosana Duarte Costa”, composta por 08 peças, do Laboratório de Antropologia e Arqueologia, pertencente a UFPel, intitulado: *Esculturas Líticas sambaqueiras: algumas possibilidades interpretativas. Reflexões a partir de uma coleção lítica do LEPAARQ/UFPEL* (2005).

Sua última publicação “Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaqueiras”, 2014, (segundo o autor versão atualizada e revisada do artigo apresentado nos Anais da Sab 2007), Milheira discute uma síntese bibliográfica sobre o tema dos zoólitos e traz mapas de localização da ocorrência das peças, da região sul e sudeste do Brasil e do Uruguai, tabelas e gráficos de porcentagens de zoomorfos por região.

Apenas duas observações que entendemos pertinentes de destacar na nossa dissertação sobre a última publicação de Milheira, uma é interpretativa e a outra é sobre a atualização de dados: a interpretativa é que, pertinentemente,

Milheira propõe a divisão em duas categorias da literatura especializada sobre os zoólitos: “literatura descritiva” e “literatura analítica” (MILHEIRA, 2014, p. 190). No entanto, entendemos que uma terceira categoria poderia ser incluída nesse modelo: talvez uma “literatura geral”, que são autores que fazem rápida alusão às peças zoomorfas, salientando sua importância, mas que não aprofundam sobre o tema (KERN, 1994; SCHMITZ, 1991), muitas vezes por não ser o objeto central do estudo deles naquele momento, mas que podem conter alguma informação relevante. E nesse sentido, poderiam ser incluídas obras como a de J. J. Bigarella; G. Tiburtius; A. Sobanski (1954); Josué C. Mendes (1970); Theobaldo C. Jumandá (1970) e José R. Valença (1984).

A atualização que nos referimos seria em relação ao número de peças zoomórfas procedentes da Praia do Pântano do Sul. Na elaboração da sua oportuna “Tabela de Localização das esculturas” (MILHEIRA, 2014, p. 206), o autor insere o número de sete zoólitos. Possivelmente, Milheira deve ter considerado os números apresentados por Prous (1974, p. 63), que destaca a mesma quantidade de artefatos zoomorfos para este sítio arqueológico. Contudo, somente no acervo arqueológico do *Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”*, em Florianópolis, o número existente de peças que vieram do Pântano do Sul, é seis, que já foram listadas por Rohr em sua obra de 1977: quatro recolhidas por moradores do próprio Pântano, entre as décadas de 1940 e 1960, e outras duas coletadas por Rohr, em 1975, associados a um sepultamento (ROHR, 1977, p. 27). Ainda no *Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay* (1974), de Prous, existe mais um zoólito que pertence ao Pântano, mas que não está arrolado como sendo desse sítio: é a peça de número 143¹⁷ (PROUS, 1974, p. 105). Já a peça de número 146b¹⁸ (1974, p. 44) atribuída ao Pântano, segundo a Ficha 67, do Arquivo Histórico do MHS/CC, não tem nenhum sítio arqueológico exato atribuído ao artefato (Figura 27), apenas a informação “Sul da Ilha”.

17 Peça nº 61, marcação do MHS. Ver Ficha nº 5.

18 Peça 67, marcação do MHS. Ver Ficha 23.

Figura 27. Um das fichas originais confeccionadas pelo Pe. Rohr, em 1948.

Secção	Era Précolombiana	
etnológica	Objetos da cultura da pedra polida	67
Caixa 2	<p>Pilão zoomorfa (provavelmente forma de peixe) gravemente danificado; cavidade do pilão com diâmetro 70x59 e profundidade de 26, perfeitamente oval, de aprofundamento absolutamente simétrico; alisamento perfeito sem vestígios de lascamento; base batana trazeira destruída, na base de 30 mm de largura e 22 de grossura; engrossamento apenas indicado; cabeça destruída, na base 45 mm de comprimento, base batana da barriga apenas indicada; diâmetro plano-elíptico.</p> <p>ps.: 980g.; cp.: 160; lg.: 92; gr.: 60;</p> <p>Material: Diorito. Local: Sul da Ilha. Procedência: Coleção Berenhauer.</p>	

Fonte: Arquivo HMHS / Colégio Catarinense.

Com isso, o número exato de esculturas pertencentes ao sítio arqueológico da Praia do Pântano do Sul é de dez artefatos: seis pertencentes ao acervo do MHS; três ao acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro; e um no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina – MarquE/UFSC.

O número de sete artefatos zoomorfos apresentados no catálogo de André Prous (1974) está correto. Temos, apenas, que desconsiderar a peça de número 146b e considerar a peça de número 143 como pertencente ao Pântano do Sul. É importante esta correção para a compreensão da distribuição do zoólitos na região.

Em 2012, foi publicada a dissertação de Angela A. de Oliveira Gomes, *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral Sul do Brasil*, UFPR, na qual a autora trabalha com as principais coleções de zoólitos do Sul do Brasil, como os demais autores fizeram.

Angela considerou os zoólitos como indicativo de uma complexidade social e afirmação de diferenças para indivíduos, devido ao fato de poucos terem

sido encontrados com esses acompanhamentos funerários. A consideração do “perspectivismo ameríndio” proposto por Viveiros de Castro, foi muito bem colocado para se pensar os zoólitos dentro de práticas xamânicas envolvendo indivíduos, sambaquis e esculturas zoomorfas. Basicamente, trabalha na perspectiva do simbolismo, cosmologia e variabilidade dos artefatos zoomorfos. Produção de qualidade, principalmente do ponto de vista da antropologia simbólica. No entanto, um aspecto que merece ser melhor discutido em sua dissertação é a atribuição que a especialista faz sobre um artefato do Sambaqui do Siqueira, Imaruí, SC, pertencente ao *Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”*, onde ela classifica como um “zoólito medindo aproximadamente 15 cm x 14 cm; apresenta uma espécie de sulco ao redor da lateral e alguns detalhes relativamente pontiagudos em oposição” (2012, p. 161), que no nosso entendimento, poderia se tratar um peso de rede. Contudo, essa é nossa interpretação, o que não invalida o entendimento da pesquisadora; apenas indica que a peça merece ser melhor analisada.

A autora realizou uma pesquisa completa para a compreensão dos zoólitos e também dos zoósteos e dos antropólitos através dos conceitos pós-processualistas de Ian Hodder e dos aspectos contextuais de C. Geertz. Nessa perspectiva a pesquisadora se alinha com o entendimento, por exemplo, de que os artefatos encontrados em outros contextos culturais, não sambaquieiros, apontam para um contato inter-cultural das sociedades litorâneas o do interior da região (GOMES, 2012, p. 235). Nesse sentido, estamos de acordo com a autora e os demais autores como Prous (1977) e Milheira (2014), e outros, que advogam essa teoria.

Figura 28: Peça que a autora Angela Gomes classifica como zoomorfa.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

No mesmo ano da publicação de Angela Gomes, tivemos a dissertação de Fabiana Belem, *Do seixo ao zoólito. A indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais*, USP, SP, que, embora os zoólitos não tenham sido seu objeto central de estudo, a mesma realiza uma relação, dentro de uma perspectiva analítico-tecnológica e funcional, da indústria lítica contemplando os sambaquis do sul catarinense. Com isso, Belem compreende os zoólitos dentro desse processo morfológico dos líticos dos povos sambaqueiros. A arqueóloga propõe uma análise das coleções líticas provenientes do litoral sul de Santa Catarina; traça um perfil técnico-tipológico geral para a indústria dessa região; e, a partir da distribuição das categorias líticas elaboradas, propõe variáveis relacionando-as com os sambaquis pesquisados. Após selecionar uma amostragem de 7857 peças dos sambaquis Jabuticabeira II, Lagoa dos Bichos II e Morrete, proveniente de pesquisas de campo e coleta de superfície, desde 1997, chega às considerações de que a sedentarização e o aumento da complexidade social dos grupos sambaqueiros

do sul de Santa Catarina favoreceram a gestão da matéria-prima (rochas) e estratégias de organização tecnológica do grupo que habitou a região.

Belem observou que a presença dos artefatos zoomorfos e de pequenas peças polidas, como tembetás, virotes, fusiformes, e geométricos, deixam de ser conflitantes com os demais artefatos da indústria lítica, em que o sistema de lascamento, polimento, picoteamento e suportes em seixos são bastante presentes, e não somente em peças zoomorfas.

A autora não trabalhou com as coleções completas de zoólitos, com isso, não foram observados em sua produção problemas em relação às referências das peças zoomorfas como ocorreu com Tiburtius e Bigarella (1960). Até o presente momento, esta produção seria o último estudo *strictu sensu*, relacionado à temática que conseguimos levantar. Destacamos nesta parte da dissertação as principais produções, dos pesquisadores, que consideramos relevantes para a compreensão dos estudos sobre peças zoomorfas sambaqueiras brasileiras, em especial as do estado de Santa Catarina. Neste levantamento constatamos algumas questões, sobre as esculturas zoomorfas que trataremos a seguir.

3.1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA TEMÁTICA: O CASO DOS ZOÓLITOS DA COLEÇÃO CARLOS BEHRENHAUSER DO MHS

A relevância da verificação dos primeiros registros documentais realizados sobre os artefatos arqueológicos que saem das pesquisas sistemáticas de campo é algo indissociável para se estudar uma determinada cultura em questão. Orser Jr. salienta que “A arqueologia usa uma série de fontes de informação em sua pesquisa. As principais são os artefatos e as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, as informações orais e as imagens pictóricas” (ORSER JR, 1992, p. 31).

O profissional do campo da Arqueologia jamais deve perder esta atenção, pois do contrário, poderemos acabar perpetuando dados equivocados durante muitas décadas sem percebermos. E isso, é exatamente o que aconteceu na publicação de Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella (1960), e,

consequentemente, com as publicações de alguns dos pesquisadores que utilizaram a publicação dos dois como única fonte sobre os zoomorfos estudados. Possivelmente, se as fontes escritas tivessem sido consultadas pelos especialistas em questão, assim como os demais pesquisadores do tema, os autores teriam ponderado nas suas descrições sobre a procedência das peças zoomorfas apresentadas. No entanto, muitas vezes, consultar fontes escritas históricas é um procedimento que o arqueólogo que trabalha com o período pré-colonial, entende que é um procedimento metodológico realizado apenas por quem atua na Arqueologia Histórica, um erro. Ian Hodder destaca essa problemática:

En este enfoque los datos están profusamente entrelazados, muchos perduran y sobreviven, y hay muchos cabos que se pueden seguir, incluso en ausencia de fuentes escritas, que ensí mismas son solo un contexto más donde descubrir semejanzas y diferencias. Pero continuamos con el mismo problema: determinar si el contexto escrito es o no relevante para los demás contextos (por ejemplo, los estratos arqueológicos), y decidir si las semejanzas entre dos contextos (escrito y no escrito) implican o no los mismos o distintos significados. Pero aun así existen más posibilidades de encarar estos problemas, porque la mayor profusión de datos permite descubrir un mayor número de semejanzas y diferencias, y dimensiones más relevantes de variación (HODDER, 1994, p. 156-157).

Evidentemente nenhum trabalho acadêmico foi altamente comprometido devido a Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella terem arrolado algumas peças zoomorfas da Coleção Carlos Behrenhauser, pertencente ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, equivocadamente. Até por que todos que usaram os dados destes autores sem consultar as fontes cometeram o mesmo erro. Estamos realizando estas observações sobre o trabalho dos dois pesquisadores, unicamente, com o objetivo científico de que mais trabalhos não sejam desenvolvidos atribuindo materiais zoomorfos a uma localidade sendo que eles pertencem a outra, ou até mesmo, se desconheça a localização ao certo, como é o caso do zoólito representando um tatu (Figura 29) (ver Ficha nº 22, do Apêndice A), *Dasypus novemcinctus*, que os pesquisadores acima atribuem ao “norte da Ilha de Santa Catarina”, mas que, na verdade, a procedência é incerta, como foi possível verificar nos primeiros registros feitos em fichas, presentes no Arquivo Histórico Documental do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”.

Foto 29: Zoólito representando um *Dasyopus novemcinctus*, tatu.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

Dos doze zoólitos (números¹⁹ 5, 38, 61, 65, 66, 70, 71, 649, 650, 652, 653, e s/n) citados por Tiburtius e Iris (1960, p. 27-31), pertencentes ao MHS, apenas três foram atribuídos aos locais de procedência corretos, ou seja, dois (nº 61²⁰ e nº 66²¹) pertencentes ao “Sul da Ilha” (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 30-31) e um terceiro (nº 649) ao Sambaqui de Imbituba²², SC, (1960, p. 30).

19 Com exceção da referência numérica “5” e a alfabética “s/nº” (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 47), todos os outros números foram dados pelo Pe. João Alfredo Rohr, e foram citados corretamente pelos autores. Contudo, a peça nº 5, na verdade é o nº 68 (ver Ficha nº 14), da *Coleção Carlos Behrenhauser*, do MHS, que segundo Jorge Lutterbeck trata-se de: “Pilão de mão alisado, forma de cruz, provavelmente um pássaro em voo” [...] (ROHR, 1950, p. 34). Já a peça s/nº é um zoólito recolhido por Alípio Capistrano, morador local [Praia do Pântano do Sul], em 1956, nas dunas do sítio arqueológico SC-RF-10 (ROHR, 1977, p. 50). Na análise de Rohr, representa “um passarinho, possivelmente, andorinha” (Hirundinidea) (Ibidem).

20 Ficha 05.

21 Ficha 18.

22 “Sambaqui de Imbituba” é uma referência bastante vaga. Somente até a década de 1980, João Alfredo Rohr havia registrado cerca de doze sambaquis em Imbituba, SC (ROHR, 1984, p. 104-105). No entanto, “Sambaqui de Imbituba” encontra-se registrado exatamente desta forma na sua Ficha, que se encontra no AHMHS. Talvez ela já tinha sido adquirida pelo MHS antes da chegada de Rohr, assim como foi o caso de parte do acervo que lá se encontra.

No entanto, é importante salientar que a peça nº 649 também apresentou problemas de procedência por parte dos autores, na medida em que na mesma publicação (1960), eles apresentam além de Imbituba uma segunda localidade para a peça, que é o norte da Ilha de Santa Catarina (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 48), portanto duas localizações diferenciadas para uma mesma peça na mesma obra. Com isso, consideramos relevante elaborar uma listagem que mostrasse os problemas com as referências e as correções com base nas pesquisas que realizamos no Arquivo Histórico do MHS, conforme é possível verificar na Tabela 2.

Tabela 2. Correção número/localidade dos zoólitos da Coleção Carlos Behrenhauser (MHS)

Nº	Nº NAS PEÇAS (T.; B.)	LOCALIDADE DA PEÇAS SEGUNDO TIBURTIUS E IRIS (1960)	Nº DAS PEÇAS (AHMHS)	LOCALIDADES DAS PEÇAS SEGUNDO AS FICHAS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO MHS
01	5	Norte da Ilha de Santa Catarina	68	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i>
02	38	Norte da Ilha de Santa Catarina	38	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i>
03	61	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i>	61	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i> ²³
04	65	Norte da Ilha de Santa Catarina	65	Sul da Ilha de Santa Catarina
05	66	Sul da Ilha de Santa Catarina	66	Sul da Ilha de Santa Catarina
06	70	Norte da Ilha de Santa Catarina	70	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i>
07	71	Norte da Ilha de Santa Catarina	71	<i>Sul da Ilha de Santa Catarina</i>
08	649	Imbituba; Norte da Ilha de Santa Catarina	649	Sambaquis de Imbituba
09	650	Sem localidade; Ilha de Santa Catarina	650	Sambaquis

23 Zoólito encontrado nas dunas da Praia do Pântano do Sul, em 1943, com a cavidade virada para cima. Estas informações não constam nas fichas do AHMHS, mas sim, na publicação: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10**. Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977. p. 52. (Ver Ficha nº 5).

10	652	Norte da Ilha de Santa Catarina	652	Sul da Ilha de Santa Catarina
11	653	Norte da Ilha de Santa Catarina	653	<i>Sambaquis</i>
12	s/n	Norte da Ilha de Santa Catarina	1956	Praia do Pântano do Sul ²⁴

Fonte: o autor a partir das fichas originais do Arquivo Histórico do MHS.

Sobre uma quarta peça (nº 650) eles não mencionaram a localização e as outras oito (5, 38, 65, 70, 71, 652, 653, e s/n) tiveram suas localidades referenciadas equivocadamente (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 27-31).

João Alfredo Rohr, em seu livro (1977) sobre as pesquisas arqueológicas que havia realizado em 1975, na Praia do Pântano do Sul, já havia salientado que Tiburtius e Iris haviam realizado a classificação da peça nº 1956 (ver Ficha nº 4) erroneamente:

Este zoólito foi descrito por Tiburtius em **Objetos Zoomorfos do Litoral de Santa Catarina e Paraná**, à página 29 e desenho à página 47. Erroneamente, Tiburtius dá o zoólito como procedente de um sambaqui do norte de Florianópolis (ROHR, 1977, p. 50).

Figura 30: Possível representação de um *Hirundinidea*, andorinha, segundo Pe. Rohr.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

²⁴ As informações desta peça constam em Rohr (1977, p. 50). (Ver Ficha nº 4).

Padre Rohr ainda destaca mais o contexto em que o zoólito havia sido encontrado no Pântano do Sul:

Foi recolhido em 1956, na área das dunas do sítio arqueológico SC-RF-10, por um sitiante, Alípio Capistrano. Estava com a cavidade voltada para cima. O sopro do vento deslocou a área das dunas, deixou a descoberto o zoólito, junto com machados de corte polido, batedores típicos e grande número de seixos com sinais de uso e de trabalho, pontas de flechas ósseas e ossadas de peixes, de baleia e de boto, muitos deles parcialmente calcinados. Atualmente, acha-se depositado no Museu do Homem do Sambaqui, de Florianópolis (ROHR, 1977, p. 50-51).

Contudo, mesmo João Alfredo Rohr chamando a atenção em relação ao zoólito nº 1956 (Figura 30), nesta mesma publicação o autor também acaba por discorrer num equívoco na procedência do zoólito nº 653²⁵ acima mencionado.

Ao analisarmos sua obra (ROHR, 1977, p. 114), verificamos que este zoólito encontrava-se relacionado ao sambaqui Pântano do Sul. Entretanto, conforme a Ficha de nº 653 do Arquivo Histórico do MHS, a procedência é incerta conforme já salientamos anteriormente.

É possível que os zoólitos que receberam os nº 650, 652 e 653, não pertençam à Ilha de Santa Catarina, pois em uma pesquisa iconográfica que realizamos no acervo digital do *Arquivo Histórico José Ferreira da Silva*, de Blumenau, encontramos uma fotografia (Figura 31) que foi realizada no contexto da criação do “Posto Duque de Caxias”, Ibirama, do início do século XX, que além de muitos itens etnológicos que compõe a imagem, também encontram-se os três zoólitos mencionados acima que fazem parte do MHS.

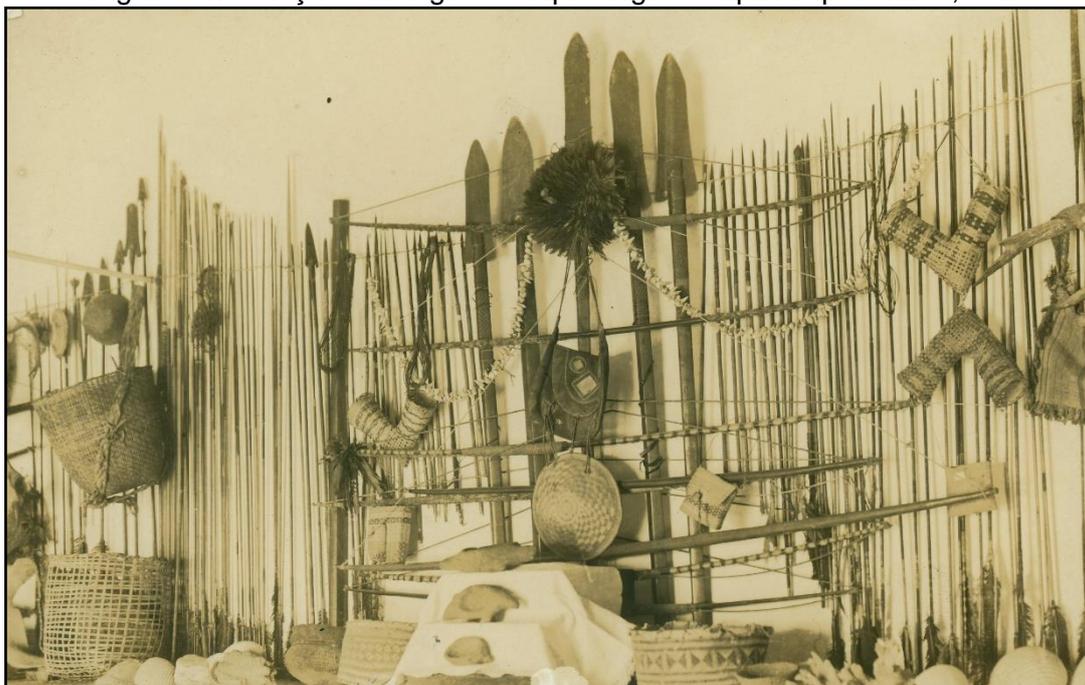
25 Devido a ficha encontrar-se um pouco apagada por causa das ações do tempo, entendemos que seria importante apresentar a transcrição literal da mesma: *Pilão zoomorfo alisado em forma de tatú (DASYPUS NOVENCINCTUS), com cavidade sem borda no lado esquerdo dele, não destacada, de 91 mm de comprimento e 55 mm de largura e 18 mm de profundidade; cauda de 56 mm de comprimento, rudimentares sem indicação dos pés; a figura mantém-se perfeitamente em pé, um pouco inclinada para a direita, nove incisões no lado direito passando pelo dorso até a cavidade, embaixo ligados por outra incisão; orelhas só pouco saliente como o pavilhão voltado para fora; nenhuma indicação de olhos; boca é formada por uma incisão de 27 mm de comprimento em cada lado do focinho cercando a este; ps.: 1380 kg.; cp.; 244 lg.; 100, gr.; 47;*

Material: Rocha com incrustação.

Local: Sambaquis.

Procedência: Coleção do Colégio Catarinense.

Figura 31: Coleção etnológica e arqueológica adquirida pela MHS, s/d.



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, de Blumenau.

No centro da imagem, numa estrutura escalonada, é possível observar as três peças mencionadas: em primeiro plano o zoólito nº 650²⁶; abaixo, o nº 653²⁷, tatu; e, por último, o nº 652²⁸, todos com as cavidades em destaque. Outros itens desta foto também fazem parte do acervo do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”.

O Arquivo Histórico de Blumenau não tinha maiores informações sobre as imagens. Contudo, Jonathas Kistner, na sua dissertação de mestrado (2016), analisou a cultura material dos povos indígenas Laklãnõ/Xokleng e Kaingang, em Blumenau, e se deparou com uma iconografia com zoólitos semelhantes a que nós encontramos (Figura 32). E as informações que este pesquisador obteve eram que as peças estavam no Posto Duque de Caxias, e que, provavelmente, a fotografia datava de 1920, aproximadamente (KISTNER, 2016, p. 139).

A fotografia que Kistner encontrou (Figura 32) com cerca de oito zoólitos, e que mais tarde iriam compor a coleção particular de Lange de Morretes, em

26 Ver Ficha nº 19.

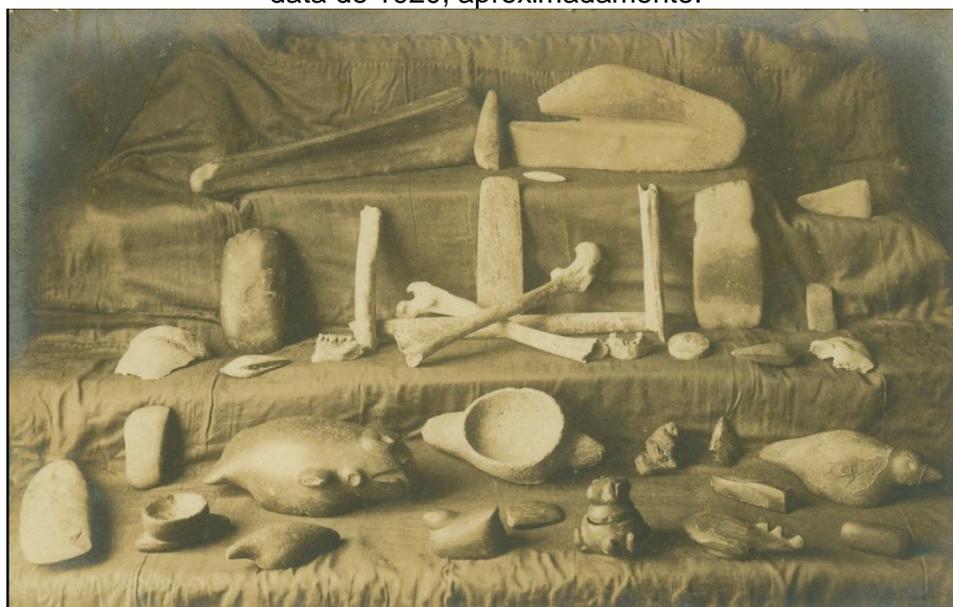
27 Ver Ficha nº 22.

28 Ver Ficha nº 15.

São Paulo, onde se encontram até hoje. O contexto em que as peças foram parar com Lange de Morretes é desconhecida.

No entanto, na imagem que nós encontramos (Figura 31), é possível conjecturarmos como poderiam ter se integrado ao acervo do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis.

Figura 32: Zoólitos que teriam sido fotografados no antigo Posto Duque de Caxias, em Ibirama, SC pertencentes à coleção de Langes de Morretes. Segundo Kistner (2016), data de 1920, aproximadamente.



Fonte: KISTNER, J. 2016, p. 139.

Segundo o arqueólogo Rodrigo Lavina, que trabalhou com o Pe. João Alfredo Rohr durante muitos anos, que na sua dissertação de mestrado trabalhou com três coleções etnográficas, ou seja, duas do *Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral*, da Universidade Federal de Santa Catarina – MarquE/UFSC, e a terceira do *Museu do Homem do Sambaqui*, do Colégio Catarinense (1994, p.88-87), lembra que:

A Coleção do Museu do Homem do Sambaqui é remanescente do material etnográfico existente no antigo Museu de Artes e Ofícios de Florianópolis, adquirida por compra pelo Gymnásio Catharinense, em 1924 (ROHR, 1971). É composta de peças provenientes de todo o estado de Santa Catarina, coletadas entre o final do século XIX e princípios do século XX (LAVINA, 1994, p. 88).

Diante disso, o que pode ter ocorrido, a nosso ver, é que João Alfredo Rohr, que chegaria em Florianópolis somente quinze anos depois, não

conseguiu identificar o local de procedência destes três zoólitos específicos e, prematuramente, arrolou a possibilidade de a peça nº 653, na sua publicação de 1977, pertencer ao Sambaqui da Praia do Pântano do Sul.

Figura 33: Parte do material adquirido do antigo Museu de Artes e Ofícios de Florianópolis, no antigo *Museu do Gymnasio Catharinense*, 1926.



Fonte: Arquivo HMHS. / Colégio Catarinense.

3.2. OS PRIMEIROS REGISTROS DE ZOÓLITOS E A IDENTIFICAÇÃO DE NOVAS PEÇAS

Como vimos demonstrando durante o presente capítulo, a historiografia temática é unânime em considerar a segunda metade do século XIX como sendo o período em que ocorreram os primeiros registros de zoólitos nos sambaquis devido às pesquisas realizadas, principalmente, pelo do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Wiener, Netto, Koseritz, Castro Faria entre outros). Estes registros, sobre as esculturas zoomorfas, estavam inseridos dentro do contexto dos primeiros estudos sobre as sociedades sambaqueiras que se iniciavam na

época. Tais pesquisas tinham por objetivo, na segunda metade do século XIX, discutir a formação natural ou artificial dos sambaquis. A projeção dessas discussões científicas foi de tal importância para os acadêmicos da época, uma “grande efervescência” (GASPAR, 2000, p. 11), que até o próprio D. Pedro II, acompanhou as escavações arqueológicas realizadas num sambaqui em São Vicente, presenciando a retirada de sepultamentos, segundo Maria Dulce Gaspar (GASPAR, 2000). Para a autora, na história do início das pesquisas sobre os sambaquis, é possível considerar as décadas 1870 até cerca de 1930.

De fato, as datas que a pesquisadora Gaspar apresenta referem-se ao momento em que as pesquisas iniciais sobre sambaquis estão se moldando e inclusive, na última década apresentada por Madu, podemos ainda encontrar resquícios do pensamento de alguns autores em querer vincular as peças zoomórficas à alguma cultura andina, consideradas como mais “evoluídas” (PROUS, 1992; MILHEIRA, 2014).

No entanto, para nossa surpresa foi possível constatar que, não somente os primeiros registros dos zoólitos brasileiros iniciaram cerca de cem anos antes do que considera a literatura, mas também foi possível documentar uma peça inédita no mesmo período.

3.2.1 D. Geronimo Verde, Capitan de Primero Regimiento de Ynfantaria Ligera de Cataluña – o registro de um zoólito no contexto da invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina, em 1777

Ao realizarmos a análise historiográfica sobre as pesquisas dos testemunhos arqueológicos mais característicos dos sambaquis catarinenses, diante do grande número de peças procedentes da região, os zoólitos, para nossa surpresa foi possível constatar novas perspectivas de pesquisa sobre a temática fora do país.

Passamos a considerar essa possibilidade quando um amigo, Dr. José Hidalgo, arqueólogo espanhol, da Universidade de Santiago de Compostela, nos questionou sobre o conhecimento de um zoólito, despachado para a Espanha, em 1778, quando a Ilha de Santa Catarina ainda se encontrava sob ocupação espanhola. Inicialmente, um pouco cético diante de tal possibilidade, passamos

a verificar melhor a questão. José Hidalgo se prontificou em analisar na Espanha esta possibilidade e acabou por descobrir que o zoólito em questão existia (Figura 34), e que se encontrava no *Museo da América*, em Madri.

Figura 34: Zoólito que foi enviado para Espanha pelo Capitão Genoino Verde, 1778.



Fonte: Acervo Arqueológico do *Museo da América*. Foto: José Manuel Hidalgo, 2017.

Entendemos ser importante destacar, mesmo que rapidamente, o contexto em que o zoólito foi encontrado por um capitão das forças armadas espanholas que ocuparam a Ilha de Santa Catarina, em fevereiro de 1777, onde permaneceram cerca de um ano e cinco meses, até a assinatura do Tratado de Santo Idelfonso, em outubro do mesmo ano, e a assinatura do termo de entrega da *Vila de Nossa Senhora do Desterro*, em 1778.

Uma das características do século XVIII, em termos de relações internacionais ibéricas e os reflexos no Novo Mundo, foram os conflitos militares que ocorreram entre as coroas espanhola e portuguesa. No contexto europeu, podemos citar a *Guerra dos Sete Anos* (1756-1763) onde Portugal, Inglaterra e aliados declararam guerra à Espanha, França e seus aliados, por motivos econômicos e coloniais. Na América do Sul, as guerras provenientes dos limites da fronteira Sul do Brasil, o insucesso do *Tratado de Tordesilhas* (7 de junho de

1494) e do *Tratado de Madri* (13 de janeiro de 1750) levaram a Espanha colocar em prática um plano que os portugueses já desconfiavam desde 1770: invadir o Brasil meridional. Segundo a historiadora Maria Flores:

As notícias que chegavam em Portugal não eram boas. As Cartas da Corte avisavam que o Brasil seria atacado pelos espanhóis. Da Espanha, os espias informavam à Corte que os castelhanos estavam armando uma poderosa esquadra no porto de Cádiz, mais considerável do que todas as que a Corte de Madri já preparara. Só era menor que a Invencível Armada que Felipe II enviara para conquistar a Inglaterra, em 1588 (FLORES, 2004, p. 9).

Por fim, em fevereiro de 1777, o receio da Coroa portuguesa se concretizou com a invasão da Ilha pelo Norte (Figura 35). Era a maior força naval que o Atlântico Sul tinha visto. Na análise de Carlos Correa:

[...] a Espanha preparou uma grande esquadra para invadir o Brasil meridional. Era a maior das que já tinham cruzado o Oceano Atlântico: 6 navios de linha com capacidade para 60 e 70 canhões; 8 fragatas de 25, 28 e 20 canhões; 1 chambequim de 30 canhões, 2 paquebotes de 16 canhões, 1 bergantim de 10 canhões e 2 bombardas de 10 canhões, aos quais se juntaram, ao chegar na América, 3 outros navios de 70 canhões e 1 fragata de 26 canhões. Ao todo, 116 unidades de guerra e transporte, com 920 canhões, transportando 5.148 marinheiros, 1.308 soldados de marinha, além de 9.383 soldados [...] (CORRÊA, 2008, p. 98-99)

Ou seja, diante de todo o aparato militar espanhol e num total de 15.839 militares, altamente treinados, de vários locais da Espanha, que ocupariam a Ilha, Portugal não ofereceu nenhuma resistência e o irlandês Robert Mac Dowall, comandante da esquadra portuguesa em Santa Catarina, se retira com suas 14 embarcações de guerra, para ancorar nas enseada da Garoupas, onde ele considerava a possibilidade de fazer um contra-ataque caso os espanhóis o perseguissem, mas sabia que suas chances de vitória seriam mínimas se isso ocorresse (FLORES, 2004, p. 25).

Figura 35: Mapa com as indicações do desembarque das tropas espanholas e do Forte de Araçatuba.



Fonte: Google Maps. Editado pelo autor, 2017.

Como os portugueses se retiraram da Ilha, e os que permaneceram se renderam, o historiador Sandro Costa destaca que:

Dom Pedro Cevallos era quem comandava a expedição que partiu no final do ano de 1776. Dia 23 de fevereiro de 1777, Cevallos fazia o seu desembarque em Canasvieiras, na Ilha de Santa Catarina [...]. A baía norte encheu-se de navios espanhóis e a Ilha de Santa Catarina foi invadida e/ou conquistada pelos espanhóis sem que houvesse qualquer resistência (COSTA, 2011, p. 93).

A decisão dos militares portugueses em não resistir, não foi encarada com naturalidade pelo Estado. Isso ficou claro quando o ministro dos negócios d'Ultramar, Martinho de Mello e Castro, que substituiu o Marquês de Pombal, realiza fortes críticas ao ocorrido:

Render-se a dita Ilha depois de bem ou mal defendida, é acontecimento de que se têm visto muitos exemplos semelhantes, mas entregarem-se todos os seus fortes e fortalezas e enfim a mesma Ilha, sem se disparar um só tiro de artilharia nem de mosquetaria, é fenômeno que não se houve sem horror; nem se crê, se não depois do acontecido (COSTA, 2011, p. 93).

Foi justamente em uma dessas fortalezas, Nossa Senhora de Araçatuba, na barra sul (figuras 35 e 36), que seria batizada pelos espanhóis como "Ysla de Flores", que o Capitão de Infantaria Ligeira da Catalunha, D. Geronimo Verde,

recebeu a peça e percebendo, graças a sua vocação ao *Naturalismo*, que se tratava de uma escultura antiga, resolveu documentá-la por escrito e despachá-la para o *Gabinete de Ystoria Natural*, na Espanha, em 1778, conforme o documento (Anexo B) assinado pelo Capitão (VERDE, 1778, p.9).

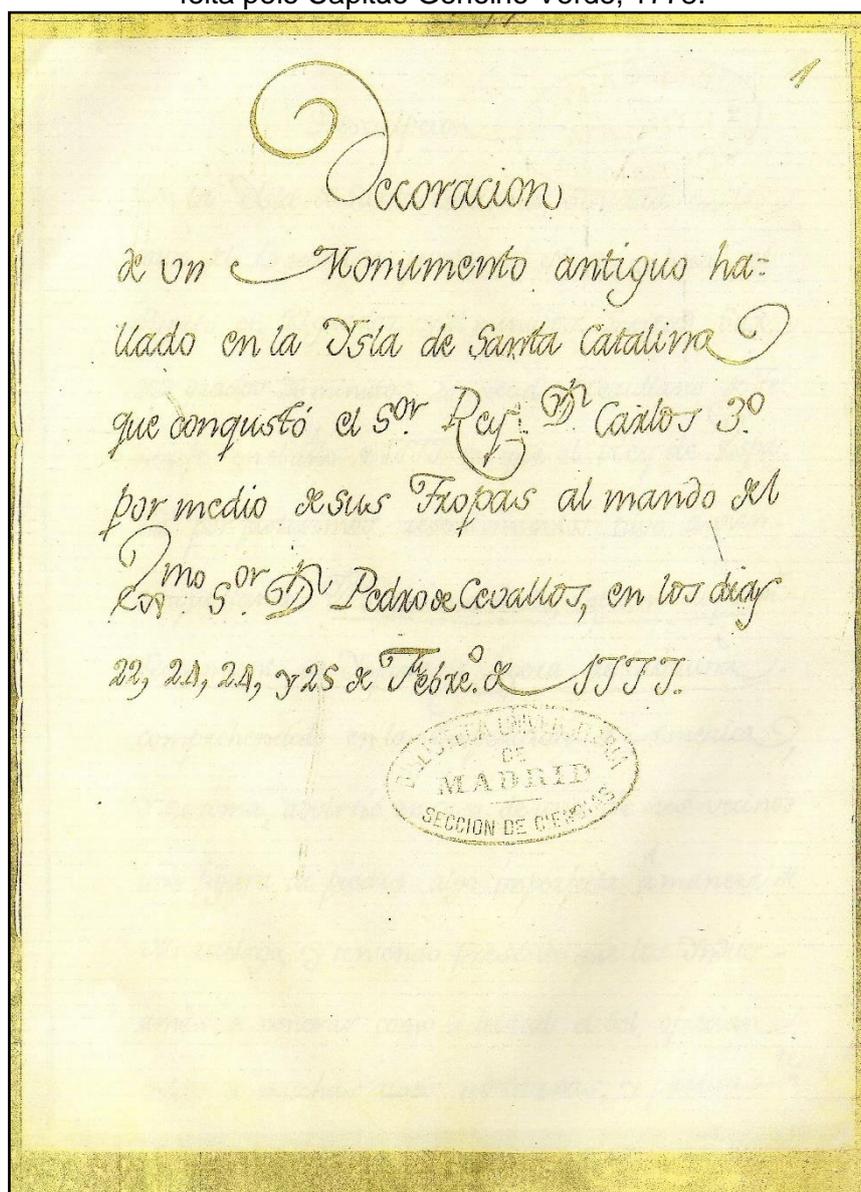
Figura 36: Forte de Araçatuba, onde o zoólito teria sido encontrado.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto Pe. João Alfredo Rohr, s/d.

Verde denomina o zoólito de *Monumento antiguo*, cuja função seria decorativa, e classifica como sendo a representação de um *Murcielago* (morcego), visto que os “*yndíos ofrecian cultos a muchas aves nocturnas*” (VERDE, 1778, p. 2). Muito provavelmente, diante da estilização, característica da maioria dos zoólitos, poderia ser a representação de um *Elanoides forficatus*, Gavião tesoura. Contudo, esta possibilidade deverá ser melhor verificada com análises específicas sobre a peça arqueológica no futuro.

Figura 37: Página da carta²⁹ que descreve o zoólito que foi remetido para a Espanha, feita pelo Capitão Genoino Verde, 1778.



Fonte: Arquivo Histórico do Museu de Madri, Espanha.

3.3. ZOOLITO NO MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER, CORUPÁ, SC

O aparecimento de novos artefatos sambaqueiros zoomorfos inéditos nos apontam o grande potencial de pesquisa que ainda existe sobre essas peças. O zoólito encontrado num dos museus mais antigos de Santa Catarina,

²⁹ A íntegra da Carta encontra-se no Anexo B.

Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, em Corupá, seria mais um exemplo, e que indica, possivelmente, um contato intercultural entre as sociedades do interior e do litoral, visto que o artefato foi encontrado, nesta cidade que fica a mais de 136 km da costa catarinense. Contudo, pesquisas sobre o lugar de procedência, o contexto em que foi encontrado e os atributos da peça estão para ser realizadas no futuro e poderão responder estas questões.

O zoomorfo em questão (Figura 38) foi encontrado pela historiadora da instituição, colega no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, Joice Jablonski, na reserva técnica. Embora a historiadora não tenha conseguido identificar o local de procedência da peça, a mesma é o típico artefato zoomorfo que encontramos em sambaquis do Brasil Meridional: confeccionado em rocha, bastante estilizado e com uma cavidade ventral. Dentro do método de classificação de Prous a peça seria um Cruciforme C.

Figura 38: Zoólito inédito encontrado no *Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner*, Corupá, SC.



Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Corupá, SC. Foto: Joice Leticia Jablonski, 2017.

3.4. ZOOLITOS DO MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI “PE. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.”, FLORIANÓPOLIS, SC

Assim como ficamos surpreendidos em encontrar um zoólito sambaquieiro fora do Brasil, igualmente nos surpreendeu o fato de haver peças inéditas, que nunca foram publicadas ou estudadas, na instituição Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis.

Desde 1907, o museu veio sendo organizado por jesuítas, sendo oficialmente fundado em 1909; recebendo doações de objetos arqueológicos pré-coloniais, históricos, etnológicos, numismáticos, minerais e taxidermizados de pais de alunos que estudavam no Colégio Catarinense, mantenedor do MHS. O mesmo também veio realizando pequenas compras ao longo das primeiras décadas. Em 1924, como já destacamos anteriormente, o Museu compra o antigo acervo do extinto Liceu de Artes e Ofícios, de Florianópolis. Em torno de duas décadas e meia depois, é adquirida a coleção *Carlos Behrenhauser*, com aproximadamente sete mil peças; considerando mais o material oriundo de cerca de quatrocentos e vinte e nove sítios arqueológicos registrados por Rohr, podemos classificar o acervo do MHS como de grandes proporções, o que possibilita as chances de novos achados não registrados e estudados ocorrerem durante a reorganização que estamos realizando no acervo. Dentre os zoólitos inéditos encontra-se um possível cetáceo (Fig. 39), da região de Laguna, sem data de coleta (ver Ficha 12, Apêndice A).

Figura: 39: Zoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS. Possível representação de cetáceo, Laguna, SC, s/d.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

Ainda no contexto de peças inéditas no acervo arqueológico do MHS, encontramos um novo tipo de zoólito diferenciado da representação da arqueofauna que costumamos ver. Trata-se de “microzoólitos”, peças que raramente passam de 7 cm de comprimento e 1 cm de largura (Figura 40). Contudo, mais raro ainda são os artefatos zoomorfos da mesma tipologia encontrados em osso. Guilherme Tiburtius coletou uma peça desta (Anexo A, Ficha 52) no Sambaqui da Barra do Sul, em Araquari, SC, que na década de 1960 foi vendida juntamente com o restante da sua coleção para a Prefeitura Municipal de Joinville, que acabou fundando o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville com o acervo de mais de 12 mil peças reunidas pelo pesquisador (GONÇALVES, 2017).

Figura 40: Microzoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS. Sul da Ilha.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

Como podemos verificar, o microzoólito tem apenas 3 x 1,5 x 0,5 cm e 2 g de peso. Embora tenha sido confeccionado em rocha é um objeto frágil, devido a sua espessura. Claramente, se trata da representação de um peixe. Não existe indícios de cavidades ventrais ou laterais, apenas orifícios que indicariam os olhos. Oito finos sulcos foram esculpidos no artefato. Possivelmente os

propósitos, do ponto de vista prático, não tinham os mesmos fins dos zoólitos com cavidades. Também não temos informações, até o presente momento, do seu local de procedência. O fato de a representação ocular ser um pequeno buraco, poderia indicar que este seria para transpassar alguma fibra para ser utilizado como adorno tanto funerário como para o dia a dia. Mas, serão necessárias maiores pesquisas específicas sobre os “microzoólitos”, no futuro.

3.5. ZOÓLITO SOB GUARDA DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVILLE

O presente artefato zoomorfo foi a última peça inédita de gênero que chegou a nosso conhecimento em 2017. Existem poucas informações sobre o zoólito. Sabe-se que foi doado ao Centro de Pesquisas Ambientais/CEPA da Univille na Vila da Glória, em São Francisco, que transferiu para o Laboratório de Arqueologia, onde se encontra atualmente. Segundo informações repassadas oralmente quando da transferência das peças pelo prof. Claudio Tureck foram coletadas no sambaqui Vila da Glória II, ou da Fábrica. Seu estado de conservação é péssimo. Há, ainda, uma mancha proveniente de tinta amarela, ou algum outro material derretido. O fato é que a escultura ainda merece uma análise específica.

Figura 41. Zoólito encontrado em São Francisco do Sul, provavelmente sambaqui Vila da Glória II, SC.



Fonte: Laboratório de Arqueologia da Univille. Foto: Jéssica Ferreira, 2017.

Apesar do péssimo estado de conservação, foi possível observar que a mesma contém um risco, na parte em que supostamente seria cabeça da representação. Em ambas as laterais existem partes que estão quebradas e que indicam que eram projeções. No dorso da peça, é possível verificar o que seria uma cavidade feita por desgaste; conhecido por quebra-coquinho. No entanto, esses detalhes ainda não são o suficiente para determinar a espécie biológica que foi representada. Existe a possibilidade de ser um antropolito. As pesquisas com elas ainda continuam.

4. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PÂNTANO DO SUL SC-F-10: OS ÚLTIMOS ZOÓLITOS ENCONTRADOS EM CONTEXTO ARQUEOLÓGICO EM SANTA CATARINA

Alguns poucos sambaquis do estado de Santa Catarina concentram maior número de artefatos zoomorfos e antropólitos. O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10, escavado por João Alfredo Rohr, em 1975 é um exemplar dessa concentração. Esses sítios com maior acúmulo de esculturas estão presentes em algumas regiões do estado. No entanto, na parcela norte (Tabela 3), foi onde verificamos mais sambaquis que apresentaram elevado número de peças do gênero. Considerando que a maior parte dos sambaquis do estado apresentaram apenas um zoólito, enquanto os que apresentaram acima de oito, são apenas cinco, entendemos esses últimos como sambaquis com grande concentração de peças.

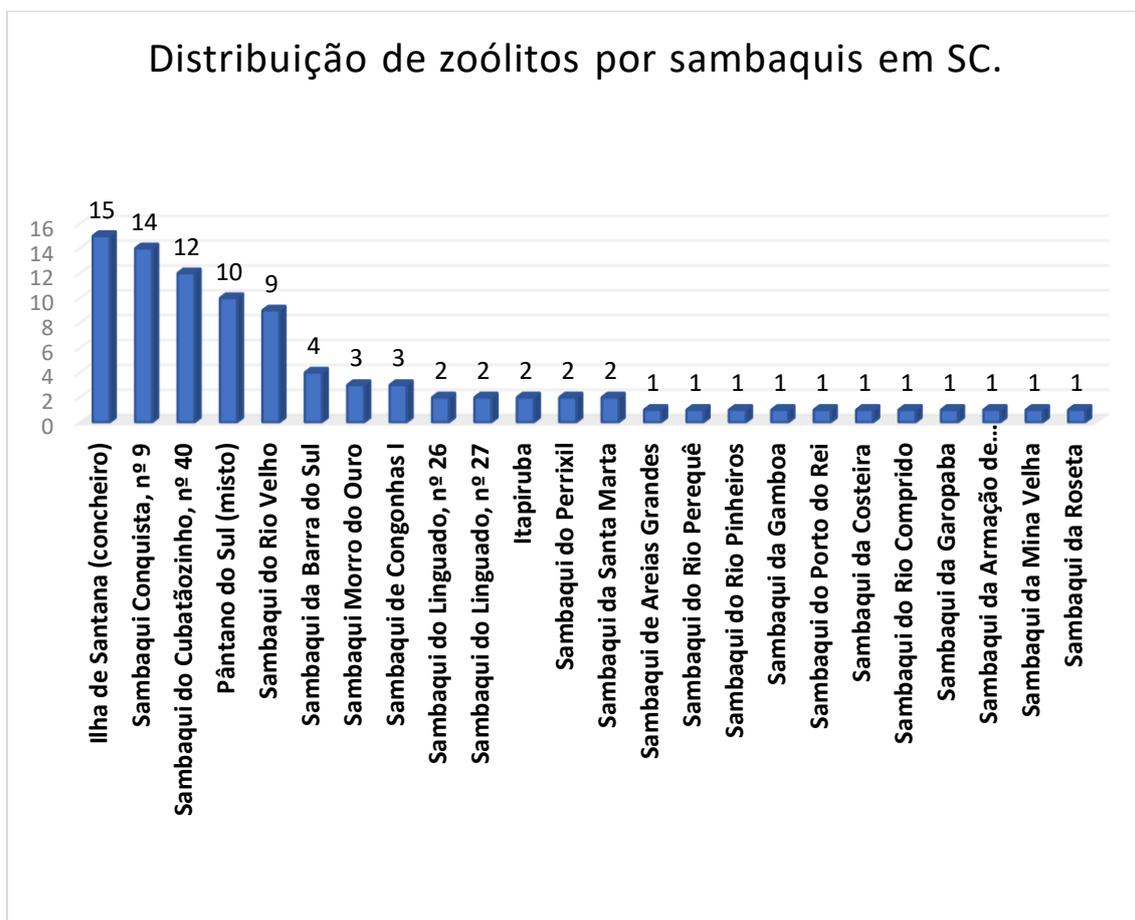
Tabela 3: Sambaquis organizados por quantidades de zoólitos.

Nº	MUNICÍPIO	SAMBAQUI	QTD. DE ZOÓLITOS
01	Imbituba	Ilha de Santana (concheiro)	15
02	Balneário Barra do Sul	Sambaqui Conquista, nº 9	14
03	Joinville	Sambaqui do Cubatãozinho, nº 40	12
04	Florianópolis	Pântano do Sul (misto)	10
05	Joinville	Sambaqui do Rio Velho	09
06	São Francisco do Sul	Sambaqui da Barra do Sul	04
07	Joinville	Sambaqui Morro do Ouro	03
08	Tubarão	Sambaqui de Congonhas I	03
09	São Francisco do Sul	Sambaqui do Linguado, nº 26	02
10	São Francisco do Sul	Sambaqui do Linguado, nº 27	02
11	Laguna/Imbituba	Itapiruba	02
12	Laguna	Sambaqui do Perrixil	02
13	Laguna	Sambaqui da Santa Marta	02
14	Araquari	Sambaqui de Areias Grandes	01
15	Araquari	Sambaqui do Rio Perequê	01
16	Araquari	Sambaqui do Rio Pinheiros	01
17	São Francisco do Sul	Sambaqui da Gamboa	01
18	São Francisco do Sul	Sambaqui do Porto do Rei	01
19	Balneário Barra do Sul	Sambaqui da Costeira	01
20	Joinville	Sambaqui do Rio Comprido	01
21	Jaguaruna	Sambaqui da Garopaba	01
22	Itajaí	Sambaqui da Armação de Itapocoroi	01
23	Garuva	Sambaqui da Mina Velha	01
24	Laguna	Sambaqui da Roseta	01

Dentre os 24 sambaquis catarinenses com presença de zoomorfos, onze apresentaram apenas uma escultura; seguindo de cinco sítios, com duas; dois, com três zoólitos em cada um; e outros cinco sambaquis com oito, dez, onze, quatorze e quinze peças, conforme apresentamos no Gráfico 5. O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10 é o quarto que apresentou mais esculturas sambaquieiras, ou seja, dez unidades.

Com exceção de um zoólito cruciforme (Apêndice A, Ficha 11), encontrado sob a Ponte Hercílio Luz, em 1980, região mais ao centro-oeste da ilha, todos os demais zoomorfos são provenientes do Pântano do Sul. O número total de esculturas são 10. Seis estão sob guarda do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”; três no Museu Nacional do Rio de Janeiro; e um no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina – MarquE/UFSC.

Gráfico 5. Distribuição dos zoólitos entre 24 sambaquis catarinenses.



Selecionamos o Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10 pelo fato dele fazer parte daquele pequeno percentual de sítios que apresentaram grande concentração de zoólitos. Além disso, não encontramos a mesma quantidade de documentação fotográfica, registro de campo e material coletado nos demais. Muitos outros aspectos relevantes poderiam ser destacados, como por exemplo, ser o segundo sítio mais antigo da ilha, com uma datação entre 4460 a 4515 AP (uma nova pesquisa arqueológica, considerando este sítio, poderia nos ajudar a compreender a dinâmica do povoamento da ilha); ter sepultamentos sempre fletidos ou semifletidos (SCHMITZ, 1996, p. 187); a tipologia exclusiva de peças líticas fusiformes encontradas lá; entre outros fatores. Conforme Pedro Inácio Schmitz: “O Pântano do Sul é o único sítio que proporcionou zoólitos; não um, mas seis.³⁰ Com o que novamente se destaca de todos os outros” (SCHMITZ, 1996, p. 185).

O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10 foi classificado desta forma pelo padre arqueólogo João Alfredo Rohr, em 1975. Rohr referia-se a 3 áreas que submeteu as suas pesquisas arqueológicas como um único sítio arqueológico. Em relação à descrição geral do sítio, o arqueólogo destaca que,

O sítio arqueológico SC-F-10, toma início na encosta do morro, sob o cemitério da localidade, prolonga-se por todo o povoado e estende-se, ainda, cem metros além, por baixo das dunas. Na encosta do morro, possui característica de sambaqui empedrado, com as conchas cimentadas entre si. Sob o povoado e nas dunas tem característica de sítio raso de sepultamentos, semelhantes aos sítios da Base Aérea, Tapera e Balneário das Cabeçadas (ROHR, 1977, p. 13).

Uma das principais motivações para colocar sua pesquisa em andamento, nesta região, foi o fato que há décadas este sítio estava sendo destruído pelos moradores locais, devido ao crescimento do povoamento e a caça a artefatos arqueológicos (ROHR, 1977), que, na maioria das vezes, eram negociadas com o colecionador Carlos Behrenhauser (de quem Rohr adquiriu a coleção arqueológica quase três décadas antes). Conforme Rohr:

Conhecemos o sítio arqueológico do Pântano do Sul há mais de trinta anos e, de há muito, víamos a necessidade de serem feitas algumas

30 Conforme ressaltamos anteriormente: o número correto de peças é dez.

escavações de salvamento, antes de se consumir a destruição total do mesmo (ROHR, 1977, p. 17).

Em sua publicação de 1984 Rohr fez uma nova denominação para estas áreas consideradas a partir de então como o Sambaqui do Pântano do Sul I, composto pelas áreas I, II e III. Além deste sambaqui Rohr apresenta o Sambaqui do Pântano do Sul II na localidade Costa de Dentro. Fossari e Maria José Reis (FOSSARI; REIS, 1984, p. 112) os descreveu da seguinte forma:

FLORIANÓPOLIS 1. Sambaqui do Pântano do Sul I.

Sambaqui situado no povoado do Pântano do Sul, em terrenos de vários proprietários. É um sítio arqueológico que se estende uns 400 metros ao longo da praia, a começar pelo cemitério da localidade, até dentro das dunas. Ao lado esquerdo, na encosta do morro, possui natureza de autêntico sambaqui, passando depois a sítio raso de sepultamentos com poucas conchas. Em 1975 fizemos escavações sistemáticas no sítio, recolhendo sepultamentos humanos e outro material arqueológico, inclusive zoólitos. O sítio possui 400 x 50 x 6 metros. (1975).

FLORIANÓPOLIS 2. Sambaqui do Pântano do Sul II.

Sambaqui situado em terrenos de João Teixeira de Carvalho e José Teodoro Matos, na localidade de Costa de Dentro do Pântano do Sul. Sambaqui de formato semi-lunar que possui uns 15 x 10 x 1,5 metros. Antigamente havia lavouras sobre o sambaqui, ocasião em que foram encontrados sepultamentos humanos. Acha-se encostado à planície sedimentar, que dá o nome ao Pântano do Sul: mas do lado norte. (1975).

Diante da problemática da conservação do sítio acima mencionada, após a autorização do IPHAN, Rohr e sua equipe, composta por um operário cedido do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens, outros dois pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, e, durante a primeira semana, uma turma do Curso de História da Universidade de São Paulo, iniciam as pesquisas no sambaqui Pântano do Sul I em 23 de agosto de 1975 (ROHR, 1977, p. 16-17).

A área de pesquisa foi dividida em três, conforme já mencionamos e podemos verificar na planta baixa (Figura 44). A primeira, chamada de Área I, foi escavada no meio do povoado; a Área II, refere-se às dunas, no extremo oeste da área III e a Área III, ao lado do cemitério, onde fica o sambaqui tradicional (ROHR, 1977, p. 19-21).

Figura 42. Mapa dos locais escavados por Rohr em 1975 no sambaqui Pântano do Sul



Fonte: Google Earth. Mapa edito pelo autor. 217.

A realidade encontrada por João Alfredo Rohr, em 1975, em termos de destruição do patrimônio arqueológico, não mudou muito nos dias atuais; possivelmente tenha piorado, visto que da época das escavações até os dias de hoje, o povoado aumentou e as informações indicando a presença de sítios arqueológicos no local são nulas.

A problemática em termos de conservação de sítio foi tão séria que o arqueólogo não poupou críticas ao modo como a maioria dos moradores locais se relacionava com o patrimônio arqueológico. Consideramos que, muito provavelmente, a relação negativa entre moradores e os sítios arqueológicos se dá, principalmente, pela falta de políticas públicas que tenham por objetivo diminuir o distanciamento entre população local e o patrimônio arqueológico e cultural e sua importância e preservação. Nesse contexto, no início de suas pesquisas, Rohr lembra que:

O grande problema, nas escavações, era delimitar as áreas perturbadas e distingui-las dos níveis intactos, originais do sítio. Tarefa, tanto mais difícil, porquanto, em toda a parte, era encontrado material arqueológico, inclusive belos artefatos polidos. Todo o terreno, no povoado, é feito com material, retirado do sítio arqueológico e as informações dos sítiantes não são confiáveis (ROHR, 1977, p.17).

Figura 43. Zoólitos encontrados em contexto pelo Pe. Rohr, em 1975, no Pântano do Sul (ver Apêndice A, fichas 1 e 2).



Fonte: Acervo do MHS “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”. Foto: Jefferson Garcia, 2017.

Nas dunas, cerca de uns 200 m à esquerda do acesso principal da Praia (Área II) foram encontrados muitos sepultamentos, artefatos líticos, ósseos e zoólitos, que foram comercializados com o colecionador Carlos Behrenhauser (ROHR, 1977). Na região mais central das dunas, na Área II, foram encontrados muitos fragmentos cerâmicos tupi-guarani. Retornamos lá, em dezembro de 2016, com o intuito de verificar o estado de conservação do sítio arqueológico

para nossa dissertação de mestrado, e constatamos a existência de muito material cerâmico exposto pela ação do tempo: bordas pintadas, fragmentos com decoração plástica ungueal, corrugada e outras (Figura 44). Isso indica o grande potencial de pesquisa ainda existente no sítio arqueológico do Pântano do Sul.

Figura 44. Fragmentos cerâmicos tupiguarani encontrados próximos à Área II, sambaqui Pântano do Sul.



Foto: Jefferson Garcia, 2017.

Na Praia dos Açores, na Enseada da Praia do Pântano do Sul também foram encontrados projeteis líticos e refugo de lascamento. O material encontra-se sob guarda do Museu do Homem do Sambaqui assim como o material das outras áreas. Na década de 1980, Teresa D. Fossari encontrou mais material lítico nesta mesma região (1988). Segundo Farias e Kneip, trata-se de um

Sítio com artefatos líticos lascados espalhados em meio às dunas. Conta com a área total de 200 m². Sua destruição parcial se deu em

função da terraplanagem. A responsável pelo registro foi a equipe do MU/UFSC (FARIAS & KNEIP, 2010, p. 110).

Figura 45. Mapa panorâmico de Florianópolis, com indicação de áreas do sambaqui do Pântano do Sul.



Fonte: Google Earth. Mapa editado pelo autor.

Na Praia da Costa de Dentro, na mesma enseada, próximo à Praia da Solidão ainda há dois sítios arqueológicos: uma oficina lítica de polimento, um sítio de inscrição rupestre (COMERLATO, 2005)

Com isso, foi possível apresentar um panorama geral do contexto arqueológico, não somente pesquisados por Rohr, em 1975, mas outros que mostram o quanto esta região ainda tem para contribuir em termos de compreensão do povoamento do litoral catarinense. A seguir verificaremos detalhes das 3 áreas com destaque para a III onde foram localizados os zoólitos, nas escavações de Rohr, em 1975 e na II onde foram recolhidos quatro zoólitos pelos moradores locais (ver Apêndice A, fichas 3-6).

Área I – No meio do povoado

Sem dúvidas o fato do patrimônio arqueológico do Pântano do Sul não ter sido devidamente preservado pela comunidade local e a falta de fiscalização do poder público foram os grandes fatores que contribuíram para a dificuldade de definição em relação a compreensão da dinâmica da ocupação humana que se desenvolveu no local. Como já destacado anteriormente, temos a presença da cultura material Guarani, sambaqueira (ROHR, 1977) e Taquara/Itararé (FARIAS & KNEIP, 2010). Contudo, ainda não é muito claro até onde se estendia o sambaqui existente lá. Diante dessa problemática, o sítio ficou conhecido como “sítio misto” (ROHR, 1977; GOMES, 2012) e também como, possivelmente, um “sítio rodizio”. Conforme Schmitz coloca: “especulamos que o sítio do Pântano do Sul poderia ser um sítio de rodizio para exploração de recursos disponíveis em micro-ambientes diferentes” (SCHMITZ, 1996, p. 186-187).

Rohr inicia as escavações no centro do povoado,

A primeira tentativa de escavação foi feita no meio do povoado, num chão de casa, recentemente murado e nivelado. É área trapezoidal de vinte e cinco metros de comprimento, doze metros de largura menor e quatorze metros de largura maior. O ponto mais elevado da mesma, encontra-se a, apenas, três metros e meio acima do nível da maré média. O nivelamento, em toda a estação, foi feito de maneira bastante precisa, pelo princípio dos vasos comunicantes, utilizando tubo plástico de doze metros de comprimento (ROHR, 1977, p. 18).

A escavação realizada na Área I do Sítio Arqueológico se mostrou praticamente infrutífera. E o motivo que Rohr considera para o pouco material arqueológico encontrado foi o problema que estamos ressaltando aqui: a falta de conservação e fiscalização do patrimônio arqueológico. Rohr coloca que: “Testes feitos em outros setores [da área em questão], não deram resultados melhores. Foram recolhidos alguns quebra-coquinhos, amoladores e um tembetá” (ROHR, 1977, p. 18).

Em relação aos aspectos metodológicos Rohr entende serem os que seguem a linha francesa de pensamento os mais adequados para a compreensão de uma conjuntura maior da área. Isto deve-se à forte influência que recebeu da arqueóloga Annette L. Emperaire, após longos anos de amizade.

A área foi estaqueada de dois em dois metros, em direção norte-sul, formando-se setores de quatro metros quadrados, cada qual. Os piquetes das coordenadas norte-sul, são assinalados com números e as coordenadas em direção leste-oeste, com letras, permitindo identificar os setores. As decapagens foram feitas em níveis de dez centímetros e iniciadas no setor 7G. O setor era composto de terra arenosa-argilosa de tonalidade escura, de mistura de ossadas de peixes, carvão vegetal, caliça, pregos e seixos de diabásio, areia fina, estéril, da praia. O setor achava-se perturbado até a base (ROHR, 1977, p. 18).

Muitos desses seixos encontrados por Rohr chamam a atenção pelo acabamento. Possivelmente, tratam-se de pesos de rede. Prous lembra que:

Em alguns sítios, como Pântano do Sul, aparecem pesos de rede trabalhados: são seixos, geralmente rolados, de 4 a 13 cm de diâmetro maior, com sulco equatorial picotado (PROUS, 1992, p. 233).

Com isso, Rohr opta por encerrar as escavações no local e passa para as dunas, onde haviam sido recolhidos artefatos zoomorfos pelos moradores locais que comercializaram com o colecionador Carlos Behrenhauser, na primeira metade do século XX.

Área II – Nas dunas

João Alfredo Rohr embora se depare com a mesma situação calamitosa em termos de falta de conservação do sítio na região das dunas, o arqueólogo consegue evidenciar maior número de material arqueológico provenientes dos

primeiros habitantes locais, do que na Área I. São nessas dunas que grande parte do material arqueológico que iria compor a coleção de Carlos Behrenhauser provêm.

Parte do patrimônio arqueológico ainda se encontrava em seu contexto original, como é o caso dos sepultamentos, por exemplo. Rohr destaca que,

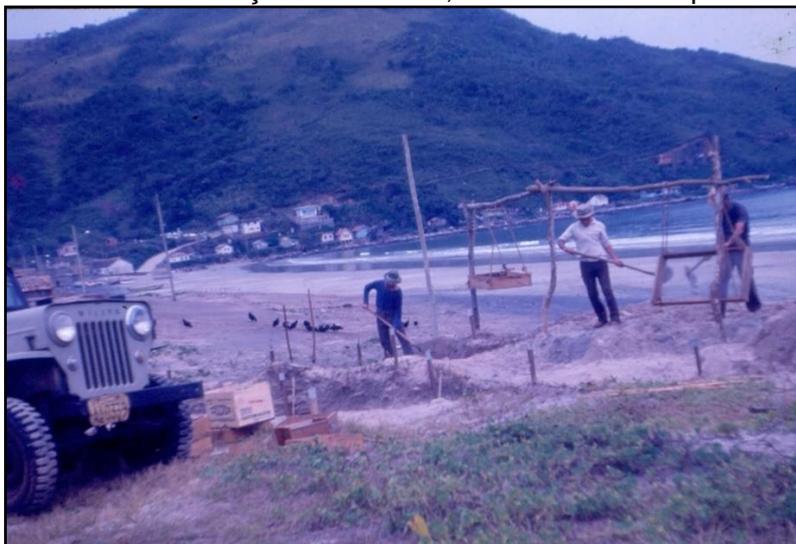
As dunas tomam início, frente às últimas casas do povoado. Recentemente, porém, foi aberta uma rua, perpendicular à praia, sobre a primeira duna. Esta rua, compactada com argila, atualmente faz a divisa do povoado com as dunas (ROHR, 1977, p. 18).

Lamentavelmente, nos dias de hoje, o que Rohr achava que seria apenas a divisória entre o povoado e o sítio, não aconteceu. O número de residências se multiplicou na região, avançando sobre o sítio arqueológico.

A região, que fica no extremo oeste do sítio arqueológico, é composta por duas dunas que apresentaram cultura material. Rohr destaca que:

A primeira duna, de uns dois mil metros quadrados é baixa. O sopro do vento costuma por à descoberto, na superfície da mesma, centenas de seixos trabalhados, ossadas de peixe e, vez por outra, esqueletos humanos, que são displicentemente destruídos pela criançada. Na mesma duna os sítiantes recolheram zoólitos [...]. a segunda duna é pouco mais alta, quatro metros e meio acima da maré média. Acha-se revestida de ciperáceas, (*Ipomaea pes caprae*) carrapicho da praia. Naquela duna, um sítiante Alípio Capistrano, há mais de trinta anos passados, a serviço do falecido Carlos Behrenhauser, escavava esqueletos humanos (ROHR, 1977, p. 19).

Figura 46: Início das escavações na Área II, dunas do sambaqui Pântano do Sul.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Rohr, entendendo que a segunda duna estaria melhor preservada, embora também tenha sido alvo de escavações ilegais, por parte de alguns sítiantes, inicia as escavações:

A duna foi estaqueada de dois em dois metros, em direção norte-sul, sendo os piquetes, assinalados com letras e números, com o fim de identificar os setores. As escavações foram feitas segundo a técnica do escalonamento e decapagens de dez centímetros, para evitar desmoronamentos, nas paredes das trincheiras [...]. O material foi peneirado. Para tanto, instalamos duas peneiras suspensas de metro e dez, por cinquenta centímetros e malha de quatro milímetros (ROHR, 1977, p. 19).

A partir dessa metodologia João Alfredo Rohr conseguiu identificar três sepultamentos completos, elevada concentração de material faunístico, fogueiras próximas aos sepultamentos e esqueletos esparsos incompletos.

Figura 47: Sepultamento feminino, Nº 4, Área II, dunas do sambaqui Pântano do Sul.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Rohr encontrou uma estratigrafia que pode ser interpretada com três camadas: 1ª – com 50 a 70 cm de espessura, estéril das dunas superficiais; 2ª – com 90 a 100 cm, com abundante restos de fauna marinha e terrestre, artefatos

líticos e ósseos, carvão vegetal e fogueiras; 3ª – de 150 cm, a partir dessa profundidade “aparece areia estéril, de tonalidade escura, com abundante óxido de titânio” (ROHR, 1977, p. 19-20), conforme podemos verificar na Figura 46.

Após a obtenção de resultados considerados positivos na Área II, Rohr encerra as escavações, salientando que:

As escavações nas dunas, abrangeram área de duzentos e trinta metros quadrados. Foram iniciadas em 01/09 [1975] e interrompidas em 17/09. Retomadas em 24/10, em vista do aparecimento de um sepultamento, na parede de uma das trincheiras, por nos anteriormente abertas, prosseguiram até 15/11, quando foram definitivamente encerradas. Nas dunas, foram recolhidas ossadas esparsas de esqueletos humanos destruídos e registrados três sepultamentos, com esqueletos completos, que são descritos mais adiante (ROHR, 1977, p. 20)

Rohr realiza a coleta de amostragem da camada mais profunda da Área II, para teste de C14 e obtém o resultado 4515 AP.

Figura 48: Base de estruturas de combustão na Área II do sambaqui Pântano do Sul associadas a sepultamento.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Área III – No Sambaqui tradicional

Por fim, após as sondagens de subsuperfície nas áreas I e II, seguidas de escavações sistemáticas, Rohr, com o intuito de obter visão global do sítio, inicia as intervenções na Área III, no Sambaqui.

Lamentavelmente, é uma área bastante afetada pela destruição local assim como as demais. O próprio cemitério local se desenvolveu em cima do sambaqui, conforme podemos ver na Figura 49. As residências ao redor também impactaram diretamente no mesmo. Ao falar com o coveiro, Rohr lembra que: “No cemitério, o coveiro já não distingue as ossadas pré-históricas dos esqueletos atuais, que se vê obrigado a retirar, devido à saturação de espaço disponível” (ROHR, 1977, p. 13).

Figura 49: João Alfredo Rohr e um amigo jornalista visitando o cemitério que foi construído em cima do sambaqui Pântano do Sul, Área III.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Como podemos verificar na Figura 49, o que podemos considerar o “topo” do sambaqui, foi destruído pelo avanço do cemitério da comunidade.

Na saída de campo que realizamos em dezembro de 2016, visitamos o cemitério também para verificação do estado de conservação. De 1975, ano das pesquisas do Rohr no local, o número de sepulturas mais que quadruplicou. Contudo, mesmo com o aumento da destruição, foi possível encontrar, na superfície do cemitério, alguns seixos rolados e uma lâmina de machado, típica das encontradas pelo Padre Rohr no local.

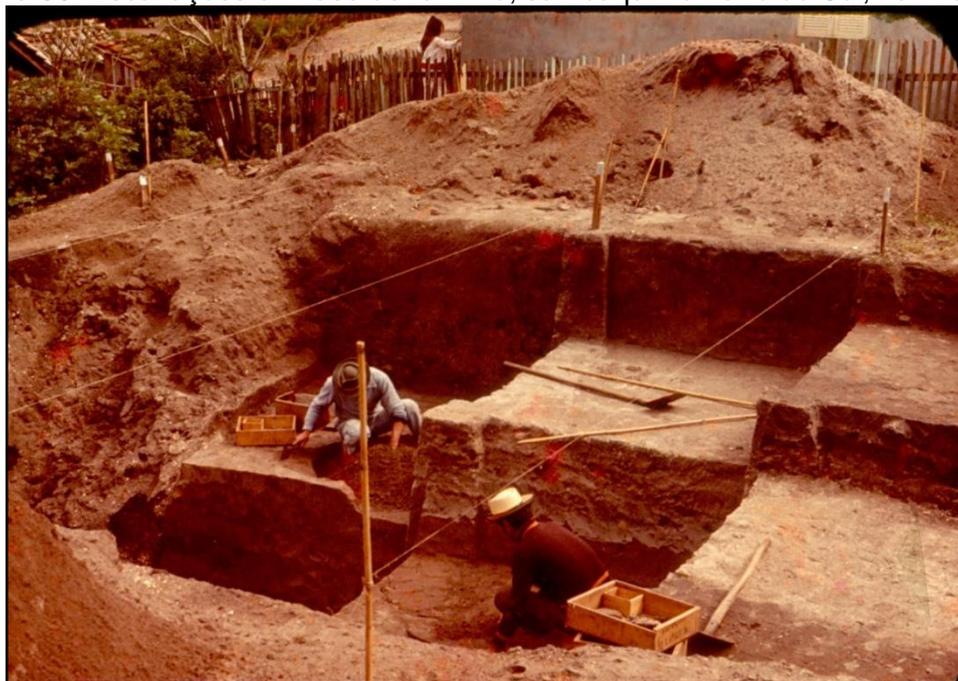
Diante do contexto de ocupação do cemitério sobre o sambaqui, com o objetivo de preservar uma parte como “bloco testemunho”, as escavações foram realizadas no terreno vizinho ao cemitério, contudo, apenas uma parte foi escavada e a outra se manteve intacta. Quando tivemos em 2016 no local, foi possível evidenciar dois blocos testemunhos de conchas “concretadas”. Segundo Rohr:

Como já vimos anteriormente, a extremidade leste do sítio-achava-se ocupada pelo cemitério da localidade. A área vizinha ao cemitério deverá ser preservada como bloco testemunho do sítio. As escavações foram feitas no terreiro da casa contíguo, área de doze metros de largura, por cinquenta metros de comprimento, em forte declive, a partir da casa localizada nos fundos (ROHR, 1977, p. 21).

Com o objetivo de deixar convergente todas as abordagens metodológicas, aplicadas em todas as áreas, Rohr optou por não realizar alterações na metodologia aplicada na Área III. Sendo assim, o arqueólogo destaca que:

A área foi estaqueada de dois em dois metros, em direção norte-sul, à semelhança das outras. Defronte da mesma, localiza-se espaçoso rancho de barco, cujos os fundos entram sambaqui a dentro. O telhado do mesmo fica no nível da área escavada. O ponto zero da área escavada fica seis metros e meio acima da maré média. O ponto mais elevado do sítio fica no cemitério, a quatorze metros acima da maré média. Na Área III, foram escavados integralmente, até a base, trinta e dois metros quadrados. Outros trinta e dois metros foram escavados, apenas, parcialmente. A técnica do escalonamento, obrigou-nos a iniciar número maior de setores, com o fim de evitar desmoronamentos nas trincheiras [sic] (ROHR, 1977, p. 21).

Figura 50: Escavações em fase de término, sambaqui Pântano do Sul, na Área III.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Semelhante ao método das dunas, Rohr interpreta a estratigrafia do sambaqui da Área III em três camadas: 1 – acima das conchas; 2 – nas conchas; 3 – abaixo das conchas.

1 – Acima das conchas: nesta camada, basicamente, foi possível distinguir vegetação arbustiva e herbácea; Gervão e gramíneas segundo Rohr (1977, p. 21). Ainda na mesma camada, entre 20 e 40 cm, João Alfredo lembra o cenário que encontrou:

[...] aterro atual, arenoso, argiloso, de tonalidade escura, com raízes; cultura atual: caliça, cacos de telha, de tijolos e de porcelana, etc.; conchas e material arqueológico, inclusive, fragmentos de crâneos e ossadas de esqueletos destruídos (ROHR, 1977, p. 21-22).

Ainda na camada acima das conchas, Rohr fez uma subdivisão entre A e B. A primeira acabamos de citar acima, enquanto a segunda o arqueólogo considera como nível não perturbado. Foram encontrados elevados números de seixos, restos de fauna terrestre e marinha, artefatos líticos e ósseos (ROHR, 1977, p. 22).

2 – Nas conchas: ao chegar nas camadas das conchas intactas, como podemos ver na Figura 51, Rohr observou que:

Na área das dunas, o volume das ossadas, excede de longe, o volume dos seixos. Na área do sambaqui (Área III), dá-se o inverso; ocorre muito mais seixos que ossadas. Na área escavada a espessura da camada de conchas alcança no máximo, um metro. As conchas, em grande parte, encontram-se em estado adiantado de decomposição e cimentadas entre si, decorrente daí dificuldade de identifica-las (ROHR, 1977, p. 22).

Figura 51: Foto parcial do perfil estratigráfico da Área III, sambaqui Pântano do Sul.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: João Alfredo Rohr, 1975.

Na camada das conchas muitos materiais estão totalmente misturados: ossadas de mamíferos marinhos, terrestres, peixes, aves, seixos e também alguns artefatos arqueológicos líticos e ósseos. No entanto, Rohr observou que nesta camada são menos frequentes estes objetos manufaturados (ROHR, 1977, p. 23).

3 – Abaixo das conchas: foi nesta camada que João Alfredo Rohr encontrou um sepultamento feminino, com número elevado de mobília fúnebre, entre eles dois zoólitos.

Em relação a está camada Padre Rohr destaca que:

Camada de terra preta, arenoso-argilosa, de tonalidade pouco mais clara que a camada superior. Possui teor mais elevado de areia, ocorre na mesma, elevado número de seixos, muitos deles com sinais de trabalho e de utilização, ossadas de peixes, aves e mamíferos; ossos de boto calcinados; ossada; ossadas de baleia decompostos; conchas esparsas muito decompostas e carvão vegetal. Cada nível de vinte centímetros, fornece de cem a trezentos seixos e um a dois litros de ossos, sem contar as ossadas de baleia. Nesta camada foi recolhido elevado número de artefatos líticos e ósseos: machados polidos, tembetás, pontas ósseas, anzóis [...]. no nível mais profundo desta camada, datada em 4.460 anos, foi encontrado um sepultamento e dois zoólitos [...] (ROHR, 1977, p. 23-24).

Figura 52: Zoólitos encontrados nas escavações da Área III (ver Apêndice A Fichas 1 e 2).



Fonte: Artefatos do acervo do MHS. Foto: Jefferson Garcia, 2017.

Para a parte do sambaqui tradicional Área III, Rohr realizou três datações em camadas diferentes do sítio. Para a Área II, foi datada apenas a base; e na Área I não foram coletadas amostras com esse objetivo, devido à deturpação que já destacamos anteriormente. Abaixo segue a Tabela 3, para compreendermos as áreas que tiveram suas datas estipuladas.

Tabela 4. Datações realizadas no Sítio Arqueológico do Pântano do Sul, através de amostras de carvão vegetal.

PARTE DO SÍTIO	MÉTODO DE DATAÇÃO	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL PELA DATAÇÃO	RESULTADOS	OBS.
Área III - sambaqui	C14.	Toledyne Isotopes Westwood	3735 AP – No topo do nível das conchas,	As conchas “cimentadas” foram

		<i>Laboratories, New Jersey, USA.</i>	acima dos zoólitos; 3850 AP – Na base do nível das conchas; 4460 AP – Nível mais profundo, abaixo das conchas, onde os zoólitos e o sepultamento estavam.	remetidas a USP, no entanto, os resultados não foram encontrados durante a nossa pesquisa.
Área II - dunas	C14.	<i>Toledyne Isotopes Westwood Laboratories.</i>	4515 AP – Nível mais profundo.	-
Área I - povoado	-	-	-	Não foram coletadas amostras para datações.

O sambaqui do Pântano do Sul é um dos sítios que mais permaneceram à margem das pesquisas arqueológicas, no estado. Mesmo apresentando algumas características singulares, conforme apresentamos anteriormente, sua coleção não chegou a ser totalmente analisada com o objetivo de levantar questões sobre as sociedades dos sambaquis em Santa Catarina.

O material arqueológico coletado por Rohr, em 1975, como mencionado, encontra-se sob guarda do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis. A coleção, na sua totalidade, foi higienizada, no entanto, pelos menos a metade ainda tem que ser numerada e catalogada, para então conseguirmos analisar com mais precisão a cultura material proveniente desse sítio. João Alfredo Rohr (1977) salientava que ainda não havia terminado a curadoria do material bem como não havia escavado totalmente a área do sítio delimitada por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que realizamos sobre os artefatos zoomorfos sambaquieiros nos mostraram o grande potencial de pesquisa que essas peças ainda têm

Por meio da análise da historiografia temática e das coleções de zoólitos selecionadas para a nossa dissertação, assim como diversos pesquisadores mencionados ao longo do texto, consideramos que a presença de artefatos zoomorfos e antropomorfos podem ser entendidas como a materialização de traços identitários dos povos sambaquieiros da região central do Brasil Meridional que apresentaram essas esculturas. Nesse sentido, integramos mais uma característica singular às sociedades sambaquieiras do estado de Santa Catarina, ou seja, além da edificação monumental dos “montes de conchas”, como já observado por Madu Gaspar (1995; 2000), os zoólitos também ocupam o mesmo nicho ímpar, o que contribuiu para a relevância do patrimônio arqueológico do estado.

Por meio da análise da literatura temática e dos primeiros registros dos artefatos zoomorfos da Coleção Carlos Behrenhauser, pertencente ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” foi possível identificar que a dispersão das peças no estado de Santa Catarina, desde a década de 1960, vinha sendo apresentada em trabalhos acadêmicos equivocadamente. Esse engano se deu, até onde conseguirmos verificar, depois da publicação de Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella (1960), onde os pesquisadores apresentam alguns zoólitos do MHS e classificaram sua procedência erroneamente, ou seja, sendo do norte de Florianópolis, quando, na verdade, as fichas originais apresentam a localização do sul da ilha. Por meio dessa reorganização que realizamos na procedência desses artefatos, verificamos que na Ilha de Santa Catarina o Sítio Arqueológico do Pântano do Sul apresentou 99% das esculturas que apareceram na ilha até o presente momento. Isso nos faz pensar sobre por que exatamente, dentre todos os sambaquis existentes no município, somente lá essas peças foram depositadas? Teria essa localidade algum significado especial para as sociedades de pescadores-caçadores e coletores fabricantes de sambaquis? Segundo Pe. Rohr (1977), após realizar a análise dos minerais em que foram confeccionados os dois zoólitos que ele encontrou em suas

escavações em 1975, constatou que o tipo de rocha de uma das peças pertence a diques no norte da Ilha, e o suporte do segundo artefato somente está disponível em rochedos fora de Florianópolis. Ou seja, por algum motivo que desconhecemos, os zoólitos estavam sendo confeccionados com materiais de locais distantes. Poderia a região do Pântano do Sul, onde foram edificadas os sambaquis, estarem aludindo algum lugar exclusivo para suas manifestações xamânicas e de memória? Ou seria o inverso; os locais de onde foram retiradas as matérias-primas para elaborar os zoólitos é que seriam especiais e fizeram com que alguns sambaquieiros fossem até lá? Ou ambos locais eram especiais? Também poderia se levantar a possibilidade de permutar entre grupos sambaquieiros? São questionamentos que merecem uma investigação.

O Pântano do Sul guarda mais uma singularidade que, igualmente, observamos durante nossa pesquisa: é o fato de dois dos cinco antropólitos conhecidos na literatura pertencerem a esse sítio arqueológico. Contudo, além dessas considerações uma outra questão também foi observada por nós: com quem estavam sendo enterrados os zoólitos?

Rohr considerou o Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10 como um único sambaqui por dois motivos: primeiro, pelo fato dos zoólitos que foram adquiridos pelo colecionador Carlos Behrenhauser terem sido retirado pelos moradores da praia, exatamente do local onde ele classificou como sendo a Área II, que seria escavada, pois ali o arqueólogo encontrou três sepultamentos. O segundo motivo se deu pelas datações realizadas. Enquanto na Área II ele obteve a data de 4515, na camada mais profunda, onde estavam os esqueletos, na Área III, ele obteve a data de 4460 AP; portanto, apenas 55 anos de diferença entre um ponto e outro. A distância entre as duas áreas é cerca de 485 m; a Área I fica quase no meio das outras duas. Com isso, não se descarta, por completo, a possibilidade de ser uma única comunidade sambaquieira. Dessa comunidade sambaquieira Rohr encontrou quatro esqueletos (sem considerar os vários fragmentos, crânios e outras partes que foram recolhidos na mesma ocasião): três na Área II e um na III. Desses, dois eram do sexo masculino e dois femininos. Os dois zoólitos encontrados faziam parte da mobília fúnebre recolhidas pelo arqueólogo, na mesma camada estratigráfica, juntamente com um sepultamento feminino. Ou seja, se considerarmos que em ambas as áreas escavadas pelo

padre apresentaram sepultamentos femininos, juntamente com artefatos zoomorfos (embora na Área II, tenha sido pelos moradores locais), isso pode indicar que esses itens eram sepultados com o indivíduo independente do gênero, o que poderia estar indicando sua relevância social, indiferente de ser homem ou mulher. Nos resta saber que suposta relevância seria essa? Quiçá, xamânica, diante de os aspectos ritualísticos que envolvem a utilização dos sambaquis? São perguntas que merecem ser melhor consideradas.

Sem dúvidas, um aspecto que nos chamou a atenção, foi a presença de zoomorfos sambaquieiros no exterior, como foi o caso da encontrada no *Museo de América*, em Madrid, Espanha, retirada da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis), em 1778.

Como a saída de uma peça zoomorfa se deu no contexto da invasão de um exército estrangeiro que permaneceu apenas um ano e meio na Ilha de Santa Catarina, há de se considerar a possibilidade de haver presença dessas peças em terras lusitanas; visto que estes permaneceram durante um tempo bastante superior a dos espanhóis, possibilidade que já estamos averiguando. Assim, as probabilidades de futuras pesquisas sobre os zoólitos brasileiros não mais se restringe apenas às reservas dos museus nacionais, mas europeus também. O total de artefatos inéditos que foram identificados são cinco: o primeiro encontra-se no Museu de Madri; o segundo no Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, na cidade de Corupá, Santa Catarina; dois no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis; e um no Laboratório de Arqueologia da UNIVILLE, em Joinville. Ainda temos conhecimento de outras instituições que contem em seus acervos peça inéditas que pretendemos visitar em breve para verificação.

Fator importante de destacar que nos deparamos durante a pesquisa de mestrado, foi o grande número de fontes primárias que, na sua grande maioria, não puderam ser analisadas na nossa pesquisa devido ao curto espaço de tempo que temos para o desenvolvimento de uma dissertação. Nesse caso, vale destacar que, no arquivo histórico do MHS, encontramos cerca de três mil documentos provenientes de pesquisas, análises e outros, do arqueólogo João Alfredo Rohr, produzidos ao longo de seus quase quarenta anos de Arqueologia em Santa Catarina.

Por fim, consideramos que com o levantamento dos sítios arqueológicos que apresentaram zoólitos; o levantamento de sambaquis que apresentaram zoólitos como mobília fúnebre; a identificação de novos zoólitos que não haviam sido registrados pela literatura temática; a identificação de zoólitos fora do Brasil; e a pesquisa em documentações históricas e iconográficas inéditas nunca pesquisadas, pudemos contribuir para os estudos sobre a tema zoomorfos sambaquieiros bem como apontar indicativos e o potencial da continuidade de pesquisas que abordem o assunto.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, C. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, Bahia, v.3 n. 2, 1998.

ARCURI, Marcia. **Ouros de Eldorado: Arte Pré-Hispânica da Colômbia**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. Catálogo de exposição, de 29 de maio a 22 de agosto de 2010, Pinacoteca do Estado.

ARRIZABALAGA, Ángel R. Teorías y métodos de la arqueología cognitiva. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, Lisboa, 16, p. 5-26, 2013.

BAHN, Paul; RENFREW, C. **Archaeology. Theories, Methods and Practice**. London: Thames and Hudson Ltd, 2011.

BANDEIRA, Dione da R. et al. Resultados preliminares da pesquisa no sambaqui sob rocha Casa de Pedra, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 13, n. 1, p. 207-225, 2018.

_____. **Ceramistas Pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: Arqueologia e Etnicidade**. 257 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

_____. **Mudança de estratégia de subsistência. O sambaqui Enseada I – Um estudo de caso**. 174 f. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

BASTOS, R. L. **Preservação, Arqueologia e Representações Sociais**. Erechim: Editora Habilis, 2007

BECK, A. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. Litoral de Santa Catarina**. 1972, 245 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BELEM, Fabiana R. **Do seixo ao zoólito. A indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais**. 252 f. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo.

BIANCHINI, Gina Faraco et al. Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 21, p. 51-69, 2011.

BIGARELLA, I. K.; TIBURTIUS, G. **Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná**. Porto Alegre: Editora Gráfica UFRGS, 1960. (Série Pesquisas).

BIGARELLA, João José; TIBURTIUS, Guilherme; SOBANSKI, Arnaldo. **Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina: Situação geográfica e descrição sumária. I.** Impressora Paranaense SA, 1954.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOVO, E. **Grande História Universal: O Princípio da civilização.** Barcelona: Folio, 2006.

CABRAL, Oswaldo R. De la rareté des zoolithes plateformes et de leur présence exclusive dans les sambaquis du litoral de Laguna (Brésil). **Bulletin.** Genève, Suisse, nº 34. Société suisse des Américanistes. p. 13-18. 1970.

_____. . Da raridade dos zoólitos plataformas e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna. **Instituto de Antropologia da UFSC,** Florianópolis, n. 2, p. 6-24. 1968.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CASTILHO, O. V. **Mamíferos martinhos: um recurso de populações humanas pré-coloniais do litoral de Santa Catarina.** 2005, 201 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CASTRO FARIA, L. **A Arte Animalista dos Paleoameríndios do Litoral do Brasil.** Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1959. Publicações avulsas.

CASTRO, Viviane M. C. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil.** 2009, 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

_____. O uso do conceito de identidade na Arqueologia. **Revista Clio.** Universidade Federal de Pernambuco. Recife, v. 1, n. 23, p. 170-188, 2008.

CHARLÍN, J. I. La Arqueologia en el Departamento de Combarbala. In: **Publicaciones del Museo Arqueológico de La Serena.** Boletín 15. La Serena, 1973.

CHILDE, Gordon V. **Introdução à Arqueologia.** Lisboa: Editora Publicações Europa-América, 1961.

COMERLATO, Fabiana. **As representações rupestres do litoral de Santa Catarina.** 166 f. 2005. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

CORRÊA, Carlos H. P. **História de Florianópolis Ilustrada.** Florianópolis: Editora Insular, 2008.

COSTA, S. S. **Santa Catarina: História, Geografia, Meio Ambiente, Turismo e Atualidades.** Florianópolis: Editora Postmix, 2011.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

SILVA, Priscilla G. F. A compra da Coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade Germanica. 2017, 82 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – UNIVILLE, Joinville, 2017.

DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHELL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo C; GASPAR, Maria D. Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e Arqueologia Regional no Litoral Sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana**. Catamarca, v. 3. nº 1, jan. 2007. p. 29-61.

DEBLASIS, Paulo; FARIAS, Deisi Scunderlick; KNEIP, Andreas. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 24, p. 109-136, 2014.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave da museologia**. São Paulo: ICOM/Armand Colin, 2014.

DILLEHAY, Tom D. **Monuments, empires, and resistance: The Araucanian polity and ritual narratives**. Cambridge: University Press, 2007.

FARIAS, Deisi S. E. de; KNEIP, Andreas. **Panorama arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Unisul, 2010.

FLORES, M. B. R. **Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina 1777**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FRAGA JUNIOR, Juarez. **Um cemitério monumental: marcadores de memória e identidade no sítio arqueológico Jabuticabeira-II** (Jaguaruna, SC–Brasil). 2014, 60 f. TCC (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim, Habilis, 2007.

_____. (Org.). **Identities, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

GARCIA, Jefferson B. Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” e seus novos desafios: **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, dez. p. 160-171.2016

GASPAR, Maria Dulce; HEILBORN, Maria Luiza; ESCORCIO, Eliana. A sociedade sambaqueira vista através de sexo e gênero. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 21, p. 17-30, 2011.

GASPAR, M. D. **Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. Zoólitos, peixes e moluscos, cultura material e identidade social. In: **Série encontros e estudos** 3, 2000. pp. 13 – 21.

_____. Análise das Datações Radiocarbônicas dos Sítios de Pescadores, Coletores e Caçadores. **Boletim do Museu Emilio Göeldi**. Série Ciências da Terra, nº 8, p. 85–91,1996.

_____. Datações, construção de sambaqui e identidade social dos pescadores, coletores e caçadores. In: KERN, A. A. (Org.). **Anais VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 1995. p. 377-398.

GOMES, Angela A. de Oliveira. **Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil: uma abordagem preliminar**. 2012, 242 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFPR, Curitiba.

GONZALEZ, Manuel; MILHEIRA, Rafael Guedes. Reinterpretando o zoomorfo de tubarão da coleção “Carla Rosane Duarte Costa”. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 85-86, 2005.

GUTIÉRRES-ZUGASTI, Igor; ANDERSEN, Søren H.; ARAÚJO, Ana C.; DUPONT, Catherine; MILNER, Nicky; MONGE-SOARES, Antonio. Shell midden research in Atlantic Europe: State of the art, research problems and perspectives for the future: **Quaternary International**, Louisiana, v. 239, n. 1-2, p. 70-85, .2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HARTMANN, A. Pela Preservação do Patrimônio Arqueológico: Uma parceria e muito trabalho: **Revista de Arqueologia do Iphan**. 11ª Superintendência Regional de Santa Carina, n 2. Florianópolis, 2002. p. 9-17.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología**. Barcelona: Crítica, 1994.

HODDER, Ian. Post-processual and interpretive archaeology. In: **Archaeology: the key concepts**. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 23-80.

HUGARTE, R. P. **El Uruguay Indígena: nuestra tierra**. 1. Montevideo: Nuestra Tierra, 1969.

JUMANDÁ, T. C. Bibliografia. In: **Aspectos de vida e obra de João Alfredo Rohr, S.J.** Florianópolis: Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo/Conselho Estadual de Cultura 1985. p. 34-39.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes indígenas**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

KESTERING, Celito. **Identidade dos grupos pré-históricos de sobradinho – BA**. 2007. 298f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KISTNER, J. **Os grupos Jê em Blumenau: cultura material Laklânô/Xokleng e Kaingang**. 2016, 201 f. Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville, Joinville.

KLOKLER, Daniela; GASPARG, MaDu. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., Esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: GASPARG, MaDu; SOUSA, Sheila M. de. (Org.) **Abordagens estratégicas em sambaquis**. Erechim: Editora Habilis, 2013. p. 109-125.

KLOKLER, Daniela et al. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 20, p. 53-75, 2010.

LAVINA, R. **Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para arqueólogos**. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, Editora UNICAMP, 2003.

LESSA, Andrea; MEDEIROS, João Cabral. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise dos sítios Cabeçuda (SC) e Arapuan (RJ). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 11, p. 77-93, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 33-36, 1984.

_____. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, v. 15, p. 103-112, 1983.

MELLA, Federico A. **O Egito dos Faraós. História, civilização, cultura**. São Paulo: Editora Hemus, 1981a.

_____. **A. Dos sumérios a babel. A Mesopotâmia**. São Paulo: Editora Hemus, 1981b.

MENDES, Josué Camargo. **Conheça a pré-história brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora Polígono, 1970.

MILHEIRA, R. G. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaquieiras. In: ZOCHE, Jairo. **Arqueofauna e Paisagem**. Erechim: Habilis, 2014. p. 197-207.

_____. **Esculturas líticas sambaquieiras: algumas possibilidades interpretativas. Reflexão a partir de uma coleção lítica do LEPAARQ/UFPEL.** 2005, 120 f. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

_____. Arqueoistoriografia e Identidade no Contexto das Pesquisas Arqueológicas em Sambaquis: **Ângulo.** Instituto Politécnico de Tomar, Centro de Pré-história. Tomar, v.. 2, p. 19-46, 2002.

MILLARD, Allan. **Descobertas dos tempos bíblicos.** São Paulo: Editora Vida, 1999.

MORALES, Walter F. Ricardo Krone e as pesquisas arqueológicas no Vale do Ribeira de Iguape, SP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia.** São Paulo, n. 8. 1998, p. 281-286. 1998.

MUÑOZA, J. I. Los Pueblos prehistoricos del territorio uruguayo. In: **Amerindia,** Centro de Estudios Arqueologicos y Antropologicos”, Montevideo, 1965, p. 18-52.

OLIVEIRA, Tânia F. de. **Estudo comparativo dos sambaquis Caipora, Lageado e Jaboticabeira I: interpretações acerca da mudança de material construtivo ao longo do tempo.** 2010, 133 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVIER, Laurent. Arqueologia do 3º Reich e a França: notas para servir ao estudo da “banalidade do mal” em Arqueologia. In: FUNARI, Pedro P. (Org.). **Identities, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

OOSTERBEEK, L. **Arqueologia da Paisagem no Sul do Brasil.** Erechim: Editora Habilis, 2009.

ORSER JR, Charles E. **Introdução à Arqueologia Histórica.** Belo Horizonte: Editora Oficina dos Livros, 1992.

PADILHA, Renata C. Documentação museológica e gestão de acervo. In: **Coleção estudos museológicos,** v. II. Florianópolis: FCC Edições, 2014.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005, p. 241-273.

PROUS, André. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil meridional e do Urugway. **Revista Memorare,** cidade? v. 5, n. 1, p. 197-217, 2018.

_____. **Da pedra da terra daqui.** 34º Panorama da Arte Brasileira. São Paula: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015. Catálogo de exposição, de 03 de outubro a 13 de dezembro de 2015, MAM-SP.

_____. **Arte Pré-Histórica do Brasil.** Belo Horizonte: Editora Arte, 2011.

_____. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.

_____. Les Esclptures Zoomorphes du Sud Bresilien et de l'Uruguay. França. **Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud** Centre National de la Recherche Scientifique, 5, 1977.

_____. "Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay": **Dédalo**. São Paulo, p. 11 – 127, 1974.

_____. Os objetos zoomorfos do litoral do sul do Brasil e do Uruguai. **Anais do Museu de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 57-102, 1972.

RAHTZ, Philip. **Convite à Arqueologia**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1989.

REIS, Maria J.; FOSSARI, Teresa D. O Sítio Arqueológico da Praia da Laranjeiras – Balneário Camboriú; Sítios Arqueológicos de Santa Catarina; Relação dos Trabalhos Publicados por Pe. João Alfredo Rohr, S.J. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. Florianópolis, p. 3-174.1984

RENFREW, C. Varna e o surgimento da riqueza na Europa Pré-Histórica. In: APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 181-216.

RIBEIRO, Darcy. Arte Índia. In: RIBEIRO, Berta. (Org.) **Suma etnológica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Vozes/FINEP, 1987. p. 29-65.

ROHR, João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

_____. Contribuições para uma etnologia indígena do estado de Santa Catarina. In: **Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1950, p. 16-58.

RUSSO, Michael; SAUNDERS, Rebecca. Coastal shell middens in Florida: A view from the Archaic period: **Quaternary International**. Louisiana, v. 239, n. 1-2:p. 38-50, July, 2011. p. 38-50.

SCHMITZ, P. I. Visão de conjunto dos sítios arqueológicos da Tapera, Armação do Sul, Laranjeiras I e II, Pântano do Sul e Cabeçadas. **Pesquisas**, São Leopoldo, n. 53, p. 183-190, 1996.

_____.; BITENCOURT, Ana L. V. O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul, S.C. **Pesquisas**. Antropologia., São Leopoldo, n. 53, p. 77-123, 1996.

_____. Áreas arqueológicas do litoral e do planalto do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 1, p. 3-20, 1991.

SERRANO, Antonio. Los sambaquis y outros ensayos de arqueologia brasileña. In: **Anais do 2º Congresso Sulriograndense de História e Geografia**. Porto Alegre, vol. II, p. 327-442, 1940.

SIERRA y SIERRA B. Antropolitos y zoólitos indígenas. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**. Montevideo, Tomo V, p. 91-127, 1931.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

SILVEIRA, Maura Imazio da. SCHAAN, Denise P.; Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. **Revista de Arqueologia**, Pelotas, . 18, p. 67-79.2005.

SOARES, Inês V. P. **Proteção jurídica do patrimônio arqueológico no Brasil: Fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes**. Erechim: Habilis, SAB, 2007.

STEINEN, Karl von. **Unter den Naturvölkern Zentralbrasilens**. Berlin: Hoefer & Vohsen, 1894.

TIBURTIUS, Guilherme. **Arquivos de Guilherme Tiburtius I**. Joinville: Fundação Cultural Joinville, Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.

_____. TIBURTIUS, Guilherme. O sambaqui da Conquista (NR-9). **Boletim Paranaense de Geografia**, v. 18, n. 19, p. 71-126, 1966.

TOCCHETTO, Fernanda. **A cultura material do Guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica**. 1991, 198f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRIANA, Marcela; QUINTANA, Bibiana. Cultura Tayrona: Aproximaciones a la Conquista. **Manifestaciones Artísticas en Colombia prehispánica**, p. 1-6, 2011.

VALENÇA, José R. **Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu**. São Paulo: Empresas Dow, 1984.

VERDE, G. **Decoracion**. Ysla de Santa Catalina: Biblioteca da Universitaria de Madrid – Seccion de Ciencias, 1778.

VILLAGRAN, Ximena. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. **Revista do Museu de Arqueologia e etnologia**. São Paulo, n. 23, p. 139-154, 2013.

WAGNER, Altair. **Alfredo Wagner. Terra, água, índios**. Alfredo Wagner: Fundação Alfredo Wagner, 2002.

WAGNER, Gustavo et al. Sambaquis (shell mounds) of the Brazilian coast. **Quaternary international**, Louisiana, v. 239, n. 1-2, p. 51-60, 2011.

WOODWARD, Kathryn. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

ZAVALA CEPEDA, José Manuel; DILLEHAY, Tom D. El " Estado de Arauco" frente a la conquista española: Estructuración sociopolítica y ritual de los Araucano-Mapuches en los valles Nahuelbutanos durante los siglos XVI y XVII. **Chungará**, Arica, v. 42, n. 2, p. 433-450, 2010.

APÊNDICE A - FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS ZOÓLITOS DOS ACERVOS DO MHS E MASJ

FICHA Nº 1



<p>1 - Características: Zoólito coletado em 03.10.1975, em escavação arqueológica, por J. A. Rohr. Formato roliço e alisado. Sem nenhuma incisão que possa caracterizar olhos, boca ou outros. Segundo Rohr, “representa uma tartaruga” (ROHR, p. 47). Abaixo da asa esquerda da representação, encontram-se dados técnicos do local em que o artefato foi encontrado: <i>SC-RF-10 1PS PÂNTANO DO SUL 1975</i>. Este mineral não se encontra na Ilha de Santa Catarina (Idem, p. 48). No entanto, o artefato se assemelha a uma ave: roliça, apresenta duas extremidades laterais achatadas quase retangulares, opostas; a cabeça pequena (extremidade mais fina) aparenta possuir um pequeno bico dirigido para baixo, a extremidade oposta a cabeça possivelmente é a cauda. Tais características remetem a uma ave, possivelmente, da ordem passeriformes.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: SC-RF-10 1PS.</p>	<p>5 - Dimensões: 19 x 12 x 7 cm; profundidade da cavidade: 1,5 cm.</p>
<p>3 - Estado de conservação: Bom.</p>	<p>6 - Peso: 1.386 kg</p>
<p>7 - Classificação mineralógica: Diorito Porfírico.</p>	<p>8 - Tipologia: Nucleiforme B.</p>
<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>	

<p>3 - Local: Sambaqui do Pântano do Sul / Sul da Ilha/Florianópolis-SC.</p>	<p>10 - Referências: ROHR, Pe. João A. O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10. Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.</p> <p>PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: USO, 1974. p. 11-127.</p> <p>GOMES, Angela. Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil. 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.</p>
---	---

FICHA Nº 2



1 - Características: Zoólito coletado em 03.10.1975, em escavação arqueológica, por J. A. Rohr. Associado ao zoólito 1PS. Formato cruciforme achatado. Sem nenhuma incisão que possa caracterizar olhos, boca ou outros. Segundo Rohr, representa, “possivelmente, colhereira ou ganso rosa (Platalea ajaja)” (ROHR, p. 49). Abaixo da asa esquerda da representação, encontram-se dados técnicos do local em que o artefato foi encontrado. Este mineral se encontra somente no norte da Ilha (Idem, p.49). No entanto, consideramos a possibilidade de remeter a espécies da ordem Falconiforme.

2 - N° de registro: SC-RF-10 PS 2.

3 - Local: Sambaqui do Pântano do Sul / Sul da Ilha/Florianópolis-SC.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 23,5 x 17,9 x 6,3 cm; profundidade da cavidade: 2 cm.

6 - Peso: 1.928 kg.

7 – Classificação mineralógica: Ortoclásio-Biotita-Gnaisse).

8 - Tipologia: Cruciforme B.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
GOMES, Angela. **Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil.** 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

FICHA Nº 3



1 - Características: Zoólito recolhido por Manoel Firminiano, morador local, em 1967, nas dunas do sítio arqueológico (ROHR, p.51). Segundo Rohr, representa, “uma ave de rapina; possivelmente, Corvo Branco = Urubu-Rei (Vulturides)” (Ibidem). Entre as orbitas e o bico, do zoólito, existe uma saliência típica da espécie do Urubu Rei. Abaixo da asa esquerda da representação, encontram-se dados técnicos do local em que o artefato foi encontrado. Existem pequenas fraturas na região da borda da cavidade. Esta rocha encontra-se “in situ” (Idem, p.51). No entanto, além das espécies da família Cathartidae, a representação também assemelha-se a algumas aves marinhas mergulhadores de bico forte tais como aves da família Laridae (gaivotas).

2 - Nº de registro: SC-RF-10 Pântano do Sul, Dunas, 1967

3 - Local: Sítio Arqueológico SC-RF-10 / Dunas do Pântano do Sul / Sul da Ilha/Florianópolis-SC

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense

5 - Dimensões: 23,4 x 11,3 x 7 cm; profundidade da cavidade: 2,7 cm.

6 - Peso: 1.355 kg

7 - Matéria-prima: Diabásio alterado.

8 - Tipologia: Cruciforme B.

9 - Estado de conservação: Bom

10 - Referências: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
 PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo.** São Paulo: USO, 1974. p. 11-127.
 GOMES, Angela. **Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil.** 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

FICHA Nº 4



<p>1 - Características: Zoólito recolhido por Alípio Capistrano, morador local, em 1956, nas dunas do sítio arqueológico SC-RF-10 (ROHR, p. 50). Na análise de Rohr, representa “um passarinho, possivelmente, andorinha” (Hirundinidea) (Ibidem). Nesta representação é possível observar, na região craneana, duas depressões artificiais rasas que representam as órbitas da ave. No que seria a representação do bico, podemos verificar um risco, em baixo relevo, delineado, que define parte superior e inferior do maxilar. Esta rocha encontra-se “in situ” (Idem, p.50). Em acordo com Rohr (1977), a representação remete a aves de algumas famílias da ordem passeriformes.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense / Coleção Carlos Behrenhauser.</p>
<p>2 - Nº de registro: 1956.</p>	<p>5 - Dimensões: 13,5 x 11,3 x 3,8 cm; profundidade da cavidade: 1 cm.</p>
<p>3 - Local: Sítio Arqueológico SC-RF-10 / Dunas do Pântano do Sul / Sul da Ilha/Florianópolis-SC.</p>	<p>6 - Peso: 360 g.</p>
	<p>7 - Matéria-prima: Diabásio.</p>
	<p>8 - Tipologia: Cruciforme C.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Excelente</p> <p>10 - Referências: ROHR, Pe. João A. O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10. Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: USO, 1974. p. 11-127. GOMES, Angela. Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil. 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.</p>

FICHA Nº 5



1 - Características: O presente zoólito trata-se de um Boto (Delfínídeps), e teria sido recolhido em de 1943, conforme o registro na peça, por um morador local: “Foi recolhido há mais de trinta anos [em relação a publicação da obra de referência], por um sitiante, Júlio Eduardo Cardoso, na área das dunas do sítio arqueológico SC-RF-10, no Pântano do Sul. Estava em decúbito dorsal, com a cavidade ventral voltada para cima. Júlio Eduardo permutou o zoólito com o Sr. Carlos Behrenhauser, por retalhos de fazendo” (ROHR, p. 52). A nadadeira esquerda, da cauda, encontra-se fragmentada. Desde o primeiro registro da peça, podemos constatar esta condição. Há um pequeno risco, delineado, entre as orbitas da representação, tipicamente encontradas em Botos. Em acordo com Rohr (1977), o artefato remete a representação de uma espécie da família Odontoceti, visto que a disposição da nadadeira é horizontal e possui duas nadadeiras laterais e uma dorsal.

2 - Nº de registro: 61.

3 - Local: Sítio Arqueológico SC-RF-10 / Dunas do Pântano do Sul / Sul da Ilha/Florianópolis-SC, 1943.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense / Coleção Carlos Behrenhauser.

5 - Dimensões: 23 x 16 x 4 cm; profundidade da cavidade: 3,1 cm.

6 - Peso: 1.525 kg.

7 - Matéria-prima: Diabásio.

8 - Tipologia: Nucleiforme C.

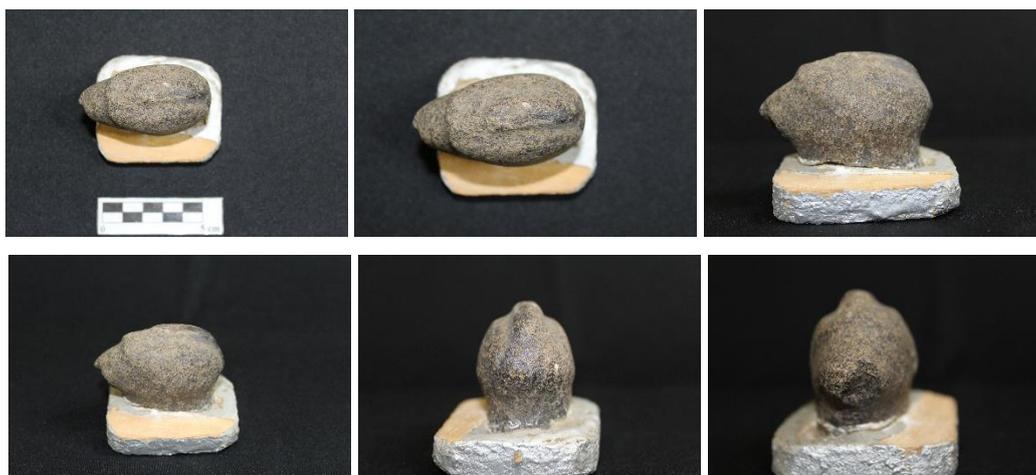
9 - Estado de conservação: Bom.

10 - Referências: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo.** São Paulo: MAE, 1974. p. 11-127.

GOMES, Angela. **Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil.** 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

FICHA Nº 6



1 - Características: Zoólito (fragmento) que representa uma cabeça de ave destroncada. Segundo Rohr: “possivelmente, Frango D’Água (Raliformes). Foi recolhido em 1969, na área das dunas, do sítio arqueológico SC-RF-10 do Pântano do Sul, por um dos sítiantes, que entregou a peça no convento do Morro das Pedras. O sopro do vento, deslocando a areia, deixou o zoólito a descoberto” (p. 54). Em acordo com Rohr (1977), o zoolito apresenta ser uma ave que, pelo relevo sobre a cabeça remete a uma ave com crista, talvez da rodem Gruiformes (Raliformes).

2 - Nº de registro: 5 PS.

3 - Local: Sítio Arqueológico do Pântano do Sul, Dunas/ Sul da Ilha/Florianópolis-SC.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 5,8 x 3,2 x 3,9 cm.

6 - Peso: 102 g.

7 - Matéria-prima: Diabásio.

8 - Tipologia: Fragmento.

9 - Estado de conservação: Ruim.

10 - Referências: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
 PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: **Dédalo.** São Paulo: USO, 1974. p. 11-127.
 GOMES, Angela. **Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil.** 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

FICHA Nº 7



1 - Características: Zoomorfo representando, possivelmente um batráquio. Segundo Pe. João Alfredo Rohr: "O Sr. José Cardoso Jeremias de Imbituba, presenteou-nos, na mesma ocasião, com um artefato zoomorfo, encontrado no morro de Mirim. Apesar de ter sido encontrado na roça, este artefato evidentemente pertenceu ao homem dos sambaquis. Trata-se de Batráquio (sapo) cinzelado em pedra" (ROHR, 1962, p. 20).

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 13,6 x 6,6 x 6,5 cm.

6 - Peso: 886 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Paquiforme. Realismo 3, quadrupede.

2 - N° de registro: Não há.

9 - Estado de conservação: Excelente

3 - Local: Imbituba, SC, Morro Mirim, 1961.

10 - Referências: ROHR, J. A. Pesquisas Paleo-Etnograficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense – IV (1961). In: **Pesquisas**. Antropologia, nº. 14, 6º ano, Ano de 1962. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo: Gráfica da UFRGS, 1962.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974. p. 11-127.

FICHA Nº 8



1 - Características: Artefato com poucas informações das condições de aquisição e procedência. As únicas informações que constam na peça é: "Adquirido por compra do Museu da Pescaria Braba, em 1973, Imaruí, P. J. A. Rohr S.J.". Dentre as muitas espécies de aves podemos considerar que este lembra um pombo. Dele se destaca as duas orbitas e as patas. Características marcantes como asas largas e assumem o tamanho do corpo, cabeça e bicos pequenos lembram a silhueta de aves da ordem Columbiformes.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 21 x 20 x 5 cm; cavidade: 2 mm.

6 - Peso: 3.120 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Cruciforme B.

2 - Nº de registro: Não há.

9 - Estado de conservação: Excelente.

3 - Local: Pescaria Brava, SC, 1973.

10 - Referências: PROUS, André. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974. p. 11-127.
 _____ . **Les sculpture zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay**. França: Centre National de la Recherche Schientifique. Cahiers d'Arqchéologie d'Amérique du Sud 5. 1977.

FICHA Nº 9



<p>1 - Características: Zoomorfo representando um mamífero terrestre. Foi encontrado por José Albino Jacinto, 1982, morador da localidade. Posteriormente, adquirido por João Alfredo Rohr, para o Museu do Homem do Sambaqui. Peça singular, devido a existência de cavidades em ambas a laterais. Destaca-se os detalhes dos lábios, olhos e orelhas. A ausência de cauda, o formato oval e as orelhas pequenas são características remetem a um roedor, possivelmente <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (capivara), se desconsiderar os lábios proeminentes da peça. Outras duas possibilidades poderiam ser do grupo (ordem) Rodentia: <i>Cavia aperea</i> (preá) ou <i>Cuniculus paca</i> (paca); <i>Dasyprocta</i> sp. (Cutia).</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: Não há.</p>	<p>5 - Dimensões: 22 x 11 x 6 cm; cavidade: 3 mm.</p>
<p>3 - Local: Jaguaruna, Costa da Lagoa, 1982.</p>	<p>6 - Peso: 2.385 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio.</p>
	<p>8 - Tipologia: Diverso.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Excelente.</p>
	<p>10 - Referências: PROUS, André. Les esculpture zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay. França: Centre National de la Recherche Schientifique. Cahiers d'Arqchéologie d'Amérique du Sud 5. 1977.</p>

FICHA Nº 10



1 - Características: Zoomorfo representando a fauna marinha. Foi adquirido por João Alfredo Rohr por meio de compra. Consta os seguintes registros na peça: "Sambaqui de Imaruí, adquirido por compra, em 1973, do Museu de Pescaria Braba, P. J. A. Rohr, S.J.". Representação de um ictio, com cavidade rasa e lateral. O corpo apresentando silhueta hidrodinâmica, com depressão similar há uma nadadeira dorsal bem evidenciada, leva-se a questionar, entretanto, a que categoria enquadra-se a representação, visto que os entalhes presentes no artefato não viabiliza a característica do organismo. Tem-se a impressão de que o artefato represente um actinopterygii (peixe ósseo) devido aos entalhes lembrarem as nadadeiras raiadas e do corpo possuir um formato cônico. Aparentemente um peixe robusto, talvez, da família Scianidae (corvina, miraguaia) que costumam ser encontrados com frequências nos sambaquis.

2 - Nº de registro: Não há.

3 - Local: Sambaqui de Imaruí, SC, 1973.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 27 x 14 x 1,5 cm; cavidade: 1,5 mm.

6 - Peso: 1.785 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio Marrom.

8 - Tipologia: Platiforme A.

9 - Estado de conservação: Bom.

10 - Referências: PROUS, André. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974. p. 11-127.

_____. **Les esculpture zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay**. França: Centre National de la Recherche Schientifique. Cahiers d'Arqchéologie d'Amérique du Sud 5. 1977.

FICHA Nº 11



1 - Características: Zoomorfo encontrado sob a *Ponte Hercílio Luz*, Florianópolis, em 1980. Segundo a pesquisadora Angela Gomes: “A escultura zoomórfica apresenta a provável representação de um lagarto” (GOMES, 2012, p.136). Consideramos duas possibilidades: embora a peça contenha projeções laterais, típicas das representações de aves, a parte facial da representação lembra o réptil citado pela autora. Considerando está possibilidade, poderíamos considerar como um “zoomorfo híbrido”. Outra possibilidade nos remete a representação de uma ave de bico curto, semelhante a das famílias da ordem passeriformes.

2 - Nº de registro: Não há.

3 - Local: Sob a Ponte Hercílio Luz, Florianópolis, 1980.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 25 x 12,2 x 4,5; cavidade: 2 cm.

6 - Peso: 1.082 kg.

7 - Classificação mineralógica: Arenito.

8 - Tipologia: Cruciforme B.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: GOMES, Angela. **Perspectivas interpretativas das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil.** 2012. 121 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.
PROUS, André. **Les esculpture zoomorphes du sud Brésilien et de l’Uruguay.** França: Centre National de la Recherche Schientifique. Cahiers d’Arqchéologie d’Amérique du Sud 5. 1977.

FICHA Nº 12



1 - Características: Zoomorfo provavelmente representando um cetáceo, um Odontoceti (golfinho, boto) devido a forma característica de barbatana dorsal que animais deste grupo costumam apresentar *in natura*. Consta duas inscrições na peça: “Sambaqui” e Sambaqui da Cabeçada”. Uma das extremidades é levemente bifurcada indicando a possibilidade de uma cauda. Peça não apresenta cavidade. Lamentavelmente não foram identificadas as circunstâncias em que a peça foi ao museu nem a data da sua coleta.

2 - Nº de registro: Não há.

3 - Local: Sambaqui da Cabeluda, Laguna, s/d.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 11,7 x 4,7 x 2,5 cm.

6 - Peso: 155 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Triangular.

9 - Estado de conservação: Bom.

10 - Referências: PROUS, André. **Les sculptures zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay**. França: Centre National de la Recherche Scientifique. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud 5. 1977.

FICHA Nº 13



1 - Características: Segundo Jorge Lutterbeck, trata-se de “Pilão zoomorfo (forma de pássaro). Pilão na parte inferior, quase circular” [...] (ROHR, 1950, p. 357). Essa foi a análise dos autores da publicação. Contudo, consideramos pouco provável que o artefato em questão seja um pássaro, pois sua forma, mesmo que estilizada, não faz alusão a nenhuma espécie do gênero. No entanto, nos remete a possibilidade da representação de um ninho de passarinho, semelhante a peça apresentada por Prous, em duas de suas publicações (1974, p. 125; 1992, p. 230), que contém mais de uma cabeça projetada.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 10 x 9,5 x 4; cavidade 2,5 cm.

6 - Peso: 600 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Sobrelevadas.

2 - Nº de registro: 65.

9 - Estado de conservação: Bom

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

10 - Referências: ROHR, J. A. Contribuições para a etnologia Indígena do estado de Santa Catarina. In: **Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

_____. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.

FICHA Nº 14



<p>1 - Características: Segundo Jorge Lutterbeck trata-se de: “Pilão de mão alisado, forma de cruz, provavelmente um pássaro em voo” [...] (ROHR, 1950, p. 34). Por tratar-se da representação de uma ave pequena, possivelmente, deve pertencer a ordem passeriformes.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: 68.</p>	<p>5 - Dimensões: 15 x 15 2 cm; cavidade: 2,5 cm.</p>
<p>3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.</p>	<p>6 - Peso: 1.165 g.</p>
<p>10 - Referências: Referências: ROHR, J. A. Contribuições para a etnologia Indígena do estado de Santa Catarina. In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.</p> <p>PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio cinza.</p>
<p>8 - Tipologia: Cruciforme A.</p>	<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>

FICHA Nº 15



1 - Características: Para o Pe. Jorge Lutterbeck, S.J., o presente artefato tem a possibilidade de ser um “Pilão zoomorfo em forma de pássaro (pato?)” (AHD/MHS/CC; Caixa 256, Ficha 652). No entanto, entendemos que, aparentemente, representaria um mamífero não identificado ao menor táxon. Mesmo considerando a estilização da peça, não foi possível verificar elementos que remetesse a

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 15 x 15 x 2 cm; cavidade: 2,5 cm.

6 - Peso: 1.165 kg.

7 - Classificação mineralógica: Arenito.

8 - Tipologia: Nucleiforme B.

2 - Nº de registro: 652.

9 - Estado de conservação: Regular.

3 - Local: Sambaquis.

10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. **Caixa 256, Ficha 652, 1948.**
PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP.** Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 16



1 - Características: Para Lutterbeck, ao descrever o zoomorfo: “Pedra zoomorfa (forma de peixe ou Delfino?), provavelmente para triturar milho ou alisar peles” [...] (AHD/MHS/CC; Caixa 4, Ficha 70). Desconsiderando a função que Lutterbeck atribui a peça a ponderação em relação a ser a representação de um cetáceo, possivelmente do grupo dos Odontoceti, visto que o formato cônico lembra a nadadeira dorsal de um golfinho. A peça apresenta duas representações de orbitas, boca e detalhe e uma leve bifurcação numa das extremidades que seria a cauda.

2 - Nº de registro: 70.

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 12 x 9 x 5 cm.

6 - Peso: 1.190 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Triangular.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. **Caixa 4, Ficha 70, 1948.**
PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP.** Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 17



<p>1 - Características: Tiburtius e Iris classificaram como sendo um zoomorfo do Norte da Ilha de Santa Catarina (1960, p. 48). Contudo, verificando as fichas originais realizadas pelo Pe. Jorge Lutterbeck conferimos que a peça é procedente um “sambaqui de Imbituba”, SC, em conformidade com as informações realizadas por André Prous (1974, p. 43). Segundo Lutterbeck trata-se de um: “Pilão zoomorfo polido, forma de tartaruga” [...] (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 286, Ficha 649, 1948). Contudo, não foi possível verificar detalhes característicos da representação do animal sugerido por Lutterbeck. As partes que se destacam na peça remetem mais a uma ave, como bico e asas, do que uma fauna da ordem dos quelônios.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: 649.</p>	<p>5 - Dimensões: 15,5 x 11 x 9,5 cm; cavidade: 4,2 cm.</p>
	<p>6 - Peso: 1.102 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Granito porfiroide.</p>
	<p>8 - Tipologia: Diverso.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>
<p>3 - Local: “Sambaquis de Imbituba”, SC, s/d.</p>	<p>10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 286, Ficha 649, 1948. PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.</p>

FICHA Nº 18



1 - Características: Lutterbeck considera duas possibilidades de representações de do artefato zoomorfo: “Pilão alisado zoomorfo (bicho marinho ou pássaro)” [...] (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 7, Ficha 66, 1948).
Entretanto, consideramos a possibilidade de representar pequenas aves do grupo passeridae (tico-tico); ou trogonidae (surucuá); devido a presença do bico cônico, asas curtas e cauda longa.

2 - Nº de registro: 66.

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 27 x 11,5 x 4,5 cm; cavidade: 2 cm.

6 - Peso: 1.209 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diorito verde.

8 - Tipologia: Cruciforme B.

9 - Estado de conservação: Bom.

10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. **Caixa 7, Ficha 66**, 1948.
PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 19



<p>1 - Características: Peça zoomorfa aparentemente um pássaro, para Lutterbeck. Podemos verificas a existência da representação de orbitas, cauda e asas indicando um movimento de voo. O bico espesso e curto assemelhasse a aves que, em sua ecologia, são granívoras (se alimentam de sementes) ou generalistas. Ainda, asas curtas e cauda longa, recorda espécies de algumas famílias da ordem passeriformes, tal como, fringillidae.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: 650.</p>	<p>5 - Dimensões: 29 x 12,2 x 7,1 cm; cavidade: 3 cm.</p>
<p>3 - Local: "Sambaquis".</p>	<p>6 - Peso: 1.944 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Diábasio marrom.</p>
	<p>8 - Tipologia: Nucleiforme C.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>
	<p>10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 286, Ficha 650, 1948. PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.</p>

FICHA Nº 20



1 - Características: Lutterbecke como sendo a possível representação de um pombo (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa s/n, Ficha 38, 1948). No entanto, consideramos a possibilidade da representação ser uma alusão as espécies de algumas famílias da ordem passeriformes ou fringillidae diante das características como suas asas curtas e calda longa

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 40 x 16,5 x 8,5 cm; cavidade: 3,2 cm.

6 - Peso: 4. 287 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Nucleiforme C.

2 - Nº de registro: 38.

9 - Estado de conservação: Razoável.

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

10 - Referências: (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa s/n, Ficha 38, 1948). PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 21



1 - Características: Artefato zoomorfo que se trata de um: “Fragmento (cabeça) de um instrumento zoomorfo, talvez uma pomba; alisamento ótimo, sem vestígios do lascamento original” segundo Lutterberck (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 216, Ficha 4353, 1948). No entanto, somente pela representação da cabeça do animal, é difícil definir o seu grupo taxonômico. Contudo, possivelmente, seria uma ave, pois é possível verificar a representação do que seria seu bico formado por duas incisões horizontais.

2 - Nº de registro: 4353.

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 6 x 5,5 x 3,1 cm.

6 - Peso: 126 g.

7 - Classificação mineralógica: Rocha em decomposição.

8 - Tipologia: Fragmento.

9 - Estado de conservação: Ruim.

10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. **Caixa 216, Ficha 4353**, 1948. PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 22



1 - Características: Zoólito em forma de Tatú (*Dasyus novemcinctus*). Foi listado por João Alfredo Rohr, na Prancha XIV (p. 113), como pertencente ao sítio arqueológico do Pântano do Sul, contrariando a produção historiográfica sobre o tema, onde colocam o presente zoólito como pertencente ao Norte da Ilha. No entanto, sua localização é incerta, pois as fichas de registros não especificam seu local de origem, indicando apenas "Sambaquis". Durante a produção da dissertação, uma fotografia foi encontrada por nós no Arquivo Histórico de Blumenau, SC, sugerindo uma terceira origem da localização da peça.

2 - Nº de registro: 653.

3 - Local: "Sambaquis".

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 25 x 10 x 4 cm; profundidade da cavidade: 2,1 cm.

6 - Peso: 360 g.

7 - Matéria-prima: Diorito esverdeado.

8 - Tipologia: Paquiforme.

9 - Estado de conservação: Excelente

10 - Referências: ROHR, Pe. João A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10**. Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 23



1 - Características: Zoomorfo muito danificado. Foi adquirido já em péssimas condições quando da aquisição da Coleção Carlos Behrenhauser, em 1948, para o Museu. Lutterbeck entende ser um ictio (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 2, Ficha 67, 1948). Contudo, determinar a fauna representada não foi possível devido sua deterioração. Devido ao seu péssimo estado de conservação sua Tipologia permanecerá como Fragmento.

4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense.

5 - Dimensões: 15,5 x 9 x 5,1 cm; cavidade: 2,5 cm.

6 - Peso: 826 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Nucleiforme B.

2 - Nº de registro: 67.

9 - Estado de conservação: Péssimo.

3 - Local: Sul da Ilha, Florianópolis, SC.

10 - Referências: (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 2, Ficha 67, 1948). PROUS, A. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo. Revista de Arqueologia e Etnologia da USP**. Ano X, nº 20. São Paulo: USP, 1974.

FICHA Nº 24



1 - Características: Segundo Tiburtius o artefato foi encontrado próximo à um sepultamento, juntamente com um adorno (disco de bula timpânica de baleia) e um pequeno machado de pedra, achava-se aproximadamente na altura do joelho. Tratava-se de um zoólito altamente estilizado. Não apresenta qualquer indicação de cauda, asas ou pernas no corpo, nem de olhos, boca na cabeça. A concavidade tem um contorno oval. (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 12)

O zoomorfo aparenta possuir uma leve depressão circular no “dorso”. Semelhante há uma “quebra coco”. Porém, a pequena depressão não é polida. Possível resultado de choque com objeto pontudo. Após levantamento da ocorrência de espécies holocênicas presentes nos sambaquis da Baía da Babitonga, as possíveis espécies que poderiam representar esta escultura podem ser do grupo (ordem) Rodentia: *Cavia aperea* (preá); *Cuniculus paca* (paca); *Dasyprocta* sp. (Cutia); e *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara);

2 - Nº de registro: 2201 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui Areias Grandes – Cidade: Barra do Sul/SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 10,5 X 6,9 X 5,4 cm
Cavidade ventral: 2,2 cm.

6 - Peso: 565 gramas.

7 - Classificação mineralógica:
Diabásio.

8 - Tipologia: Nucleiforme B.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: 1829-2432 - Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 25



<p>1 - Características: “Trata-se de um zoomorfo na forma de peixe estilizado coberto por uma grossa camada de decomposição da rocha. A cabeça possui um abaulamento nas partes inferior e superior (mais acentuado nesta); não tem indicação de olhos nem de boca. Além das nadadeiras laterais possui, na parte dorsal, uma nadadeira mais saliente [...]. A concavidade oval-alongada [...] bordos são relativamente elevados”. (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 12 e 13). Assim como os autores, também definimos como uma espécie representante da classe Odontoceti, visto que apresenta algumas características deste grande grupo: o corpo do artefato possui formato hidrodinâmico (levemente achatado lateralmente e alongado); presença de protuberâncias similar as nadadeiras laterais e dorsal de um mamífero marinho.. Espécies que ocorreram nos sambaquis de Barra do Sul/SC que podem representar este artefato são: Steno (Sotalia) sp.; (golfinho); Sotalia guianensis (boto cinza); ou Tursiops spp. (<i>golfinho-nariz-de-garrafa</i>).</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 4094 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 43,4 x 10,9 x 11,5 cm Cavidade ventral: 3,4 cm.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui Pinheiro, Barra do Sul/SC ou Sambaqui Rio Perequê.</p>	<p>6 - Peso: 5.455 kg.</p>
<p>10 - Referências: - 3780- 4353 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio.</p>
	<p>8 - Tipologia: Cruciforme B.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom, parte frontal (cabeça) quebrado. Fragmento à parte. A cauda foi remendada posteriormente.</p>

FICHA Nº 26



1 - Características: “A cabeça, sem indicação de olhos, apresenta um longo bico dirigido para baixo e no qual a abertura oral é indicada por um sulco regular. Tanto a face ventral como a dorsal são abauladas longitudinalmente e corpo termina numa cauda retangular de cantos arredondados. As asas de forma grosseiramente retangular [...], sendo a do lado esquerdo mais estreita. A concavidade [...] tem os bordos salientes e apresenta um ligeiro desgaste unilateral” (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p.13).
O artefato apresenta características que remetem a aves rapina: duas protuberâncias laterais similar a um par de asas abertas plainando; extremidade anterior afinado representando a cabeça e extremidade posterior alargado similar a cauda plumada de uma ave. O artefato pode vir a representar espécies da família Falconídea, tal como o *Caracara plancus* (Caracará) comum na Baía ou *Falco ruficularis* (cauré) devido a protuberância na região que representa o pescoço.

2 - Nº de registro: 4214 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui do Rio Pinheiros (nº 8) – Barra do Sul/SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 35,0 x 17,9 x 6 cm
Cavidade ventral: 2,5 cm.

6 - Peso: 3135 g.

7 - Classificação mineralógica:
Diorito.

8 - Tipologia: Cruciforme C.

9 - Estado de conservação: Excelente

10 - Referências: 3780- 4353 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 27



<p>1 - Características: Segundo Tiburtius e Iris: "Este objeto, achado pelo Sr. Guilherme Radun, foi acidentalmente quebrado durante o desmonte industrial do sambaqui. Reconstituído em gabinete, pode-se verificar que estava originalmente coberto por uma fina camada de corante vermelho. Trata-se de um zoólito que representa provavelmente um pássaro. Destaca-se a cauda grossa, linguiforme, abrangendo uma terça parte do corpo. As asas [...] são ligeiramente levantadas. Os olhos e o bico não estão indicados na cabeça. A concavidade é relativamente grande, oval, bem polida e de bordos tão salientes que se assemelha a uma tigela colocada na parte ventral da peça" TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 25). Possivelmente, representa pequenas aves. Entretanto, devido a abundância e aves similares para este grupo genérico não havendo um sinal específico na peça que venha caracterizar o espécime, mantemos como "pequenas aves".</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 4333 – Coleção Guilherme Tiburtius</p>	<p>5 - Dimensões: 26.7 x 10.5 x 6.5 cm Cavidade ventral: 4,8 cm.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui Cubatão – Joinville/SC</p>	<p>6 - Peso: 1.895 kg.</p> <p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio.</p> <p>8 - Tipologia: Cruciforme B.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom – foi restaurado.</p>
	<p>10 - Referências: 3780- 4353 Cadernos Guilherme Tiburtius – MASJ. TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>

FICHA Nº 28



1 - Características: “É um zoólito que parece representar fielmente o peixe denominado parati (diversas espécies do gênero *Mugil*) em Santa Catarina. Foi descoberto juntamente com um peixe menor confeccionado em bula timpânica de baleia o qual, infelizmente não foi conservado. Sua boca é representada por um entalhe, e os opérculos por sulcos laterais pouco profundos. Notam-se, claramente, na boca, olhos e opérculos os vestígios de raspagem deixados pelo instrumento confeccionador.” (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 14).
A peça é provavelmente de uma espécie representante da família mugilidae por possuir corpo roliço e fusiforme, ausência de uma linha lateral e rastros branquiais são relativamente longos; cabeça plana na parte superior, focinho cônico e curto; a boca é subterminal. A espécie representante desta família que ocorrem nos sambaquis são identificados pelo gênero *Mugil* sp. (*parati* ou *tainha*) e *Mugil lisa* (*tainha*).

2 - Nº de registro: 4836 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui da Barra do Sul – Barra do Sul/SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 15,1 x 2,9 cm.

6 - Peso: 145 g.

7 - Classificação mineralógica: Xisto metamórfico.

8 - Tipologia: Paquiforme.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: 4773- 4960 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 29



<p>1 - Características: “Zoólito representando provavelmente um pássaro. A cabeça, que abrange uma quarta parte do total do corpo, é relativamente grande bem como os olhos de 13 milímetros de diâmetro e de pequena profundidade. O bico é representado por um entalhe. A concavidade de contorno oval, é bem polida. [...] os bordos ligeiramente arredondados (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 11). Possivelmente, representa pequenas aves do grupo passeridae (tico-tico); ou trogonidae (surucuá); devido a presença do bico cônico, asas curtas e cauda longa.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 4836 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 19,8 x 7,0 x 4,6 cm. Cavidade ventral: 1,6 cm.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui Linguado – Barra do Sul/SC.</p>	<p>6 - Peso: 570 g.</p>
<p>10 - Referências: 4773- 4960 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio</p> <p>8 - Tipologia: Cruciforme B.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Excelente.</p>

FICHA Nº 30



<p>1 - Características: “Esta é uma peça de admirável acabamento de superfície lisa, sem a mínima ranhura ou falha. Representa um animal altamente estilizado. – A suport pelo corpo alongado e pelas saliências laterais – talvez um peixe. O corpo longo e fino termina numa espécie de esfera. A concavidade de contornos retangulares, encontra-se entre as saliências laterais. Os bordos desta são raros”. (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 20). Não identificado – não apresenta fisionomias marcantes de peixe, visto que mesmo apresentado corpo alongado é achato dorso-ventralmente. Contudo, a representação do zoomorfo nos faz considerar a possibilidade de um <i>Synbranchus marmoratus</i> (muçum ou enguia-d’água-dos), uma espécie de peixe teleósteo sinbranquiforme da família dos sinbranquideos encontrados em rios, lagoas e açudes na América do Sul.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
	<p>5 - Dimensões: 71,8 x 13,4 x 5,4 cm Cavidade ventral: 2,7 cm.</p>
	<p>6 - Peso: 5.335 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio.</p>
	<p>8 - Tipologia: Cruciforme C.</p>
<p>2 - Nº de registro: 5561 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>9 - Estado de conservação: Excelente – porém, foi restaurado.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui Morro do Ouro – Joinville/SC</p>	<p>10 - Referências: 5323 - 5605 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>

FICHA Nº 31



<p>1 - Características: “[...] mencionamos um achado feito nas proximidades de Joinville, em uma olaria de propriedade do Sr. Paulo Trank. [...] O objeto zoomorfo representa, possivelmente, um tamanduá. É coberto regularmente de decomposição de granulação fina. A cabeça do animal é dirigida para a frente, um abaulamento saliente e achatado representa a testa e duas ligeiras depressões, os olhos. A boca é apenas sugerida. O corpo mais grosso na parte central vai se adelgando em direção às extremidades da cabeça e da cauda. Na parte ventral, sem cavidade, 4 pequenas saliências de 10 mm, equidistantes entre si, representam os pés. Na parte superior é indicada uma volumosa cauda que faz lembrar a do tamanduá” (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 20). Apresenta as características básicas de um animal quadrupede, possivelmente mamífero pois a silhueta do artefato recorda a espécie <i>Tamandua tetradactyla</i> (tamanduá-mirim) presente em sambaquis da região.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 5560 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 9,8 x 4,7 x 6,8 cm Cavidade: Não possui.</p>
<p>3 - Local: Sem localização exata. Próxima a antiga rota Joinville-Curitiba (Prous, 1974, p. 34).</p>	<p>6 - Peso: 1.350 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio</p>
	<p>8 - Tipologia: Paquiforme 1.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>
	<p>10 - Referências: 6767 - 7479 Cadernos Guilherme Tiburtius (dados não publicados); TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>

FICHA Nº 32



1 - Características: "Trata-se de um zoólito representando provavelmente um mamífero em posição de repouso. A cabeça está dirigida para baixo e a representação dos olhos dá a impressão de estarem fechados. As quatro pernas fletidas salientam-se 3mm dos lados do corpo e alongam-se para baixo formando 4 patas redondas. Não há representação de cauda." (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 13-14).
Devido a ausência da cauda, possivelmente remete as espécies do grupo (ordem) Rodentia: *Cavia aperea* (preá); *Cuniculus paca* (paca); *Dasyprocta* sp. (Cutia); e *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara).

2 - Nº de registro: 7085 (5564?) – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Próximo ao sambaqui da Gamboa. Joinville, SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 14,0 x 8,4 x 3,0 cm.
Cavidade ventral: 9,6 cm.

6 - Peso: 915 g.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Empoleirado.

9 - Estado de conservação: Excelente

10 - Referências: TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 13-14.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 33



1 - Características: " Zoólito provavelmente em forma de pássaro estilizado que, curiosamente não apresenta asas. Está coberto por uma fina camada de decomposição da rocha. A cabeça, relativamente pequena, está dirigida para baixo e apresenta os olhos produzidos por percussão. O bico é indicado por um ligeiro entalhe [...]" (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 23).
A característica do bico e cabeça pequenos pode remeter a algumas famílias do grande grupo (ordem) Passeriformes.

2 - Nº de registro: 7532 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho - Joinville, SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 16,2 x 10,0 x 5 cm.
Cavidade ventral: 1,8 cm.

6 - Peso: 1.215 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio

8 - Tipologia: Nucleiforme B.

9 - Estado de conservação: Bom

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Nº 7532. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 23.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 34



1 - Características: “Zoólito estilizado representando talvez uma ave ou um peixe. A indicação dos olhos é dada por uma depressão polida abaixo da fronte abaulada. A boca é representada por um sulco de 15mm de cada lado. O dorso achatado vai adelgaçando regularmente entre a larga porção caudal em direção a cabeça cuneiforme. As asas, ou nadadeiras, são retangulares, de cantos ligeiramente arredondados. A concavidade é ventral [...]” (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 26)
Provavelmente representa uma ave, talvez, do grupo (ordem) passeriformes visto que o segundo grupo, representado por pombos, possui asas longas, diferente do que apresenta o artefato, com asas equidistantes.

2 - Nº de registro: 7577 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho – Joinville/SC

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 15,5 x 13,7 x 4,3 cm.

Cavidade: 1,1 cm – abdominal.

6 - Peso: 970 g.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Cruciforme A.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Nº 7577. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 26.

FICHA Nº 35



1 - Características: “Artefato zoomorfo estilizado, sem cavidade, representando talvez um inseto estilizado muito bem trabalhado. [...] a cabeça é representada por uma saliência arredondada na parte superior e achatada na parte inferior. Um engrossamento semicircular inicia-se na parte superior da cabeça (onde é achatado) e prolonga-se para baixo formando o que, provavelmente, representa uma probóscide de 12 mm de comprimento. Um sulco de 18 mm de largura por 3 mm de profundidade separa a cabeça do corpo. Este, apresenta-se achatado no dorso e fortemente abaulado na parte ventral e, a partir das asas, vai afinando regularmente em direção ao traseiro pontudo-arredondado. As asas, 50 mm de comprimento, estão colocadas próximo ao dorso e tem a forma de arcos de pouco diâmetro. Na parte ventral do objeto, onde ele é mais grosso, aparecem dois pequenos sulcos (40 mm de comp. X 7 mm de larg.), paralelos ao comprimento do corpo (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 16),”
No entanto, entendemos que, aparentemente, o artefato assemelhasse mais a silhueta de uma ave da ordem strigiformes (representado por corujas), pois aves deste grupo possui bico pequeno, olhos projetados para a frente, face plana e a cabeça é envolvida por um círculo anelar de plumas.

2 - Nº de registro: 7626 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui da Conquista – Barra do Sul, SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 16,5 x 11,2 x 7,1 cm.
Cavidade: Não possui.

6 - Peso: 1.820 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Paquiforme.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 16.

FICHA Nº 36



1 - Características: O artefato apresenta característica de um animal marinho, corpo apresentando silhueta hidrodinâmica, com depressão similar há uma nadadeira dorsal bem evidenciada, leva-se a questionar, entretanto, a que categoria se enquadra a representação, visto que os entalhes presentes na escultura não viabilizam a característica do organismo. No entanto, consideramos a possibilidades de ser uma representação alusiva a um cetáceo, um Odontoceti (golfinho) durante o salto, in natura.

2 - Nº de registro: 8048 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sul de Santa Catarina (Perrixil, Laguna, possivelmente, CABRAL, 1968)

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 29,8 x 17,5 x 2,4 cm.
Cavidade lateral: 0,2 cm.

6 - Peso: 1.745 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Platiforme A.

9 - Estado de conservação: Excelente

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Nº 8048. Ivo Alberto Kalb, 1979.
CABRAL, Oswaldo R. Da raridade dos zoólitos platiformes e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna. In: **Instituto de Antropologia da UFSC**, 1968. p. 3-20.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 37



1 - Características: A peça tem a representação de uma ave. O bico espesso e curto assemelhasse a aves que, em sua ecologia, são granívoras (se alimentam de sementes) ou generalistas. Ainda, asas curtas e cauda longa, recorda espécies de algumas famílias da ordem passeriformes, tal como, fringillidae.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 25 x 9,9 x 7,3 cm.
Cavidade ventral: 3,9 cm (na parte anterior) e 1,9 (na parte posterior).

6 - Peso: 1.650 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Nucleiforme C.

2 - Nº de registro: 8398 - Coleção Guilherme Tiburtius.

9 - Estado de conservação: Bom.

3 - Local: Sambaqui da Conquista, Joinville, SC.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Nº 8398. Ivo Alberto Kalb, 1979.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 38



1 - Características: Provavelmente se trata da representação de uma ave, talvez, do grupo (ordem) passeriformes ou columbiformes. Visto que o artefato assemelhasse a aves que possuem asas longas e equidistantes e “cauda” curta.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 22 x 19,7 x 2,5 cm.
Cavidade ventral: 1,6 cm.

6 - Peso: 1.345 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Cruciforme B.

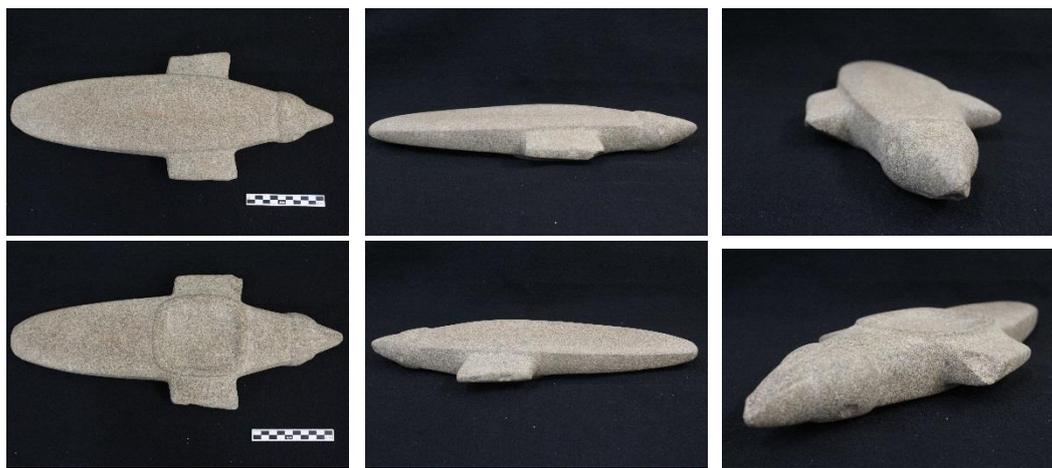
2 - Nº de registro: Sem Número. - Coleção Guilherme Tiburtius.

9 - Estado de conservação: Bom – extremidade que representa a cabeça está quebrada.

3 - Local: Sem procedência exata. Sambaqui do Município de Tubarão, SC (Prous, 1974, p.32).

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. S/Nº. Ivo Alberto Kalb, 1979.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 39



<p>1 - Características: Artefato representando uma ave, bem entalhado na região da cabeça. A escultura apresenta bico espesso e curto assemelhasse a aves que, em sua ecologia, são granívoras (se alimentam de sementes) ou generalistas. Ainda, asas curtas e cauda longa, recorda espécies de algumas famílias da ordem passeriformes, tal como, fringillidae.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: Sem número. - Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 42,7 x 16,6 x 4,8 cm. Cavidade ventral: 1,3 cm.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho.</p>	<p>6 - Peso: 3.810 kg.</p>
<p>10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. S/Nº. Ivo Alberto Kalb, 1979. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Diorito.</p>
	<p>8 - Tipologia: Cruciforme C.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Excelente.</p>

FICHA Nº 40



1 - Características: “Este zoólito, em forma de ave estilizada, talvez marinha, apresenta uma curiosa forma de cabeça [...]. Aparentemente há uma fenda na região gular que se estende anteriormente até o bordo do maxilar inferior. O corpo alongado afina regularmente em direção a cauda. É ligeiramente arredondado na face ventral e mostra uma depressão na face dorsal. As asas, dirigidas para a frente” [...] (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 24)
Possivelmente se trata de uma ave costeira, especialmente devido a uma protuberância no bico que lembra um orifício nasal bem evidenciado em algumas aves que possuem essa protuberância para retirada dos sais, devido a sua ecologia de vida. Além de um bico, aparentemente, forte para a captura de peixes.

2 - Nº de registro: Sem número - Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho – Joinville, SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 57,5 x 28,5 x 7,3 cm.
Cavidade ventral: 3,2 cm.

6 - Peso: 8.480 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Cruciforme C.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. S/Nº. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 24.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 41



1 - Características: “Artefato zoomorfo de pedra apresentando uma ave com asa abertas. O pescoço possui uma forma cilíndrica de seção oval. A abertura do bico, dirigido para baixo, é indicada por um sulco finamente polido. Os olhos se encontram entre o pescoço e a crista; foram produzidos por percussão. A face dorsal da peça é regularmente abaulada; as asas, quase retangulares destacam-se 37 mm do corpo e tem 15 mm de espessura na extremidade externa. A cauda, de forma trapezoidal [...] A concavidade ventral tem bordos bastante salientes, assemelhando-a a uma tigela invertida [...] (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 23-24)”.
Artefato que apresenta a silhueta de uma ave, talvez, do grupo passeriformes ou columbiformes, devido as feições da extremidade anterior: cabeça pequena, bicos em forma de cone e pequenos e olhos relativamente grandes e laterais e com cauda penada dando a impressão de estar aberta.

2 - N° de registro: 7805 - Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 28 x 15,2 x 5,6 cm
Cavidade ventral: 1,7 cm.

6 - Peso: 2.470 kg.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Cruciforme C.

9 - Estado de conservação: Bom – possui uma “falha” na extremidade de uma das asas e do bico, possivelmente, causada por quebra.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. S/Nº. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 23-24.

FICHA Nº 42



<p>1 - Características: “Em redor do esqueleto encontrava-se diversos objetos: próximo ao crânio e com cavidade para baixo, os zoólitos nºs 4334 col. Tib. e 4335 col. Tib. [...] Esta peça de muito bom acabamento, representa, possivelmente, um mamífero em repouso. Não há representação de cauda. Na cabeça, dirigida para baixo, os olhos são indicados por ligeiras depressões polidas e a boca com um sulco. A cavidade apresenta um contorno ovalado e é pouco profundo (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 18-20),” Aparentemente, representa um mamífero que possivelmente remete as espécies do grupo (ordem) Rodentia identificado nos sambaquis: <i>Cavia aperea</i> (preá); <i>Cuniculus paca</i> (paca); <i>Dasyprocta</i> sp. (Cutia); e <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Capivara).</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
	<p>5 - Dimensões: 17 x 8,5 x 7,6 cm. Cavidade ventral: 1,7 cm.</p>
	<p>6 - Peso: 1.615 kg.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Rocha porfírica.</p>
	<p>8 - Tipologia: Nucleiforme B.</p>
<p>2 - Nº de registro: 4335 - Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>9 - Estado de conservação: Bom – possui uma falha (quebra) na extremidade posterior</p>
<p>3 - Local: Sambaqui do Morro do Ouro – Joinville, SC.</p>	<p>10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 4335. Ivo Alberto Kalb, 1979. TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 18-20. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>

FICHA Nº 43



<p>1 - Características: “Zoólito inacabado? (KALB, 1979)”. “Pedra trabalhada, de forma indefinida. Tratar-se-ia de um objeto inacabado ao qual se deseja dar forma zoomorfa? (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 26). Por não apresentar característica marcante, não é possível definir que representação a peça possui. Portanto, pode-se registrar com forma não identificada.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 4337 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 16,6 x 9,9 cm. Cavidade: Não possui.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui do Cubatãozinho – Joinville, SC.</p>	<p>6 - Peso: 965 g.</p>
<p>10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 4337. Ivo Alberto Kalb, 1979. TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas: Antropologia, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 26. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Diabásio.</p>
	<p>8 - Tipologia: “Inacabado”.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>

FICHA Nº 44



1 - Características: “Tigela de pedra polida com 3 pés (KALB, 1979)”.

“Pequeno artefato em forma de tigela; é uma meia esfera côncava de andesito, muito bem polida. Apresenta em sua parte convexa, em dois lados opostos, quatro pequenas saliências em relevo e no terço anterior, uma saliência triangular figurando talvez uma pequena cabeça (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 15)”.

Artefato com representação faunística de difícil interpretação. Tigela com traços zoomorfos.

2 - Nº de registro: 4114 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Samb. Barra do Sul – Araquari/SC

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 6,6 x 7,0 x 1,7 cm.
Cavidade: 1,5 cm.

6 - Peso: 110 g.

7 - Classificação mineralógica: Andesito.

8 - Tipologia: Diverso.

9 - Estado de conservação: Excelente.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 4114. Ivo Alberto Kalb, 1979.

TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 15.

PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 45



1 - Características: Fragmento representando a cabeça de algum animal, possivelmente, uma ave. Entretanto, os detalhes presentes não são suficientes para distinguir o grupo taxonômico específico.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 10,3 x 5,6 x 4,1 cm.

6 - Peso: 395 g.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Fragmento.

2 - Nº de registro: 3098 – Col. Guilherme Tiburtius.

9 - Estado de conservação: Fragmento da cabeça.

3 - Local: Sambaqui da Conquista (nº 9), Joinville, SC.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 3098. Ivo Alberto Kalb, 1979.

PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 46



1 - Características: “Trata-se apenas de um fragmento de objeto zoomorfo. O corte transversal do mesmo sugere que o corpo se assemelhava ao do objeto anteriormente descrito [“inseto” nº 7626]. A parte superior da cabeça, de 36 mm de largura, conserva dois abaulamentos laterais para representar os olhos salientes. A parte frontal é achatada e apresenta uma probóscide dirigido verticalmente para baixo, o que faz lembrar a cabeça de um tabanídeo (motuca). (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 16)”
No entanto, devido a ser apenas um fragmento, não foi possível classificar a fauna que estaria sendo representada.

Citação:

2 - Nº de registro: 7626A – Col. Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui da Conquista nº 9, Barra do Sul.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 7,7 x 9,2 x 5,6 cm.

6 - Peso: 655 g.

7 - Classificação mineralógica: Diabásio.

8 - Tipologia: Fragmento.

9 - Estado de conservação: Ruim.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 7626A. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 16.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 47



1 - Características: “Não apresenta indicação de olhos e a abertura oral é formada por um entalhe estreito. Semelhante ao fragmento nº 6855, col. Tib., achado no sambaqui da Conquista (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 31).”
Pelo fato de ser apenas um fragmento não foi possível a identificação da fauna representada.

2 - Nº de registro: 4838 – Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui da Costeira – Araquari, SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 7,2 x 4,6 x 3,3 cm.

6 - Peso: 155 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Fragmento.

9 - Estado de conservação: Fragmento da cabeça.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 4838. Ivo Alberto Kalb, 1979.
TIBURTIUS, G & BIGARELLA, I K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n. 7, 1960, p. 31.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 48



1 - Características: “Fragmento de uma peça zoomorfa de diabásio com ligeira indicação de olhos e abertura oral pronunciada (TIBURTIUS & BIGARELLA, 1960, p. 17)”. Não foi possível a identificação referente ao grupo pertencente do zoomorfo, possivelmente, ave.

2 - N° de registro: 6855 - Coleção Guilherme Tiburtius.

3 - Local: Sambaqui da Conquista, Barra do Sul/SC.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 5,6 x 3,7 x 3,0 cm.

6 - Peso: 95 g.

7 - Classificação mineralógica: Diorito.

8 - Tipologia: Fragmento.

9 - Estado de conservação: Ruim. Apenas fragmento da cabeça.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 6855. Ivo Alberto Kalb, 1979.
PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 49



1 - Características: Fragmento de um artefato zoomorfo. Não foi possível a identificação da fauna representada.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 4,5 x 4,6 x 3,2 cm.

6 - Peso: 100 g.

7 - Classificação mineralógica: Arenito bege.

8 - Tipologia: Fragmento.

2 - Nº de registro: 7578 – Coleção Guilherme Tiburtius.

9 - Estado de conservação: Fragmento – região da cabeça.

3 - Local: Provavelmente Sambaqui da Conquista nº 9, Joinville, SC, (Prous, 1974, p. 39).

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 7578. Ivo Alberto Kalb, 1979.

PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. In: **Dédalo**. São Paulo: MAE, 1974.

FICHA Nº 50



<p>1 - Características: Segundo Tiburtius “Foi usado como pendente” (1964). O rosto (frontal) quadrado lembra a cachalote (<i>Physeter macrocephalus</i>). Entretanto, somente a <i>Eubaelena australis</i> ocorreu nos sambaquis da região. Também pode vir a representar um Odontoceti (golfinho), visto que ocorria com mais frequência na Baía da Babitonga, possuindo populações residentes.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
<p>2 - Nº de registro: 8381 – Coleção Guilherme Tiburtius.</p>	<p>5 - Dimensões: 6,5 x 3,5 cm – sem cavidade.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui da Conquista – Barra do Sul, SC.</p>	<p>6 - Peso: 55 g.</p>
<p>10 - Referências: Ficha Museu Municipal de Joinville. Nº 8381. Guilherme Tiburtius, 1964. PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>	<p>7 - Classificação mineralógica: Bula timpânica de baleia.</p>
	<p>8 - Tipologia: Paquiforme.</p>
	<p>9 - Estado de conservação: Excelente.</p>

FICHA Nº 51



<p>1 - Características: “Bastão” com a representação faunística de uma ave em uma das extremidades.</p>	<p>4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.</p>
	<p>5 - Dimensões: 42,2 x 25,0 cm – sem cavidade.</p>
	<p>6 - Peso: 239 g.</p>
	<p>7 - Classificação mineralógica: Costela de baleia.</p>
<p>2 - Nº de registro: SN – Col. Guilherme Tiburtius.</p>	<p>8 - Tipologia: Diverso.</p>
<p>3 - Local: Sambaqui da Conquista nº 9 – Barrado do Sul, SC.</p>	<p>9 - Estado de conservação: Excelente.</p>
<p>10 - Referências: PROUS, André P. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l’Uruguay. In: Dédalo. São Paulo: MAE, 1974.</p>	

FICHA Nº 52



1 - Características: Zoósteo no formato de ave, possivelmente da ordem passeriformes, por apresentar bico e cabeça curtos.

4 - Procedência: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) – Joinville/SC.

5 - Dimensões: 6,9 x 4,2 x 2,5 cm.

6 - Peso: 40 g.

7 - Classificação mineralógica: Bula timpânica de baleia.

8 - Tipologia: Paquiforme.

2 - Nº de registro: 4311 – Coleção Guilherme Tiburtius.

9 - Estado de conservação: Excelente.

3 - Local: Sambaqui da Barra do Sul – Araquari, SC.

10 - Referências: Ficha Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Nº 4311. Ivo Alberto Kalb, 1979.

APÊNDICE B – Tabela de sambaquis de Santa Catarina com ocorrência de zoólitos.

Nº	SAMBAQUI	LOCAL	QTD. DE ZOÓLITOS	CARACTERÍSTICAS DOS ZOÓLITOS	QTD. DE ZOÓLITOS ASSOCIADOS	QTD. DE SEPULTAMENTOS	QTD. DE SUPULTAMENOS COM ZOÓLITOS ASSOCIADOS	CONTEXTO DA OCORRÊNCIA	OBSERVAÇÕES
01	Sambaqui do Linguado (nº 26, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 128-129).	São Francisco do Sul, lado esquerdo da estrada Araquari, SC.	02 (Um encontra-se perdido)	1 – Pássaros copulando; 2 – não identificado (peça perdida).	-	“Esqueletos” (Tiburtius; Bigarella, 1960, p. 10). Não especificam a quantidade.	-	Foi coletado por um operário, no lado sul, durante o desmonte do sambaqui segundo Tiburtius (1960, p. 10-11).	Segundo Tiburtius e Iris, vários sepultamentos, artefatos ósseos, líticos e fogueiras (1960, p. 10).
02	Sambaqui do Linguado (nº 27, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 129).	São Francisco do Sul, na extremidade NE da Ilha do Linguado, SC.	02	1 – Provável Ave; 2 – provável tatu estilizado.	-	“Foram encontrados esqueletos humanos” (Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 130). Não especificam a quantidade.	-	-	-
03	Sambaqui de Areias Grandes (nº 3, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 108).	Araquari, estrada Araquari-Barra do Sul, SC.	01	1 – Altamente estilizado. Classificação biológica não identificada.	01 zoólito, juntamente com um disco de bula timpânica e um machado lítico foi encontrado junto a um sepultamento, na altura do joelho, segundo	-	01	-	-

					Tiburtius (1960, p. 12).					
04	Sambaqui do Rio Perequê (nº 13, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 117).	Araquari, aproximadamente 500 metros da estrada Pinheiros-Itapocú.	01	1 – Representação de ictio.	-	-	-	-	-	Segundo Tiburtius e Iris “encontrava-se no solo, a mais ou menos 50 cm de profundidade (1960, p. 12).
5	Sambaqui do Rio Pinheiros (nº 8, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 111).	Araquari, cerca de 100 da estrada Araquari-Barra do Sul, e 600 m rio Pinheiros.	01	1 – Representação de ave.	01	“Foram encontrados 50 esqueletos humanos” (Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 113).	01. Segundo Tiburtius “um sepultamento com um zoólito à mostra” (MASJ, 1996, p. 32).	-	-	
06	Sambaqui da Gamboa (nº 33, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 133).	São Francisco do Sul, lado esquerdo da parte norte do Canal das Barra do Sul. Cerca de 300 metros da baía.	01	1 – Possivelmente, um mamífero, em “posição de repouso, segundo Tiburtius (1960, 14).	-	-	-	Peça encontrada cerca de 800 metros do referido sambaqui, embaixo de uma pedra natural, de 80 cm. de diâmetro e 50 cm. de profundidade (Tiburtius, 1960, p. 14).	“Nas imediações da Gamboa foram localizados cinco sambaquis, quatro dos quais encontram-se completamente destruídos” (Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 131).	
07	Sambaqui da Barra do Sul (nº 12, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 116).	São Francisco do Sul, cerca de 300 metros da praia da harmonia (Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 116).	04	1 – Representa ictio fauna; 2 – Ictio fauna; 3 - Ave (zoósteo, bula timpânica); 4 – Tigela com traços zoomorfos.	-	-	-	3 – Zoósteo de ave: “achava-se dentro de uma valva de ostra juntamente com pequenos ossos de pássaros que não foram conservados”	“Trata-se de um sambaqui alongado, atualmente destruído para pavimentar estradas” (Tiburtius; Iris, 1960, p. 14-15).	

								(Tiburtius; Iris, 1960, p. 15).	
08	Sambaqui da Conquista (nº 9, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 113).	Balneário Barra do Sul.	14	1 – Representação de ave; 2 – representação da ictio fauna; 3 – representação de cetáceo (zoósteo, bula timpânica) e fragmentos.	02	600 sepultamentos aproximadamente. No entanto, o número não é preciso. Nas últimas escavações do Sambaqui foram coletados 82 sepultamentos adultos e 5 infantis (Tiburtius, 1966, p. 123).	01. Segundo Tiburtius, dois zoólitos “encontravam-se ao lado de um esqueleto, no lado norte, a 2,40 m abaixo da superfície superior do sambaqui” (1960, p. 16).	-	“Digno de referência é um sepultamento descoberto na camada IV, e onde encontraram cinco esqueletos de adultos, dispostos radialmente e com crâneos no centro em forma de estrela” (Tiburtius, 1966, p. 124).
09	Sambaqui do Morro do Ouro	Joinville, junto ao rio Cachoeira.	03	1 – Possivelmente um mamífero em repouso; 2 – Ave; 3 – Animal altamente estilizado.	03	-	01	Na década de 1950 Tiburtius acompanhou o desmonte do Sambaqui e coletou material lítico, osteológico, malacológico, ornamentos e os três zoólitos acompanhando um esqueleto.	“Aparentemente tratava-se de um esqueleto de uma pessoa idosa. O maxilar inferior era estreito e apresentava apenas quatro dentes incisivos extremamente gastos. O maxilar superior não apresentava dente algum” (Tiburtius; Iris, 1960, p. 18)
10	Sambaqui do Cubatãozinho (nº 40, Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 136).	Joinville, próximo ao aeroporto da cidade.	12	1 – Ave.	01	Número não especificado. “Diversos esqueletos humanos” (Bigarella J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954, p. 136).	01. Esqueleto sobre osso de baleia. Abaixo do osso um forro com 124 seixos rolados, que no centro havia um zoólito de pássaro (Tiburtius; Iris, 1960, p. 122).	Foram encontrados em decorrência do desmonte do sambaqui para a pavimentação do aeroporto de Joinville, em dois momentos: 1951	-

									e 1958 (Tiburtius; Iris; p. 20).	
11	Sambaqui do Porto do Rei	São Francisco do Sul	01	-	-	-	-	-	“Encontrou-se poucas coisas, entre elas um zoólito e uma grande laje plana para afiar Segundo Tiburtius “um sepultamento com um zoólito à mostra” (MASJ, 1996, p. 32)	-
12	Sambaqui da Costeira (Tiburtius, Iris, 1960, p. 31).	Balneário Barra do Sul	01	1 – Ave (fragmento).	-	-	-	-	“Neste sambaqui, do ‘tipo limpo’ com poucos vestígios de ocupação humana e atualmente demolido, foi achado o fragmento de um zoólito representando a cabeça de um animal” (Tiburtius; Iris, 1960, p. 31).	-
13	Sambaqui da Garopaba (Prous, 1974, p. 59).	Jaguaruna, SC.	01	-	-	-	-	-	Peça encontrada por Fernando La Silva (Prous, 1974, p. 59).	-
14	Sambaqui da Armação de Itapocoroí	Itajaí, litoral.	01	-	-	-	-	-	-	-

	(Prous, 1974, p. 53).									
15	Sambaqui de Congonhas I (Prous, 1974, p. 48)	Tubarão	03	-	-	-	-	-	-	-
16	Ilha de Santana (concheiro) (Prous, 1974, p. 63).	Imbituba, ponta (Castro Faria, 1959, p. 4)	15	-	-	-	-	-	-	Quantidade não especificada foi encontrada por Castro Faria (1959).
17	Itapiruba (concheiro) (Prous, 1974, p. 53).	Litoral, entre Laguna e Imbituba.	02	-	-	-	-	-	Coletado em concheiro. Encontra-se na coleção particular do Dr, Pabst (Prous, 1974, p. 53)	-
18	Sambaqui da Mina Velha (Prous, 1974, p. 45).	Garuva, litoral de Joinville	01	Antropolito	-	-	-	-	-	-
19	Sambaqui do Perrixil (Prous, 1974, 64).	Laguna	02	-	-	-	-	-	-	-

20	Sambaqui do Rio Comprido (Prous, 1974, p. 60).	Litoral de Joinville.	01	Fragmento.	-	-	-	-	-
21	Sambaqui do Rio Velho (Prous, p. 27)	Litoral de Joinville.	09	-	-	-	-	-	-
22	Sambaqui da Roseta (Prous, 1974, p. 18)	Laguna	01	-	-	-	-	-	-
23	Sambaqui de Santa Marta (Prous, 1974, p. 41).	Sul de laguna	02	-	-	-	-	-	-
24	Sambaqui do Pântano do Sul [também é conhecido por ser um sítio misto]	Florianópolis, SC.	10 (um é antropolito)	-	02	04 (três nas dunas e um abaixo do sambaqui tradicional)	01	Em 1975 João Alfredo Rohr encontrou um sepultamento feminino acompanhado de dois zoólitos. As demais peças foram retiradas por moradores locais da praia entre as décadas de 1940 e 1960.	Segundo Rohr "Nas áreas escavadas foram registrados quatro sepultamentos e recolhido ossadas esparsas de outros sepultamentos, destruídos pelos sítiantes (1977, p. 80).

RESULTADOS:

Total de sambaquis com zoólitos em Santa Catarina: **24**

Total de zoólitos em sambaquis de Santa Catarina: **91**

Total de sambaquis com zoólitos associados a sepultamentos: **05**

Sepultamentos com zoólitos associados: **06**

ANEXO A – FICHAS ORIGINAIS DOS ZOÓLITOS. AHMHS/CC.

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	Caixa 7
7 obj. 4	4. Pilão alisado zóomorfo (bicho marinho ou passaro); pilão encontra-se na parte inferior entre as asas, um pouco fora do meio para a direita, de forma perfeitamente oval, com diâmetro de 84x58 e profundidade de 22 mm com borda saliente de 11 mm de grossura; dorso arredondado, convexo entre os lados; cauda não destacada, das asas até a cauda adelgaçamento em linha reta (132mm), extremidade conicamente adelgada, arredondada, quase semicircular; asas curtas, rudimentares, destacadas do corpo por frisos leves, a esquerda com comprimento de 61, largura de 20, grossura de 22 na base, a direita com comprimento de 56, largura de 26, grossura na base de 27, ambas adelgadas e terminando em fio cego, curvado; cabeça destacada por um friso circunferencial, de diâmetro circular, com indicação de olhos bem no meio, bico conicamente adelgado, arre-	66

dondado, semiglobal, sem indicação ulterior.
 ps.: 1 420g.; cp.: 260; lg.: 116; gr.: 45;
 Material: Diorito.
 Local: Sul da Ilha.
 Procedência: Coleção Berenhauser.

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	17
1 obj.	<p>Pedra(moinho)chato com duas superfícies polidas,nas faces opostas com concavidades;a superfície polida frontal tem um diâmetro de 402x341, a concavidade um pouco menor e oblonga e segue os contornos naturais da pedra,maior profundidade(7mm) perto da margem elevando-se o nível de novo para o centro,em forma de pratos de banda de música;a superfície dorsal oblonga coincide com a cavidade,diâmetro 464x342, maior profundidade(21 mm.) perto da margem elevando-se de novo o nível para o centro em forma de pratos de banda de música;uma margem desta cavidade danificada.</p> <p>ps.:56 200kg.; cp.:630; lg.:440; gr.:115;</p> <p>Material: Eruptiva terciária. Local: Sul da ilha. Procedência: Coleção Berenhauser.</p>	

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida	4353
Caixa 216	<p>Fragmento(cabeça)dum instrumento zoomorfo representando um pássaro, talvez uma pomba; alisamento ótimo sem vestígios do lascamento original; pescoço de 39 mm de largura e 29 de grossura, formado em curvas côncavas; parte trazeira da cabeça saliente; bico apontado, caracterizado por um friso no meio em ambos os lados de 17 mm de comprimento; curva da cabeça convexo-elíptica; nenhuma indicação de olhos; diâmetro da cabeça plano-elíptico.</p> <p>ps.:158; cp.:70; lg.:62; gr.:32;</p> <p>Material: Rocha em decomposição. Local: Sul da ilha.</p> <p>Procedência: Coleção Berenheuser.</p>	

Seção etnológicas	Era Précolombiana <i>Exp. Museu</i> Objetos da cultura da pedra polida	38
1 obj.	<p>Pilão zoomorfo (forma de uma pomba) pilão no ventre perfeitamente oval de diâmetro: 17x124, com borda parcialmente destruída arredondada de 14mm de grossura; cauda não destacada, adelgada simetricamente para a ponta quasi semicircular, comprimento 111, grossura 51 - 12, largura 100 - 85; asas destruídas 86 e 78 de largura; cabeça bem destacada por um pescoço de 59 de largura e 56 de grossura; bico arredondado, danificado, pouco destacado; cabeça 70 de comprimento, 66 de largura, 55 de grossura; abaixo da cabeça um bico indicado por um friso mais elíptico de diâmetro <i>comprimento</i> 26x32; em cada lado da cabeça duas cavidades circulares de 9 de diâmetro, um par indicando os olhos, outro par indicando as fossas nasais.</p>	

ps.: 5 200kg.; cp.: 390; lg.: 150; gr.: 90;

Material: Diorito.

Local: Sul da Ilha.

Procedência: Coleção Berenhauser.

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	Exp. Museu 61
Caixa 4	<p>Pilão zoomorfo (forma de peixe, baleia); pilão na parte inferior, de circunferencia perfeitamente oval, sem borda destacada; o eixo do pilão não coincide com o do peixe; diametro 96x115, profundidade de 31 mm; corpo 104 de largura; dorso arredondado, no centro uma barbatana dorsal de 31 de comprimento, 11 de largura e 4 de altura, adelgada para cima; 65mm da extremidade começa a cauda (40 lg., 43 gr.) que termina em duas barbatanas delgadas laterais, uma delas danificada; perto da cabeça duas barbatanas laterais, simetricamente colocadas, estendidas levemente para a frente (29 cp., lg.: 30gr.18); cabeça bem destacada, com os olhos indicados por cavidades circulares (17 mm diametro, 3 de</p>	

profundidade); testa marcada por um sulco, boca apontada marcada por dois frisos no lado não bem simétricos (13 respectivamente 11 mm de comprimento)
ps.: 1 530kg.; cp.: 212; lg.: 152; gr.: 76;

Material: Diorito.

Local: Sul da Ilha.

Procedência: Coleção Berenhauer.

Secção Etnologica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	65
Caixa 7	<p>Pilão alisado zoomorfo (forma de passaro); pilão na parte inferior, quasi circular de 77 mm de diametro e 31 de profundidade, borda arredondada de 13 de grossura; dorso plano, convexo entre os lados; circumferencia do corpo quasi circular, levemente oval; nenhuma indicação de cauda ou de asas; cabeça colocada um pouco fora do meio para a esquerda; pescoço 15 mm de grossura e 18 de largura; cabeça destaxada, com comprimento de 19, largura de 13, grossura de 9; olhos formados por cavidades circulares ao lado da cabeça de 3 mm de diametro; imediatamente abaixo dos olhos um friso semicircular de 2 mm de largura e 1 de profundidade de um lado da cabeça até o outro; bico apontado, com dois frisos convergentes na ponta de 9 mm de comprimento e 6 de largura; alisamento perfeito, quasi sem vestígios do lascamento original.</p>	

ps.: 600g.; cp.: 110; lg.: 88; gr.: 55;

Material: Diorito.

Local: Sul da Ilha.

Procedência: Coleção Berenhauser.

E.P. Muesen

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	66
Caixa 7	<p>Pilão alisado zoomorfo (bicho marinho ou passaro); pilão encontra-se na parte inferior entre as asas, um pouco fora do meio para a direita, de forma perfeitamente oval, com diametro de 84x58 e profundidade de 22 mm com borda saliente de 11 mm de grossura; dorso arredondado, convexo entre os lados; cauda não destacada, das asas até a cauda adelgaçamento em linha reta (132mm), extremidade conicamente adelgada; arredondada, quasi semicircular; asas curtas, rudimentares, destacadas do corpo por frisos leves, a esquerda com comprimento de 61, largura de 20, grossura de 22 na base, a direita com comprimento de 56 largura de 26 grossura na base de 27, ambas adelgadas e terminando em fio cego curvado; cabeça destacada por um friso circumferencial, de diametro circular, com indicação de olhos bem no meio, bico conicamente adelgado, arre-</p>	

dondado, semiglobal, sem indicação ulterior.

ps.: 1 420; cp.: 260; lg.: 116; gr.: 45;

Material: Diorito.

Local: Sul da Ilha-

Procedência: Coleção Berenhauser.

Secção	Era Precolombiana	
etnológica	Objetos da cultura da pedra polida	67
Caixa 2	<p>Pilão zoomorfa (provavelmente forma de peixe) gravemente danificado, cavidade do pilão com diâmetro 70x59 e profundidade de 26, perfeitamente oval, de aprofundamento absolutamente simétrico; alisamento perfeito sem vestígios de lascamento; base base da trazeira destruída, na base de 30 mm de largura e 22 de grossura; engrossamento apenas indicado; cabeça destruída, na base 45 mm de comprimento, base base da barriga apenas indicada; diâmetro plano-elíptico.</p> <p>ps.: 980g.; cp.: 160; lg.: 92; gr.: 60;</p> <p>Material: Diorito. Local: Sul da Ilha. Procedência: Coleção Berenhauser.</p>	

Secção	Era Precolombiana	
etnológica	Objetos da cultura da pedra polida.	77
Caixa 7	<p>Fragmento de uma pedra zoomorfa, cabeça destruída; pescoço 50 de largura e 44 de grossura; dorso convexo aplanado em sentido da extremidade; extremidade do tronco arredondada, curvada, convexa entre os lados, arredondada nos cantos; nos lados arredondados asas ou braços na esquerda 49 de comprimento, 12 de largura, 21 de grossura na base; na direita 46 de comprimento 9 de largura e 19 de grossura na base; ambas adelgadas terminando em fio cego curvado; no centro do peito uma protuberância (seio?) de 39 mm de diâmetro e 13 mm de altura; na no centro dela uma cavidade circular de 13 mm de diâmetro e 4 mm de profundidade.</p> <p>ps.: 890g.; cp.: 118; lg.: 90; gr.: 61;</p> <p>Material: Diorito. Local: Sul da Ilha. Procedência: Coleção Berenhauser.</p>	

EVP. Museu

Secção etnológica	Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.	68
Caixa 7	<p>Pilão zoomorfo, alisado; forma de cruz, provavelmente passaro em vôo (totem?); no centro da face inferior a cavidade oval com diametro de 64x52 e profundidade de 16 mm; borda da cavidade levemente elevada; a parte superior plana; alisamento bom com poucos vestígios do lascamento; cabeça triangular, com diametro na base retangular, largura na base 55, comprimento 42; aplanamento para a ponta de quatro faces retas, sem indicação de bico ou olhos; cauda cortada de forma quadrada, na base arredondada, reta, largura 73-62, comprimento 39; asas assimétricas, aplanadas, terminando em fio cego, arredondado convexo, uma na base com largura de 68, na extremidade de 52; comprimento de 36; outra com largura na base de 69, na extremidade de 43, comprimento de 50 mm.</p> <p>ps.: 1 180g.; cp.: 150 lg.: 140; gr.: 40;</p>	

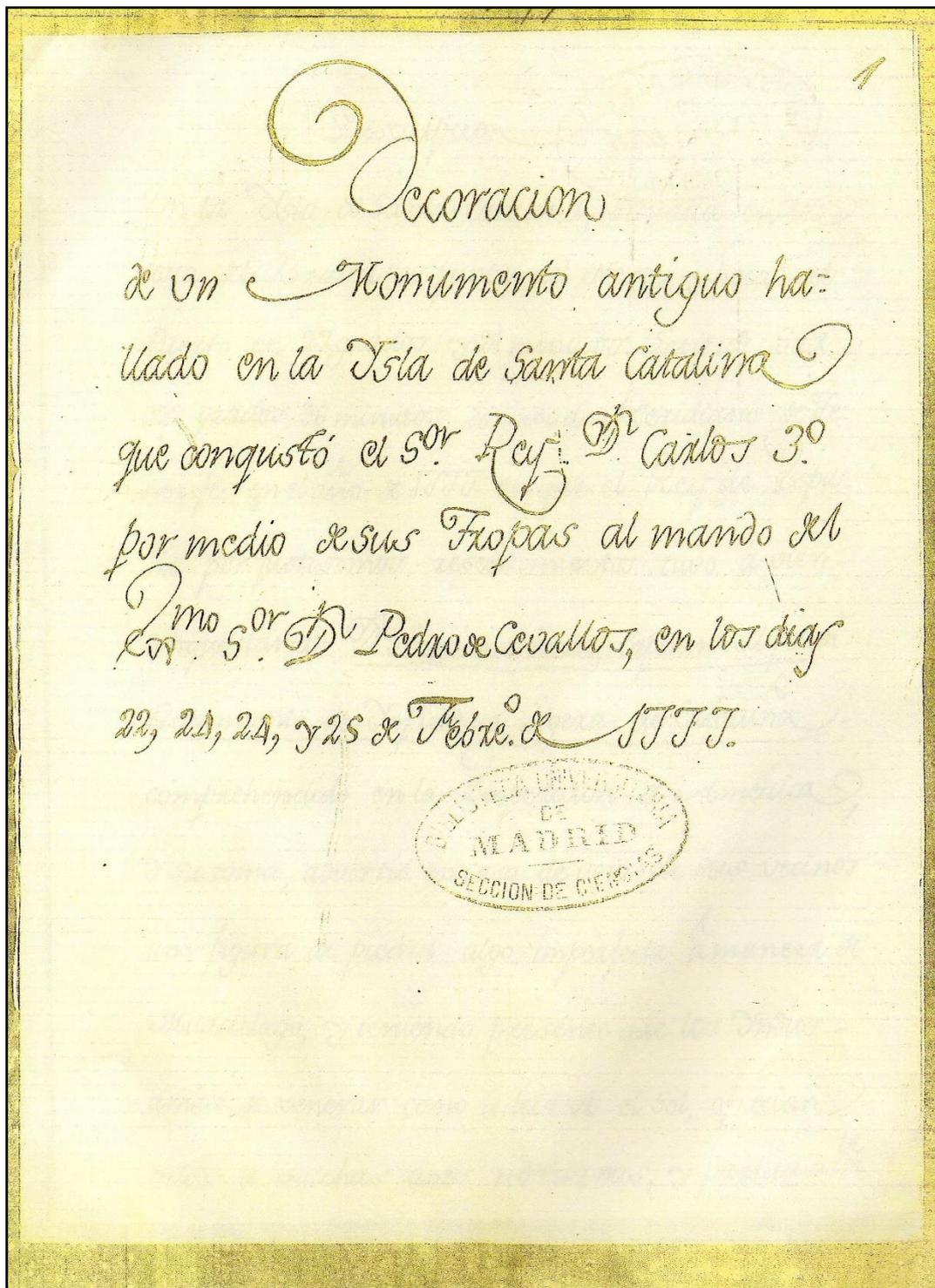
Material: Eruptiva terciária.
Local: Sul da Ilha.
Procedência: Coleção Berenhauser.

<p>Secção Etnologica</p>	<p>Era Precolombiana Objetos da cultura da pedra polida.</p>	<p><i>K. P. M. Beren</i> 70</p>
<p>Caixa 4</p>	<p>Pedra zoomorfa (forma de peixe, delfino?) provavelmente usado para triturar milho ou alisar peles; barbatana trazeira destacada por um friso circumferencial de largura variante de 2-7 mm; 32 mm distante da extremidade; ponta desta barbatana de 24 mm de largura com um sulco de 11 mm de largura e 3 de profundidade; barbatana dorsal exageradamente grande; cabeça destacada por um sulco, semelhantemente a testa; no meio desta protuberancia, um pouco para baixo são colocados os olhos, cavidades circulares de 5 respectivamente 7 mm de largura e 2 de profundidade, um lado mais alto do que no outro; boca marcada por um friso, que atravessa a ponta, de 20 respectivamente 24 mm de comprimento,</p>	

o primeiro paralelo a bariga, o segundo erigido para cima; da a impressão que o peixe está executando uma curva.
ps.: 1 200kg.; cp.: 240; lg.: 112; gr.: 44;

Material: Diorito.
Local: Sul da Ilha.
Procedência: Coleção Berenhauser.

ANEXO B - Carta de D. Geronimo Verde, Capitan de Primero Regimiento de Ynfantaria Ligera de Catalunã. 1778.



Descripcion



2

En la Isla de Santa Catalina, situada en la
costa del Brasil su punta del Norte, y boca del
Puerto en 27 grados, y 28 minutos Latitud Sur;
327 grados 36 minutos Longitud Meridiano de Fe-
nixe. en el año de 1577. en que el Rey de Espa-
ña por justisimos resentimientos tuvo á vien-
conquistaria: D. Jeronimo Verde, Capitan del prim.
Reconvimiento de Infanteria Ligera de Cataluna
comprehendido en la Expedicion de America,
y su toma, advirtió en casa de uno de sus vecinos
una figura de piedra algo imperfecta á manera de
Muciclago, y teniendo presente que los Indios
amás de venerar como á deidad el Sol, ofrecian
cultos a muchas aves nocturnas, y particularm^{te}.

2
ála referida por el temor que les causa su con-
figuracion, y entrago, que en este y otros Países
incomoda haviendo una cisura con tai delicade-
za que sin dispendiar al paciente chupa la
sangre para saciarse, verificandose una efusi-
on hasta perder la vida, y siendo en el modelo
muy semejante en magnitud, y estructura á lo
muchos de que abunda: que la Poblacion, y des-
cubrimiento de la Isla constava de pocos años;
por tanto pasó á especular su derivacion, y cir-
cunstancias que la podian hacer apreciable, -
reconociendo los cortos manuscriptos que se
encontraron y decoracion hecha por sus Indi-
viduos.

En el año de 1698 un Hombre

3

foragido de el País de los Paulistas (*) en la
costa del Brasil distante como 80 leguas de la
referida Isla, fue el primero que se posesionó, y
edificó una Choca, que encontró, y llegaron á
visitarle algunos Indios sumamente viejos,
quienes parece no havian desamparado aquella
tierra por su decrepitud, en las correias de
algunas Naciones que por involuntaria arribada
les havian llenado de temor, pasando muchos
á la parte del Sur del continente, que hexa menos
transitado. Si como este Hombre propagó algu:
nos descendientes se ignora pero es inferible se
congregaria con alg.^s Indios ó que pudo haverse
traido Nuyeres, lo cierto es que llegó á tener

(*) Hombres forasos, y Abandonados desend.^s de Piratas y gente vendida

varios descendientes: que algunos años despues
dos Embarcaciones Olandesas fondearon para
hacer aguada, y haviendo encontrado con su
monada le quitaron los comestibles, y mataron
dos hijos. Pasados algunos años un fraile Car
melita de los Pueblos de Misiones, que conquis
tavan por la parte del Rio-grande vino foragi
do á unirse por casualidad con este fundador
y empezó á edificar una capilla, que subsistió
hasta que algunas familias, descarriadas por
sus delitos, se juntaron, y construyeron Poblacion.

Savido por los Paulistas este congreso, quienes
solo reconocian un dominio algo lejano al Rey
de Portugal, embiaron un Sefe para que somette
(se

Y mandase á estos foragidos, quien subsistió con todas las facultades de Señor: hasta que el Gen.^l que mandava aquel entonces el Rio-geneixo, habiendo dado parte á su Rey natural el fidelísimo Señor Joseph V. dixigio, y mandó tomar posesion al Brig.^o Josef de Silva Paes, quedando de Governador el año de 1734 que habiendo prometido algunas ventajas fuéron varias familias de Islas y otros que por sus delitos se destinaron con el fin de aumentar la Poblacion.

Este Monumento de antigüedad lo encontró entre los penales á la Isla de Flores, ó barra del Sur, un Cabo de Escuadra que se hallava destacado en el frente de la Concepcion, que dixigio y

regalo al Cuartel Maciste del Regimiento
fijo de la Plaza el año de 1771, pero este haci-
endo poco aprecio del presente, le entregó á
Josef Ribeira de Estrada uno de los primeros
Soldados del mismo cuerpo, y le servia para
majar especia en el ojo é Dndeduxa que
forma en el centro.

Haviendo preguntado á este, y otros Mozo-
dores antig.^s del País pudo indagar por un vi-
ejo que trabajava en la fortaleza de la referida Isla
de Flores como al tiempo de desmontar unas
cobachas construidas en las rocas encontraron
bajos instrum.^s constat. de piedra (*) y una Capilla

(*) Como Generalmente no tienen conocimiento del fierro trabajan
y perfeccionan sus obras, por medio de la *Frotacion*.

5
toscamente travajada con algunas figuras in-
perfectas, cuyos Idolos quedaron enterrados uno,
y otros hechados al agua con mucha inxision de
los operarios: Que asi mismo en un penote
llamado Isla de Viñas se reconoció al tiempo de
desmontar una porcion de Monte para hacer
plantio bajos sepulcros groseramente travaja-
dos, con huesos algunas cenizas, y redomas ó
cantaros de piedra, pero como mixaban con des-
precio, y error semejantes, espectaculos los
tiraron al Mar para alejarles de su presencia.
Haviendo pasado personalmente á reconocer con
mucha escrupulosidad los referidos parages, so-
lo se encontraron algunos fragmentos de ornas
de Piedra toscamente construidas para poder

acreditar visiblemente las referidas noticias:
ello es cierto que por su construcción y circums-
tancias, es Monumento antiguo que no es
regular lo haya producido el caso con tanta uni-
formidad, y si tal fuese se hacía también apre-
ciable en el concepto de los Naturalistas.

Por esta razón, y ser un instrumento que
puede acreditar en adelante la posesión, y
Dominio que tubo en dicha Isla, el S.^o D. Carlos
3.^o Rey de España se ha tenido por conveniente
el recaudarle y remitirse al Gabinete de Historia
natural de Villa del Desierto en la Isla de S.^{ta} Cata-
lina a l.^o de Mayo de 1778.



Jerónimo Venderg
86

ANEXO C – Autorização de disponibilização de cópias

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: JEFFERSON BATISTA GARCIA

RG: 1069219002

Título da Dissertação: **PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: OS ARTEFATOS ZOOMORFOS E ANTROPOMORFOS SAMBAQUIEIROS DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 13 de dezembro de 2018.



Jefferson Batista Garcia